O QUE FAZ UMA CASA?

NOTAS SOBRE A ARTE DE HABITAR

Para o Francisco,
que começa agora a sua aventura de habitar.

Pelo meu avô que esperou por esta prova.

Agradeço,

À Mónica, por tudo;
aos meus pais, por tudo;
ao professor Manuel Mendes, pela inesgotável disponibilidade,
e por me saber ler, antes mesmo de eu me saber escrever;
a todos os homens e mulheres das casas por onde me demorei
e que me ensinaram a habitar intensamente.

RESUMO

ABSTRACT

casa | pessoa | habitar | território | subjectividade | disponibilidade

home | person | inhabitation | territory | subjectivity | availability

A questão ‘’o que faz uma casa?”, além de nos inquirir sobre os elementos da mais diversa ordem que se compõem para que um casa se realize, leva-nos ao reconhecimento da ’casa’ enquanto agente produtor de subjectividade.

Esta dissertação de mestrado debruça-se sobre essa dinâmica complexa e heterogénea da relação entre a pessoa e o espaço de habitar. A consciência de que a relação da pessoa com o espaço da casa ultrapassa a esfera da objectividade, leva ao reconhecimento da ‘casa’ como centro da realização do território da pessoa.

Assumindo a ‘casa’ como realização expressiva - mais do que obra material, ou conjunto de usos - propomo-nos a indagar sobre o papel da arquitectura na construção da casa.

A arquitectura, operando sobre a materialidade, não é indiferente à produção de subjectividade que vai enunciar e condicionar quando habitada. No reconhecimento do território do habitante, o arquitecto deve encontrar os campos de expansão da sua actividade no sentido de aproximação às necessidades e anseios do seu sujeito-habitante.

A aproximação à dimensão subjectiva, de que a casa é simultaneamente produto e produtora, é feita a partir de cartografias da experiência do habitar. A intenção de tomar o problema da produção da casa a partir do espaço vivido, leva a que se adopte a experiência própria como objecto de estudo. A visita empreendida a casas habitadas na primeira pessoa pretende encontrar no contacto próximo e no registo das suas diversas dimensões – matriz espacial, formas de ocupação, rotinas, hábitos, ambientes, processos de maturação – formas de disponibilidade da matéria construída para a realização do território do habitante. Formas essas que, por sua vez, serão avaliadas enquanto modelos de arquitectura, enquanto elementos a integrar o léxico com que se pensa e produz os espaços construídos.

O enquadramento teórico deste inquérito à vida das casas é feito a partir da convocação de temas da investigação e da prática da arquitectura, mas também de outras áreas que se cruzem com o estudo dos espaços construídos. A heterogeneidade dos conteúdos que integram esta dissertação revela-se nos diversos tipos de registos produzidos, que encontram a sua tradução na estrutura do trabalho.

The question ‘’what makes a home?”/”what a home makes?”, title of this dissertation, further than inquire us about the components of all kinds that get together to make home happen, lead us to the recognition of ’home’ as a subjectivity producer.

This master’s dissertation leans over the dynamic relationship between the person and the inhabitation space. The conscience that this relationship between the person and the home’s space exceeds the sphere of objectivity, lead us to the recognition of ‘home’ as the center of the person’s territorial realization.

Assuming ‘home’ as an expressive realization – more than a material work or a set of uses – we propose a research on the roll of architecture in the construction of home.

Architecture, working over the material sphere, is not indifferent to the production of subjectivity that will be part of when inhabited. Recognizing the inhabitant´s territory, the architect must find the expansion fields of his work, in the way of get closer to the inhabitant’s needs and wishes.

The approximation to the subjective dimension witch home is simultaneously product and producer is made through the cartography of the inhabited space. This intention of taking the problem of home’s production from the point of the living space, take us to the adoption of the self experience as the object of study. The visit to the inhabited homes pretends to find in its various dimensions – spacial structure, forms of occupation, routines, habits, environments and maturation process – forms of availability of the material construction to the inhabitant territorial realization. Such forms, in their turn, will be evaluated as architectural models, as elements to be par of the architectural lexis with which the constructed space is though and produced.

The theory framework of this home’s inquiry is made from the convocation of architectural practice and investigation themes but also of other disciplinary areas that embrace the study of the living space. The heterogeneousness of the study’s contents lead to the production of various sets of records, with which this work is set up.

INTRODUÇÃO

A questão
As proposições
Estrutura/ Guia de leitura

‘’Talvez só possamos colocar a questão [o que é a filosofia?] tardiamente, quando chega a velhice, e a hora de falar concretamente.(…) não tínhamos atingido esse ponto de não-estilo em que se pode dizer enfim: mas o que é isso que fiz toda a minha vida? Há casos em que a velhice dá, não uma eterna juventude mas, ao contrário, uma soberana liberdade, uma necessidade pura em que se desfruta de um momento de graça(...) ”[1]

“ a casa, como o lugar primordial do habitar, estaria na origem da arquitectura” [2]

A velhice precoce não é de todo uma ambição, mas essa ''soberana liberdade", esse ''momento de graça" que permite colocar as perguntas capitais não pode deixar de provocar uma ingénua cobiça. Visita-nos frequentemente essa ilusão que manejando tais questões ainda em juventude se poderia gozar com outra glória os anos até à velhice.

Não poderemos negar alguma pretensão na decisão de colocar abertamente a questão ''o que faz uma casa?". Mais que um grito de graça, que uma consumação da força intelectual capaz de responder a tal pergunta, ou sequer de a colocar na medida justa da sua grandeza, esta pergunta é notícia de um conflito constante entre uma prática (profissional e académica) e uma vida. Tal questão, na verdade é colocada ao próprio ânimo de arquitecto – ''se não sabes o que faz uma casa, o que fazes, arquitecto?"

A questão da produção da casa tem dois sentidos, por um lado inquere sobre os elementos que se juntam, que se constroem para que se componha uma casa de facto; por outro lado, interroga-nos sobre que produções essa casa realiza, que manifestações e mutações essa casa implica nos seus sujeitos. Como cedo o leitor suspeitará, este texto não trata de identificar os produtores e os produtos desta relação, mas antes aproximar-se dessa dinâmica complexa que se realiza entre os espaços da casa (domésticos, públicos e entre) e a pessoa, para nessa proximidade ao habitar de facto, tornar a perguntar: o que é que a arquitectura pode fazer?

Os elementos que concorrem para que uma casa se componha são da mais diversa ordem, cruzam universos materiais e imateriais, estendem-se por todas as cadeias de relações do homem com o meio; a tarefa da arquitectura – a produção de espaços para o acolhimento deste ser-casa – não pode ser alheia a tal multiplicidade e heterogeneidade.

O projecto de investigação de que esta dissertação se propõe ser firme enunciado procura construir instrumentos de pensar e produzir novas/renovadas disponibilidades para a casa enquanto habitar, partindo do reconhecimento preciso das dinâmicas e dimensões de que se compõe.

A proposição de fazer coincidir as premissas da vida com as premissas da arquitectura leva-nos a um inquérito à vida das casas; uma visita à experiência do habitar (aquela cujo contacto é mais exaustivo e permanente – a minha própria experiência), com o propósito firme de construir novas disponibilidades depreendidas de casas completas por onde me detive – em algumas anos, noutras, horas. A adopção da experiência própria como objecto do estudo não trata nenhum valor particular da minha experiência (apesar de ela estar povoada de valores singulares), nem nenhuma pretensão autobiográfica, o seu recurso deve-se apenas ao facto de ser a única experiência ao meu alcance de expor, de traduzir, de denunciar com maior fidelidade e precisão enquanto coisa de pensar a casa. A natureza deste texto não é assim indiferente à condição do seu leitor, não sendo restrito a profissionais da organização do espaço, esta dissertação pretende formar uma reconsideração das prioridades nos processos de intervenção da arquitectura.

A pretensão de compor um instrumento de pensar disponibilidade para a casa a partir da experiência do habitar não se realiza sem a convocação da investigação: correntes de pensamento, práticas de arquitectura com os mais variados graus de relação com a experiência (própria ou não) de habitar, mas também com o projecto, e também com a escrita, são chamados a montar este instrumento. Este texto resultará – à semelhança da resolução a que nos filiamos para a ideia de casa – num conglomerado de matérias heterogéneas, mas que não

1 - Gilles Deleuze e Félix Guatari; *O que é a filosofia?*; Tradução de Bentro Prado e Alberto Alono Muñoz. Editora 34. pg.9
2 - Ignasi Solà-Morales; *Arquitectura*, in *Introducción a la arquitectura. Conceptos fundamentales*

se ficará pela mera acumulação de elementos, constituirá os seus estados de entendimento, fará o seu posicionamento na oportunidade, encontrará a consistência nos seus re-arranjos sucessivos.

Assim, nessa co-germinação se constroem três estados, três blocos, que albergam um compromisso inquieto entre essas quatro entidades (vida, investigação, projecto e escrita), o seu desassossego interno permite curto-circuitar tais estados, interagir entre os elementos de que se compõe cada um.

Ao longo destes estados vão sendo formuladas algumas proposições de base face ao entendimento da relação da pessoa com o espaço construído de onde se projectarão pistas para a prática da arquitectura. Nesta apresentação trataremos de adiantar o percurso teórico que tais proposições, que serão teses em construção, tomaram; não se esperem delas resoluções inequívocas ou definitivas, elas são proposições em aberto, convites ao seu manejo.

> 'É isso que permite afirmar que, a seu modo, as casas produzem homens."[3]

[Casa (princípios)]

|* A casa é o território comum ao espaço de permanência e à pessoa.*|

Se a casa terá fundado a arquitectura, o que estará na origem da casa, o que terá fundado a necessidade de construir para habitar?

Encontramos nos apelos do corpo – e na fuga às ameaças do meio - uma origem para a convocação do construir (como o encontramos noutros animais) aproximando-nos de uma ideia de origem biológica: um instinto de habitar. O controlo que as fronteiras do domínio próprio garantem induz no homem um sentimento da ordem, do conforto; a protecção do corpo é a possibilidade de descanso de espírito, é a possibilidade de construção de um quadro de vida, um centro de relações com o outro e com o *fora*. Desde esta primeira casa não mais se separam ou se distinguem os apelos físicos e as manifestações subjectivas, habitar é uma mesma necessidade inconstante e variável. Esta interpretação da origem da capacidade de construir não reunirá unanimidades (nem será nossa pretensão fazê-lo), outras formulações encontram a proveniência do saber construir numa dotação divina exclusiva ao homem-arquitecto, por imagem e orientação do deus-arquitecto (a exemplo na teologia judaico-cristã, o obreiro do templo de Salomão ou do tabernáculo do deserto de Moisés ou da arca de Noé). Aqui não se distinguem igualmente as necessidades de ordem subjectiva dos propósitos do corpo, as premissas de construir um deus em pedra não permitem a mera objectividade dos seus constructos. Tal ideia da origem da construção e por inerência da casa, mais do que na validade dos seus argumenos, importa na influência que teve em séculos de produção de arquitectura.

A nossa busca pela proveniência da ideia de casa desloca-se desta casa primeira, anterior a todas as outras, para encontrar a figura da casa natal de cada um, aquela onde se formou a consciência do espaço próprio e, diante a qual, a consciência do eu. A casa que está fisicamente inserida em nós, não apenas em memórias ou imagens, mas em hábitos, gestos moldados por esses primeiros recortes.

No entanto, tal pertença não é estrita, tais hábitos renovam-se, esquecem-se: outras casas surgem em vida e que

3 - Ludmila de Lima Brandão; *A casa subjectiva;* pg. 134

partilham a construção da pessoa, e onde se realizam novas afinidades com o entorno. São as verdadeiras casas próprias, as casas de construção da maturidade. Na sua medida albergam a identidade da pessoa, assim como se albergam na pessoa e viajam com ela, e se evocam a cada nova instalação.

A assunção da casa como território, como espaço de realização remete-nos para uma ideia de domínio mútuo, onde o que a compõe não é apenas a materialidade de um pedaço de terra e suas cercaduras mas, também, uma presença humana iminentemente imaterial que ultrapassa os limites do próprio corpo e que cunha esse pedaço de terra à pessoa.

A casa parece assim estar votada à condição única do corpo, a cada momento só habitamos uma casa – a que se compõe com a nossa presença, aquela a quem empregamos os nossos dias. A casa demite-se da sua objectividade, ela não é (só) construção e por certo não será uma soma de usos. Como procuraremos provar, a casa pertence, sobretudo, à esfera da expressividade, da composição repentina de elementos heterogéneos, materiais e imateriais que permite a sensação de pertença, de realização.

> " de uma maneira ou de outra, o animal é mais aquele que foge do que aquele que ataca, mas suas fugas são igualmente conquistas, criações"[4]

[Casa-fuga]

|*A casa, como o seu sujeito, é mais aquela que se move entre os seus lugares de referência e seus exteriores do que aquela que se recolhe entre muros.*|

O cometimento da pertença a um lugar não tem (sempre) um vínculo estanque, veremos que as dinâmicas da territorialidade prezam, antes de mais, pela inconstância e heterogeneidade, movimentos de fuga e de volta moldam continuamente os nossos territórios de realização, somam-lhes novas geografias.

Se o habitar costumeiro - os hábitos, as rotinas, os ritos - constroem a identidade de uma casa, também as migrações, as viagens, a ausência, o esquecimento, revertem (sempre mediante a volta) para a sua construção, para a intensidade da sua experiência.

A consciência da necessidade de tais contaminações como enriquecimento da condição única da casa (condição única do corpo) provoca o desejo de simulação de uma outra vida, de uma outra casa, a qual é sempre tomada a prazo: essa é a condição da casa de férias ou da visita à casa de terceiros, que prevê sempre um regresso ao lugar de identidade. Estas casas são convidadas a integrar a casa própria, na medida da sua experiência, na medida do imaginário (re)colhido.

A fuga da casa conhece territórios diferentes da deslocação do corpo, da visita a outras casas. A casa evade-se pelos seus próprios dispositivos de comunicação: a **janela** que convoca exteriores e seus tempos, a **porta** que inventa a privacidade em escassos centímetros, e, porque não, a própria rede de recolha de resíduos que em conjunto com **o quarto de banho** permite esse alívio entre paredes; a estes dispositivos de evasão sensorial – e material – somam-se os tecnológicos, de fugas para universos virtuais: a televisão, o telefone, o computador e todos os híbridos.

4 - Deleuze, Gilles; Guattari, Félix.; *Mil Platôs, capitalismo e esquizofernia. Vol. I*; pg.29.

''Nunca fui capaz de construir uma casa, uma autêntica casa. Não me refiro a projectar e construir casas, coisa menor que ainda consigo fazer, não sei se acertadamente"[5]

''a terra já não é a estranha e obscura, mas pela primeira vez presente: o presente concedido ao homem desterrado"[6]

[Casa-Milhões]

|*a arquitectura não faz casas autênticas, apenas constrói disponibilidades: preparos para que a terra seja humanamente ocupada.*|

A visita a casas amplamente realizadas e a construção de um sentido arquitectónico a partir da sua experienciação, tende para a prática, para formar uma ferramenta de pensar – e de projectar – condições para casas completas, onde tais ambições enfrentam meios e condicionantes de que estas casas visitadas se vão escapando.

"A habitação humana especialmente na grande cidade parece continuar a ser o tema quantitativamente mais importante que compete à arquitectura e aos arquitectos"[7], especialmente nas suas extensões fragmentárias, carentes de consistência, de precisão. A lógica do mercado que produz grande parte do parque habitacional rege-se mais pelos imperativos do lucro e da especulação do que de qualquer corrente de pensamento. Tais princípios são satisfeitos tecnocraticamente pela banalização acrítica de modelos, e de modos de construir anacrónicos e alienantes.

Estas arquitecturas, que constroem boa parte do nosso entorno, revelam uma indiferença face à complexidade, variação e imprevisibildiade do fenómeno de habitar que se propõem albergar e de que são invariavelmente condicionantes. Estas produções retraem-se perante a urgência de pensar o domínio do espaço vivido, ou têm dele uma visão demasiado polida que permite encaixa-lo numa forma[8] de habitar mais ou menos padrão.

De entre os esforços que a arquitectura socialmente mais atenta tem vindo a inventar, desde o surgimento de uma consciência da insuficiência de uma forma de construir generalizada, visitamos as experiências de alguns protagonistas de uma ''arquitectura social", os quais procuram nos caminhos de uma emancipação do habitante, uma superação da sua mera condição de utilizador. Esta reconstituição do poder de decisão parecia ser o caminho para a recuperação da gratificação da pessoa face à casa.

Os perigos de homogeneização que decorrem da construção de habitação sob a ditadura do mercado são, potencialmente, inflamados pela evolução das máquinas de comunicação e de informação que fazem hoje invariavelmente parte das nossas casas. Evolução (e invasão) essa que em si não pode ser conotada positiva ou negativamente. A falta de sentido crítico dos seus operadores, de moderação no consumo dos seus produtos, são os agentes que levam tais máquinas a bombardear-nos de universos virtuais (que parecem oferecer uma alternativa à insipidez dos nossos lares) e que nos colocam perante o risco da *mass-mediatização* e de eliminação da diferença.

5- Álvaro Siza; *Viver uma Casa' 994 - 03*; *01 Textos por Álvaro Siza*

6 - Luis Martinez Santa-Maria; *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*; p14. "La tierra ya no es la extraña ni la oscura sino por primera vez presente: el presente concedido al hombre desterrado.

7 - Ignasi Sola-Morales. *"Presentes e futuros. La arquitectura de las ciudades*; "Sin embargo, la habitación humana, especialmente em la grand ciudade parece seguir siendo el tema cuantativamente más importante que compete a la arquitectura y a los arquitectos".

8 - nota: deve ser lido "forma" enquanto "peça que serve para construir outra, comunicando-lhe o seu feitio e suas dimensões; molde;". "*Dicionário da Língua portuguesa*"; 1975, 5ª edição, Porto editora.

A imprevisibilidade do habitar, os compromissos com a sua condição singular, o anseio de viver bem, de habitar completamente – o desejo de uma casa completa, e a legitimidade de tal aspiração, devem levar o arquitecto a reinventar o seu papel face à construção de territórios de domesticidade. Duas linhas nos parecem reservar especial potencialidade de expansão da acção do arquitecto:

Uma primeira refere-se à construção da disponibilidade para a casa – o ''dar casa". A consciência da matéria sensível de que se compõe a casa, mas sobretudo a consciência da sua variabilidade e da sua condição de coisa própria, vota o arquitecto – a profissão da arquitectura - à impossibilidade de fazer *casas de facto*. A tarefa menor de ''projectar e construir casas" deixará essa outra (por exclusão) maior de construir autênticas casas para o domínio do habitante, de quem vive em casas, de quem habita. Ao arquitecto caberá parte da criação de disponibilidades para que essa casa se realize.

Esta consciência da incapacidade da disciplina para pensar (e realizar) por si os problemas do habitar está no centro do conflito deste texto e leva-nos à sua proposição. Se tal ''disponibilidade" nos sugere uma ideia demasiado vaga, avançamos para o reconhecimento de algumas das suas evidências presentes nas casas por onde nos demoramos: a generosidade dos ambientes, a redescoberta de uma relação com o solo, o máximo espaço como condição de hospitalidade, o controlo sobre o troca de ar e a luz com o fora; assim como diversos dispositivos de natureza estritamente aquitectónica – a duplicação da entrada, a adopção de compartimentos dispersos como parte de uma mesma casa – podem ser reflexos da instalação de uma mais apurada consciência das necessidades de habitar na prática da uma arquitectura corrente.

Uma segunda linha de expansão da disciplina será a que se refere ao ''ser casa" em que o arquitecto entra, com cordialidade, na casa em curso e se propõe lidar com as flutuações do banal, do dia-a-dia, encontrando em momentos chave a sua oportunidade de participar no enriquecimento de suas existências: a mudança, a nova instalação, a mera manutenção podem fazer surgir novas formas de gratificação da pessoa face à casa.

[Estrutura - Guia de Leitura]

> ''Para o múltiplo, é necessário um método que o faça efectivamente; (…) As criações tipográficas, lexicais ou sintáticas são necessárias somente quando deixam de pertencer à forma de expressão de uma unidade escondida para se tornarem uma das dimensões da multiplicidade considerada"[9]

A heterogeneidade emprestada pelo campo e os propósitos do estudo produzem vários registos de escrita e de iconografia. Antes de libertar o leitor na sua visita, deixamos, em jeito de guia de leitura, uma breve nota sobre o carácter de tais registos.

Ao reconhecimento já apontado dos três blocos que organizam a dissertação, resta acrescentar que eles podem e merecem ser lidos sem ordem particular, melhor seria se fossem lidos simultaneamente ou, na impossibilidade, que sejam revisitados após uma primeira leitura. A operatividade de tais blocos é da ordem da interacção entre os seus conteúdos, e entre o texto e as evocações que este desperta a cada leitura. O leitor não se deverá propor a esta visita sem que se permita disponível a visitar o seu próprio imaginário, a convocar a sua experiência de habitar e com ela construir a sua leitura que é simultaneamente a construção de um outro texto, próprio e singular.

O corpo desta dissertação é constituído por dois conjuntos de registos de naturezas distintas. O conjunto a que chamamos de ''Convocatória" apresenta-se sobre papel branco; em cada bloco, as convocatórias sucede-se em continuidade e são identificadas por numeração romana, título próprio e sumário na primeira página, o que permitirá reconhecer com alguma prontidão a sequência dos temas tratados, assim como facilitar a sua interacção com outros registos. Aqui são convocados os temas da arquitectura (da investigação e da prática), assim como, temas que se cruzam ou que embatem amplamente com o estudo dos espaços construídos e da sua relação com a pessoa, como seja o caso da filosofia (e aqui não será demais realçar o contributo operativo das leituras de Gilles Deleuze e Félix Guattari). Na elaboração destes contributos, o permanente cruzamento descomprometido das referências com a experiência e produção própria produzem especulações, peças mais ou menos concretas para a construção da casa. Estes apuramentos serão destacados a ***bold*** no corpo do texto da convocatória.

O segundo conjunto de registos a que chamamos ''Apontamento", apresenta-se sob a forma de cadernos destacáveis encadeados ao longo dos blocos. Estes Apontamentos são dominados por registos próprios, entre o desenho, a palavra e a memória fotográfica, sendo eles de diversas naturezas: notas vagamente antropológicas, textos diarísticos, assim como registos de levantamento sensorial (ambientes, atmosferas) e analítico (métrica, matriz espacial), relatos, entrevistas e pequenas proposições de ensaio. Estes apontamentos possuem uma lógica independente do bloco, apesar de se encadearem entre as convocatórias com que têm uma afinidade dominante, eles são destacáveis na sua configuração como no seu conteúdo. Cada um destes apontamentos trata uma *casa de facto*, regista impressões da sua experiência e o que dela se induz enquanto modelo/estado de habitar.

O apontamento é identificado na folha de rosto com numeração árabe e com os contributos-chave da elaboração sobre a respectiva experiência, seguido do nome atribuído à casa em questão e sumário. Acrescentamos a advertência respeitante à definição destas *casas de facto*, elas tomam o contributo que foi sendo apurado na investigação, assumindo-se *''casa"* na sua dimensão iminentemente expressiva, enquanto território próprio; estas casas podem assim exceder ou abdicar de recortes que tínhamos por convencionais, elas podem assumir apenas uma parte – inclusive secundária – do(s) programa(s) da casa.

Acrescenta-se a nota: a "Convocatória XII – "Casa da disponibilidade" constitui-se como um esboço de balanço das sínteses produzidas ao longo do trabalho.

9 - Gilles Deleuze, Félix Guattari; *Mil Platôs, capitalismo e esquizofernia. Vol. I*; pg.29.

bloco I - CASA (princípios)

Tinha ambições de procurar e encontrar, como uma odisseia, a minha casa nalgum lado. Parti em busca dessa casa que tinha deixado muito atrás, e que não conseguia lembrar exactamente onde, mas estava no caminho para lá (...)
Nasci muito longe de onde deveria estar... e agora estou a caminho de casa."[i]
Bob Dylan

"A beleza da arquitectura é aquela que lida com as ressonâncias da mente, de onde vem aquilo que ainda não foi dito e aquilo que ainda não foi feito.
De todas as coisas, eu honro os princípios.
Eu acredito no que foi como sempre tem sido, e no que é como sempre tem sido, e no que será como sempre tem sido. Eu não acho que o jogo circunstancial de ano para ano, de era para era, tem o que quer que seja a ver com o que está disponível para ti. A pessoa da antiguidade tinha a mesma mente brilhante que nós assumimos ter agora."[ii]
Louis I Khan

convocatória

I. COBERTO E ENCLAVE
gruta - abrigo achado; coberto - abrigo construído | o abrigo e o controlo | controlo físico e controlo simbólico - a invenção do conforto | Casa

II. CASA DE ADÃO
arquitecto | a arquitectura como providência transcendente | o instinto de construir

III. CASA ORIGINAL
arquitectura como representante | o coberto simbólico - centro e limite | o símbolo e a função | modelação mútua

IV. CASA NATAL
maternidade | acolhimento | multiplicidade e evocação | hábitos orgânicos e filiações expressivas

V. CASA DA AFINIDADE
"as coisas da vida" | a inteligência táctil | a duração | percepção e afecto | a instalação e a compatibilidade com a matéria | estado de habitar | hospitalidade

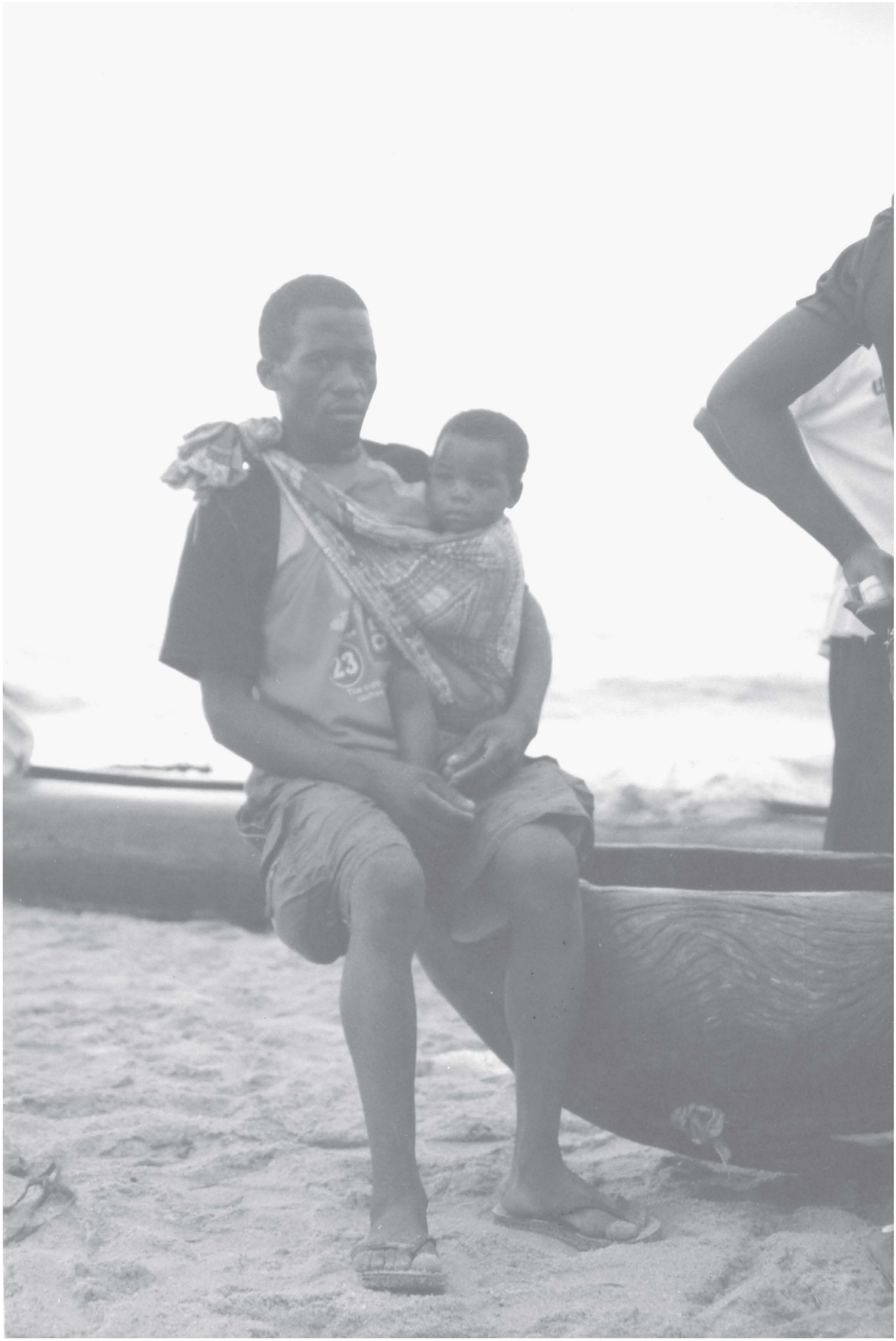
apontamento

1. o remoto e o presente: CASA NO NIASSA
remoto e contaminação | a redescoberta do exterior próprio | centro e limite | do uso da lentidão

2. cartografias da familiaridade: CASA DO TIM TIM
a casa e o fora | cartografia | tempo circular | familiaridade | sobreposição

3. regaço e inconsciente alojado: CASA DO MENINO
memória e evocação | vagueza | ser interior | espessura | humor | regaço

4. pertença e lugar: CASA DA MAXIEIRA
ruralidade e contaminação | casa-lugar | afinidade | bricolage



I
COBERTO E ENCLAVE

gruta - abrigo achado; coberto - abrigo construído | o abrigo e o controlo | controlo físico e controlo simbólico - a invenção do conforto | Casa

''o homem suburbano, adormecendo na sua varanda, puxando uma secção do seu jornal de domingo sobre a cabeça, repete o acto de nascimento da arquitectura"[1]



i02 - pintura chinesa do lugar de um acampamentio; não encontrando nesta imagem sinais de uma cultura ''primitiva'', dá-nos um retrato da elementariadade herdeira dessas primeiras habitações erguidas pelo homem: a composição destes dois elementos de controlo do espaço - coberto e enclave - para a instalação do conforto patente na pompa dos seus habitantes.

É uma tendência de qualquer ensaio empreender uma busca ao radical do problema, seja ela conceptual e vá ao encontro das mais primitivas origens epistemológicas dos termos, seja histórica, apostada em desenterrar a prova de uma dada tese.

A nossa proposta de inquérito à casa enquanto habitar não pode deixar de sondar a proveniência de tal manifestação. A impossibilidade de desenhar uma linha inequívoca até às primeiras casas não nos impede de especular sobre algumas possibilidades.

Uma via possível para desencobrir a origem da casa é a interpretação biológica, a construção de abrigo é acto transversal a boa parte da biosfera: chimpanzés em África constroem plataformas nas árvores para dormir; orangotangos cobrem-se com folhas para se protegerem do sol[2]. Bernard Rudovsky, através de Darwin, apresenta-nos estes manifestos como os primeiros passos das artes mais simples, entre as quais a *''rude architecture''* [3].

Entre os refúgios de outros animais podemos reconhecer dispositivos edificados bastante mais complexos que os destes primatas, os ratos constroem tocas, com funções de abrigo, mas também de fuga e de provisão, colmeias e formigueiros erguem-se sob a ordem de uma ampla organização social e produtiva

Se neste ponto não nos espanta a consideração de um nascimento da arquitectura anterior ao homem, Bernard Rudofvsky desafia-nos a origens ainda mais remotas :

> ''Ainda antes dos homens e das bestas andarem pela terra, já existia algum tipo de arquitectura, grosseiramente modelado pelas primeiras forças da criação, ocasionalmente polido pelo vento e pela água em elegantes estruturas. (…) Cavernas estão entre os primeiros abrigos dos homens, e talvez se tornem os últimos.''[4]

Esta arquitectura herdada da própria terra,(i03) das forças da sua criação pode ter respondido à

i - Bob Dylan, *No Direction Home*, um filme de Martin Scorsese. «I had ambitions to set out and find, like an odyssey of going home somewhere. I set out to find this home that I'd left a while back… and i couldn't remember exactly where it was, but i was on my way there. [...] I was born very far from where I supposed to be… and so I'm on my way home, you know…».

ii - Louis I Khan; *"Between Silence and Ligth"* , pg.54. editado por John Lobell. «The beauty of architecture is that it deals with the recessions of the mind, from which comes that which is not yet said and not yet made. Of all things i honor beginnings. I believe, though, that what was always been, and what is has always been, and what will always been. I do not think the circumstantial play from year to year, from era to era, has anything to do with what is available to you. The person of old had the same brilliance of mind that we assume we have now. But which made a thing become manifest for the first time is our great moment of creative happening.»

iii - Ignasi Solà-Morales, ; *Arquitectura,* in *Introducción a la arquitectura. Conceptos fundamentales*

1- Bernard Rudovsky, *Architecture Without Archtects, prefácio*, «Suburban man falling asleep near his lawn mower, pulling a section of his Sunday paper over his head, thus re-enacts the birth of architecture.»

2- Charles Darwin, *Descent of the man;* ps.53 «he orang is know to cover itself at night with the leaves of the Pandamus»

3- *Id. ibid* ; «the anthropomorphous apes, guided probably by instinct, build for themselves temporary platforms; but as many instincts are largely controlled by reason, the simpler ones , such as this of building a platform, might readily pass into a voluntary and conscious act(...) The orang is known to cover itself at night with the leaves of the Pandanus; (...) In these latter habits, we probably see the first steps of rude architecture an dress, as the acrose amongst the early progenitors of man».

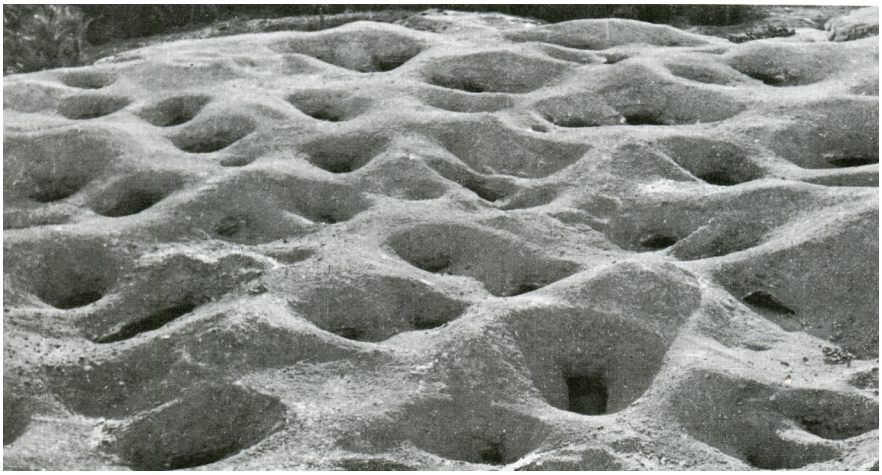
4- Bernard Rudovsky. *Architecture Without Archtects,* prefácio «Yet even before men and beasts walked the earth, there existed some kind of architecture, coarsely modeled by the primeval forces of creation and occasionally polished by wind and water into elegant structures. (…) Caves, having been among the man's earliest shelters, may turn out to be his last ones»



i03 - Ciudad Encantada, Madrid, Espanha, formações rochosas moldadas pela erosão da água e do vento



i04 - vila ''subterrânea'' de Loyang, norte da China



i05 - buracos irregulares são entradas para habitações num Oasis em Siwa, Egipto



i06 - cidade troglodita de Pantalica em Sícilia

''Na areia havia poços de pouca profundidade; desses minúsculos buracos (e dos nichos) emergiam homens de pele cinzenta, de barba desgrenhada, nus.''[5]

necessidade primitiva de abrigo, ao impulso do corpo para se proteger de um exterior desfavorável; esse simples acomodar-se ao sulco da rocha pouco tem a ver com a arquitectura de subtracção(i05, i06) que subsiste operativa até aos dias de hoje e com casos de grande sofisticação(i04); moldada pelo homem permite dispositivos adaptados às necessidades inconstantes do habitante, ultrapassando a simples provisão de abrigo.

Ainda assim, esta construção subterrânea, por subtracção, libertando o homem de um construtor exterior - a própria terra com as suas forças dos ventos e das águas - vota-o a uma permanência inflexível e a uma pré-existência específica, tais obras exigem uma quantidade de trabalho e uma configuração geológica incompatíveis com a migração, uma permanência que faz dos homens que a habitam figuras míticas. Não será por acaso que Jorge Luís Borges tomou os trogloditas por personagens do seu ensaio sobre a imortalidade: " Tudo me foi esclarecido naquele dia. Os trogloditas eram os imortais (...) Erigiram a obra, esqueceram-na e foram morar nas cavernas."[6]

Este paradigma de dependência da morfologia do meio altera-se com o invento do coberto(i07), a acumulação criteriosa de materiais para fabricar uma protecção é um trabalho experimental, um ciclo de avaliar, medir, montar; não se trata de uma reacção directa à ameaça exterior ou instinto de sobrevivência, é antes fruto da percepção das necessidades do corpo e do espírito e uma leitura sensível do meio.

O coberto, não sendo a primeira habitação, é a primeira autonomia do habitar face à pré-existência, o homem pode agora fabricar o abrigo, inventar o interior, reconhecê-lo enquanto construção própria, delimitada em suas dimensões, e deslocar-se com ele. Com a cabana termina o mistério das profundezas inacessíveis da gruta interior, o mistério da partilha de limites da habitação com o infinito.

''A cabana, o refúgio, o vulgar coberto são arquétipos de todas as construções"[7], assim como são a fundação de uma nova condição de habitar. Ainda que tais arquétipos tenham surgido como resposta às necessidades mais eminentes de sobrevivência, de protecção face ao clima, face a animais selvagens ou a outros homens, eles podem estar na descoberta

5 - Jorge Luis Borges, *O Aleph*, p.18.

6 - *Id., ibid.*

7 - Luis Martinez Santa-Maria, *El Árbol, el Camino, el Estanque, ante la Casa*, p. 14, «La cabaña, el refugio,un vulgar techumbre son arquétipos de todas las construcciones.»



i07 - dia de mudança numa aldeia em Guiné

de necessidades mais subjectivas que reconhecemos no acto de habitar. Segundo André Leroi-Gourhan[8] a possibilidade de criação desse refúgio, a percepção de controlo que ele induz, está na base de conforto físico e moral do homem.

Este coberto pode ter sido indutor do desenvolvimento da dimensão imaterial da casa; a percepção de controlo, que o perímetro de segurança enuncia, pode estar relacionada com o desenvolvimento de sectores cérebro associados ao controlo dos nossos antecedentes, que poderá ser lido uma transformação do homem induzida pela habitação.[9] Segundo o mesmo autor, a percepção de controlo dada pelo refúgio cerrado está associada à que nos é oferecida pelos ritmos de socialização; o homem através destes dois agentes intenta estender o controlo a todo o fenómeno espaço-temporal por meios simbólicos, entre os quais a própria linguagem.

A descoberta do conforto pelos meios para o satisfazer, a sequente necessidade de domesticação do espaço e do tempo, do refúgio e do seu entorno, pode ter sido o primeiro dos passos para a arte de habitar, uma manifestação de evidências materiais, mas que se estende em dimensões expressivas em códigos complexos de estímulos sensoriais.

Esta fronteira ambígua entre a providência de um abrigo e a descoberta do conforto pode ser lida como a marca origem da casa. Deixamos de falar de cabana/coberto/refúgio para falar de uma Casa, composição do abrigo físico com a construção simbólica de território que busca a necessidade inconstante de conforto. A partir da casa, a terra já não é mais estranha - está preparada para ser humanamente ocupada.[10]

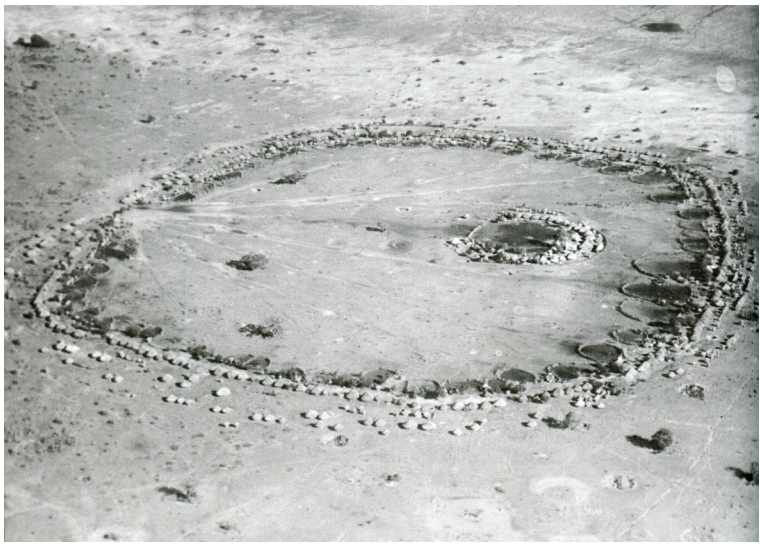
A necessidade de protecção que levou a erguer o coberto torna-se necessidade de privacidade: o intento já não é o de resguardar a integridade física mas o de satisfazer essa (nova) necessidade de conforto; é agora exigido que se reserve esse exterior em torno, que se designe como espaço próprio, que se goze a privacidade com outros usos que não o do recolhimento momentâneo, que não o da fuga perante o predador.

8 - André Leri-Gourhan, *Le Geste et la Parole*, ap. Joseph Rykwert, *La casa de Adán en el Paraíso,* p. 22, «Es curioso que los primeiros edifícios supervivientes sean contemporâneos de la aparición de las primeras marcas rítmicas… la base del comfort dísico y moral del hombre es la percepción totalmente animal del perímetro de seguridad.»

9 - *Id., ibid.* «(...) lo poço que se sabe [de las habitaciones de pré homo sapiens] basta para demostrar que se produjo un profundo cambio hacia el momento que corresponde al desarrollo de los sectores del control del cérebro en las estripes relacionadas com el Homo sapiens (…)» .

10 - Luis Martinez Santa-Maria, *op. cit.*, p. 14, «La tierra ya no es la extraña ni la oscura sino por primera vez presente : el presente concedido al hombre desterrado. (…)».





i08 e i09 - vista aérea de uma aldeia na Zambia; destaque para o enclave do chefe no interior do enclave maior da aldeia, cada conjunto de habitações corresponde um pequeno espaco cercado. Uma metáfora da ideia de cadeia habitacional (desenvolvida na convocatória IV)

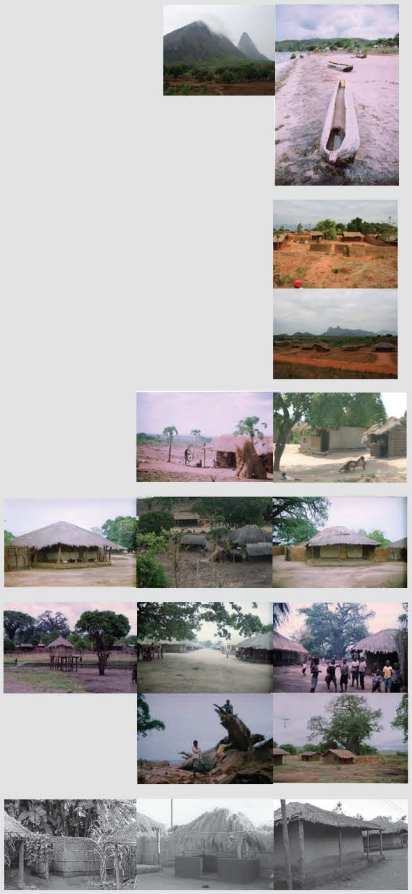
Esse espaço cercado, física e simbolicamente, inequivocamente ou não, é o território próprio: primeiro, o próprio da pessoa, depois o da família, da tribo, da cidade, ante o território interminável do mundo - um habitar em cadeia de enclaves(i08, i09).

Mais que albergar usos, o maior ímpeto do enclave é o de dar lugar à construção de identidade do território interior. Tal propósito exige mais que um cerramento total. Se a privacidade é uma necessidade incontornável para essa construção de identidade, também o é a comunicação, as contaminações a que essa identidade se presta.

Apontamento 1: o remoto e o presente

CASA NO NIASSA

remoto e contaminação | a redescoberta do exterior próprio |
centro e limite | do uso da lentidão



Apontamento 1: o remoto e o presente

CASA NO NIASSA

remoto e contaminação | a redescoberta do exterior próprio |
centro e limite | do uso da lentidão



i01 - Niassa, Moçambique, lugar no supé das caprichosas montanhas da província do Niassa.

i02 - entre o remoto e as marcas de contaminação, o pneu a remendar a canoa de toro, Mponda, Niassa,

i03 - cemitério que foge para a floresta, Niassa.



i04 e i05- Niassa, casas-pátio de infuência *Swahili*

i06 - Niassa, casas-pátio de infuência *Swahili*



i07 e i08 - casa à saída de Nampula

i09 - sesta à sombra, na saida de Nampula, Moçambique



i10, i11, i12 - Chiunga, Niassa, casas



i13 - Mponda, Niassa, celeiro suspenso

i14 e i15 - as ruas de Mponda



i16 - árvore tombada nas ruas de Mponda

i17 - casas ante a árvore em Mponda

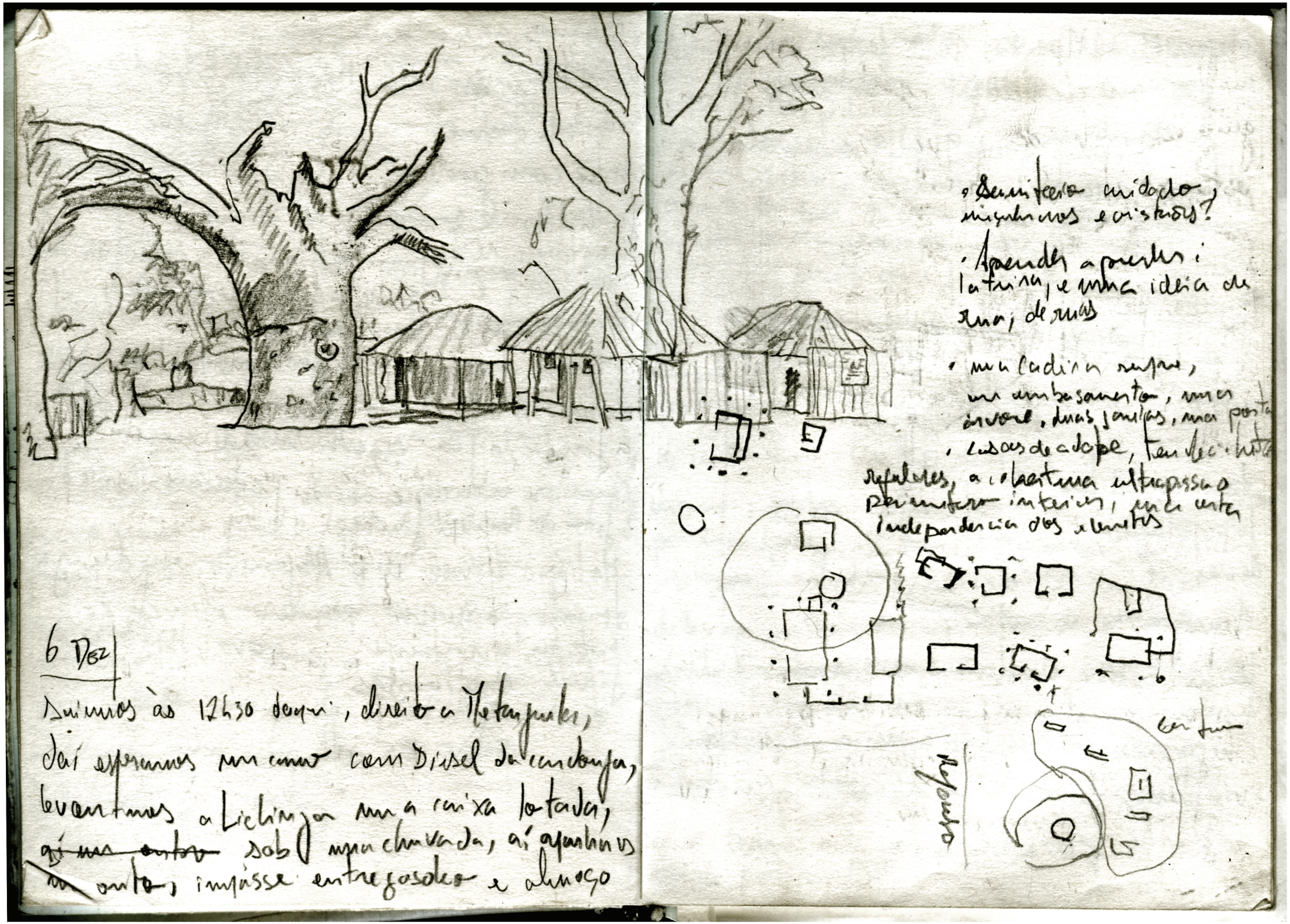


i18, i19, i20 - aspectos da habitação Yao nos arredores de Lichinga,

"É uma estranha voz, de que só se escuta um eco, ao descrever essa travessia do Niassa, é difícil falar no presente, mesmo quando lá, a minha proveniência era a de outro tempo, os meus olhos eram de alguém que olhava para o passado; a impossibilidade de presença completa num espaço que está noutro tempo é, talvez, motivada pela a simples ausência de hábito, o grande acomodador que impede a coexistência com todos estes lugares."
Diários de paragem, Maputo, março 2011

"A sensação que faltava escrever: de práticas seculares, sem variação, que convivem ou não com a novidade importada. A canoa de um toro com séculos remendada a pneu, a motorizada chinesa do dono que não conhece senão este lugar, o sul-africano atrás de ouro, o pescador de cuecas e t-shirt da frelimo ''com Guebuza vamos acabar com a pobreza."
Diários de viagem, Quelimane,7 dezembro 2010


i02
i01



i.19 - caderno de viagem, dia 5 de dezembro de 2010 (desenhos): registo de três casas em planta e vista geral da primeira.
[Notas imediatas sobre o conjunto:] A ideia de rua: Casas de terra, regulares, a cobertura ultrapassa as paredes para fazer o alpendre. uma cadeira, para a sombra, duas janelas e uma porta; Uma independência entre os elementos de construção; Um processo, aquilo que podemos apontar como um modelo de casa completo tem assegurada a suficiência em suas fases intermédias.
[Três pátios]: A cerca de caniço; As espinhosas; O embondeiro e a latrina



i02



i01

A passagem do Niassa

A primeira casa desta dissertação é também a mais distante, o seu propósito pode-se assemelhar a essas tentativas de que Joseph Rykwert fala de rememorar a forma e natureza[1] de uma primeira casa; escusamos a chamar primitivos aos povos que a habitam; admitimos antes o nosso olhar demasiado recto para compreender um lugar que não goza dos aparatos tecnológicos da nossa proviniência.

É uma casa e um lugar de uma gente cujo proximidade não deixou de enunciar uma ideia de remoto nos olhos de um europeu urbano, tal não se deve confundir com qualquer evidência histórica de total isolamento, com qualquer cristalização de cerimónias e ritos. É um lugar não isento de contaminações, a nossa presença ali é prova disso.

Esta casa surge aqui pela condição de confronto com um habitar de necessidades anteriores que as casas das nossas cidades foram esquecendo, um habitar que não conhece a invenção de muitas das necessidades contemporâneas.

Se a nossa proposição é a de ante cada casa desencobrir as manifestações de um habitar, ler as marcas da territorialidade, da expressividade, do quotidiano dos seus habitantes, a convocatória desta casa começa antes do encontro com esta morada particular. A revisita à viagem em que nos chegou esta casa, torna-se necessária pela distância que ela apresenta às nossas referências.

Do contacto tangente com a habitação do território percorrido da província do Niassa, sobra uma ideia de continuidade na organização dos assentamentos, nos modos construtivos, na matriz das habitações; esta constância merece-nos um registo.

A ideia de remoto, que o primeiro confronto com este quadro estranho aos nossos hábitos induz, é depressa desmitificada pela prova da sofisticação que estas habitações revelam; a proliferação de um tipo de organização de influência *Swahali*[2] é em si uma marca de uma corrente comunicação de saberes, a delimitação sensível de níveis de privacidade e o rigor construtivo nada têm de primitivo.

1 - Joseph Rykwert. *"La casa de Adán en el Paraíso"; pg. 13.* ''Antes que a ideia de uma «primeira» casa formasse arte do aparato conceptual, tentou-se rememorar a sua forma e natureza mediante cerimónias e ritos de povos que chamamos todavia primitivos"

2 - ver "nota sobre a habitação Yao", ainda neste apontamento







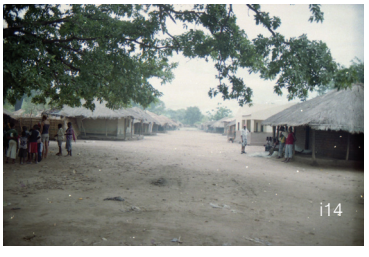


Impressões em trânsito

"(…) no comboio (dos sonhos) por entre uma paisagem que não cabe nas janelas abertas porque não têm forma de fechar. Casas de planta quadrangular cobertas por caniço largam uma paliçada macia entre os anexos reservando pátios generosos. Quantas peças de habitar perdidas não estão aqui presentes, à espera de ser recuperadas: entre as sestas na eira ao sol, casas no sopé de montanhas insólitas, cemitérios que fogem para a floresta. (…)"

diários de viagem 10h 4 de dezembro 2010, Nampula-Cuamba-Lichinga.





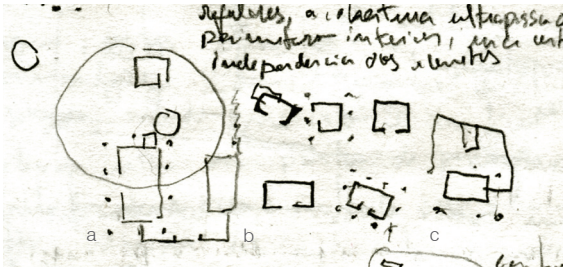


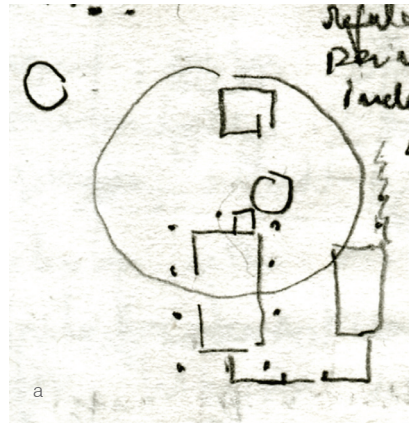


Impressões de Mponda

(…) não se sente aquela coisa "civilizada" de quem tem mais que fazer do que dar; nestes isolamentos há uma personalização permanente, para nada há indicações, é o lugar da invensão. Mas isto é um fim de linha, é um foco, não há passagem para outras paragens, ficar aqui é ficar para sempre neste estado, e nós somos provisórios, navegaremos no híbrido dos continentes, é bom chegar a Mponda e sentir na pele por onde passámos(…) nas ruas, nas casas, entramos, cumprimentamos, constragidos invasores numa visita em festa.

diários de viagem, 7 de dezembro 2010, Impressões de Mponda





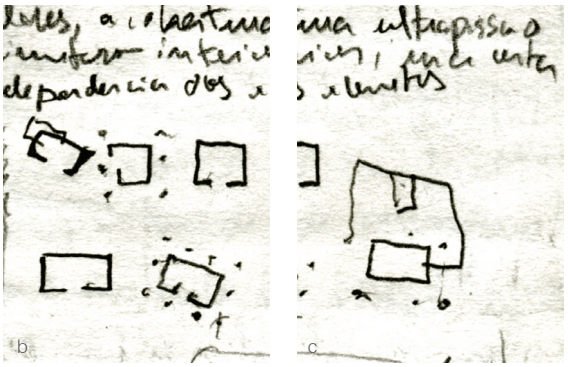
As Casas

Uma casa não é um modelo, os agentes que concorrem para uma casa completa ultrapassam em muito o nível da organização dos usos, da matriz geométrica ou dos modos de construção. Se a caracterização genérica desse modelo nos pode alertar para alguma ideia da dinâmica da casa, a presença lenta diante e entre ela permite recolher elementos de outra natureza: da relação com o meio, dos hábitos, da atmosfera, do processo de amadurecimento.

Nas casas aqui retratadas é reconhecido esse modelo da habitação *Yao*, no entanto são olhadas sem esse comprometimento (muito provavelmente são construídas sem qualquer conhecimento teórico desse modelo); o saber que constrói estas casas é herdado dos avós e dos vizinhos, como o é a forma de vestir, a forma de andar, a forma de sentar, um processo próximo do inconsciente, um modo instintivo de construir. Ainda que essa herança não se estenda até à primeira habitação, ainda que boa parte da sua forma não vá além do sec. X, podemos falar de construção indígena, porque é efectivamente local a sua proveniência, porque, apesar das influências reconhecidas, elas são consentidas não por moda ou novidade mas antes por um refinamento de uma forma autóctone de construir.

Do conjunto desenhado destacam-se claramente três composições, são três casas, três formas distintas de construir o espaço exterior privado, nos três casos é conquistada uma unidade inequívoca de cada conjunto e de cada pátio sem que para isso usem os mesmos meios.

A primeira casa[(a)] composta por duas construções de maiores dimensões, a primeira de 5mx4m e a segunda 4mx3m; a cerca de caniço apenas é aplicada na face do pátio que se volta para a rua; no lado oposto a privacidade é conquistada pela vizinhança do embondeiro, só após o qual se acha a latrina.



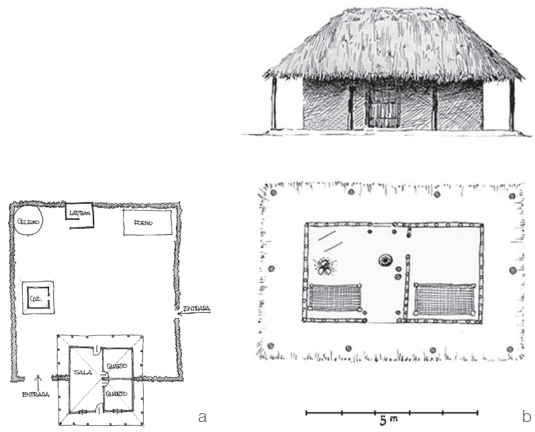
b c

A segunda casa[b] apresenta uma maior fragmentação, contam-se cinco pequenas construções, apenas duas com o alpendre no seu perímetro; a sua disposição é o suficiente para reservar o pátio entre elas, apenas completo por umas raras espinhosas. A fragmentação aparenta um uso individual dos compartimentos; a eira, mais que pátio é o garante da sua unidade, o chão batido, o fogo, ao centro, extinto.

A terceira casa[c] de dimensões gerais mais reduzidas, apresenta um edifício principal, ligeiramente mais pequeno que o da primeira mas construído com grande intencionalidade e rigor. A cerca de caniço é o único elemento a conformar o pátio, uma débil construção, também de caniço, aparece no interior.

A invariável centralidade deste espaço exterior privado, seja ele inequivocamente definido por construção, seja apenas marcado pelo chão batido a pé e pelo carvão no lugar do fogo, faz dele a zona de conforto da casa.

Se em "I - coberto e enclave " associamos à invenção do espaço interior um sentido de domesticidade, de conforto, garantido pela percepção de segurança, a extensão desse controlo para o entorno, a dotação ao exterior próximo das mesmas marcas de controlo e territorialidade do interior, parecem deslocar o centro da casa para o pátio, que só é abandonado na noite que se adia com o fogo que se anucia ao exterior através da paliçada. Esta deslocação do centro de gravidade da casa não se limita ao pátio, o alpendre dispondo de uma morfologia semelhante em todo o perímetro da casa, desenvolve duas faces bastante distintas, a pública que medeia a casa com o exterior, lugar de cerimónia e representação, e a interior, de prolongamento das rotinas domésticas.











Nota sobre a habitação *Yao*[3]

> "Os assentamentos que se encontram ao longo de todo o itinerário da penetração dos mercadores Swahili no interior do continente africano (da costa do Oceano Índico até à região dos lagos Niassa e Tanganyika, até atingir a bacia do rio Zaire), são todos caracterizados pela presença de um tipo de casa rectangular muito bem definido e que ainda hoje é utilizado sem modificações importantes."[4]

A planta rectangular da casa principal é reproduzida no pátio[(a)] delimitado em todo o seu perímetro por uma cerca de pau redondo travado por bambu inteiro ou de meia cana; este pátio[4] é o espaço central que medeia todos os usos que tendem a ser albergados em construções desagregadas no seu perímetro; a sua comunicação com o exterior público tende a ser facilitada por uma entrada directa.

Entre estas construções perimetrais conta recorrentemente a dependência, a primeira a ser contruida, formada apenas por uma cozinha e um quarto, que permite suportar todos os usos durante a construção da restante casa; mais tarde este compartimento cede a casa de hóspedes, a albergue de algum membro da família, ou a quarto dos filhos quando a família é numerosa. Esta dependência pode ainda servir de habitação temporária aquando a realização de obras de manutenção, importa alertar que, dada a natureza dos materiais, são de bastante regularidade, facto que parece estimular a adaptação da habitação às necessidades cambiantes dos seus habitantes

Entre outras ocupações recorrentes destas construções perimetrais temos a cozinha que divide invariavelmente a sua prática com o espaço afecto do pátio onde pode existir o forno; o celeiro sobrelevado[(i13)], a latrina[(i18)], o banho, capoeira, o alpendre/porrô[(i19)].

A casa principal[(b)] conta com um alpendre em todo o seu perímetro, as faces maiores voltam-se, uma para o interior do pátio outra para a frente da casa, esta fachada pública é secundarizada face à importancia do espaço exterior privado, existem casos que esta fachada não dispõe de vãos[(i20)] o que não significa que seja demitida da sua apetência comunicativa que é compensada pela decoração parietal

O interior conta em geral com um corredor central que une a entrada exterior e a entrada no pátio, aqui, normalmente localizam-se apenas os quartos e a sala.

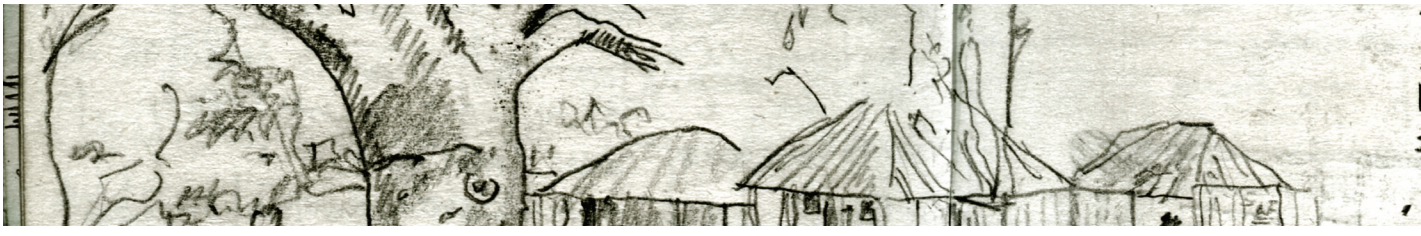
3 - O termo Yao designa um povo indígena da região do Niassa, a informação apresentada sobre o tipo de casa é completada e aferida pelo textos de *"Um Olhar para o Habitat Informal Moçambicano: de Lichinga a Maputo. 2001"* Júlio Carrilho, Sandro Bruschi, Carlos Menezes, Luís Lage;

4 - Sandro *B*ruschi,; *in Idem;* pg. 48

5 - Júlio Carrilho. *in idem* pg. 10: '' o elemento agregador de todos estes espaços construídos e que , na realidade, constitui o centro no qual se articula constantemente a vida diária da família"


i17


i16



A construção de limites: a árvore

''Desde há muito tempo que a casa e a árvore estabeleceram sobre qualquer descampado, ante a intempérie, um lugar que merecia a pena ser vivido como algo exclusivo, como um privilégio." [13]

Se o acto de construir tende a ser entendido como um acto de autoridade sobre o meio, aqui as cedências que o modo de construção da habitação permite ao entorno, exigem outra forma de definir essa relação. A continuidade da parede com o chão de que é feita, a cobertura de capim do charco próximo são notícia de uma redução total dos ciclos de produção, uma benesse mais ampla que a da ecologia do processo: **trata-se do entendimento da terra, do conhecimento dos meios com que o território é realizado.**

O enclave enquanto território próprio, que reconhecemos como um dos primeiros elementos para a realização própria, nesta primeira casa é amplamente realizado pela árvore, na sua verticalidade, na sua sombra sobre os homens que a habitam.

A possibilidade da árvore partilhar a construção do enclave (da casa) decorre do domínio que ela exerce sobre o espaço do seu etorno. A partir do momento em que a casa se cerca do embondeiro, ele cede-lhe o seu domínio, para que o que era da árvore seja agora também da casa: a verticalidade que a anunciava ao espaço amplo é agora totem da morada; o espaço da árvore antes exterior, entende-se agora como próprio da casa; o tempo da árvore, ali desde sempre, é agora também contemporâneo na sua singularidade e variação: as suas incontáveis formas em permanente recriação animam o mistério permanente da casa.

O habitar ante a árvore poderá ser associado a um resposta pragmática à vantagem da sombra, à partilha material na construção da casa, ao garante de habitabilidade daquela terra, mas a presença da árvore torna a enunciar-nos dimensões sensíveis que ultrapassam essa evidência.

A aliança entre a casa (homem) e a árvore, aproxima o homem da terra, com ela se confrontam todos os movimentos domésticos, à sua sombra se abrigam todas as rotinas, ante a casa a árvore torna-se mito, e voto à sua contemplação, no ócio da sua sombra.

6 - Luis Martinez Santa-Maria. *"El árbol, el camino, el estanque, ante la casa";* pg30: ' desde mucho tiempo atrás la csa y el árbol establecieron sobre cualquier descampado, ante a intempérie, un lugar que mereceria la pena ser vivido como algo exclusivo, como un previlegio."



i09



i08



i08

do uso da lentidão

'' a árvore fala da mesma lentidão que está oculta nas grandes acções e nessa lentidão que faz o homem admiravel"[7]

" a lendidaão era, a meus olhos, a ternura, o respeito, a graça de que os homens e os elementos são por vezes capazes." [8]

Não advogando qualquer retorno simples às formas de outrora, não procurando nelas uma essência universalizável, esta prática elementar de arquitectura pode revelar algumas peças de valor face à nossa euforia urbana. Mais que qualquer tentativa de reconstrução dos processos que erguem estas casas, mais que a tentativa de repescagem desses ciclos de proximidade para sempre perdidos, há uma condição afecta ao habitar que foi sendo diminuída para o quase nada e talvez represente uma recuperação mais urgente que as aparentes: acompanhar a extinção do fogo com a do dia, esperar o peixe com a assembleia local, atravessar a aldeia para ver a novela à hora do gerador no albergue.

7 - Luis Martinez Santa-Maria. *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa.* pg30: '' El árbol abla la misma lentitud que está oculta en las grandes acciones y en essa lentitud se le hace al hombre admirable "

8 - Pierre Sansont. *Du bon usage de la lenteur*; Éditions Payot & Rivages, 1988; pg.10: "La lenteur, c'était, à meux yeaux, la tendresse, le respect, la grâce dont les hommes et les élements sont parfois capables"

II
CASA DE ADÃO

arquitecto | a arquitectura como providência transcendente | o instinto de construir

‘’ [Scamozi] Fala de Deus, o grande arquitecto que criou o maravilhoso mecanismo do mundo e fez do homem seu dono”[11].



i10 - ''Adão protegendo-se da primeira chuva, segundo Filarete''

O problema da origem da casa possui outras interpretações que não a biológica. Na convocatória anterior visitamos a casa que seria herdeira de uma capacidade construtiva comum a outros animais, resultado de um refinamento de um instinto associado a um desenvolvimento da apetência para controlo simbólico do espaço. Outras interpretações encontram a proveniência da casa – da capacidade e os meios de a construir – numa atribuição divina. V. Scamozzi fala de uma oferta de Deus ''aos primeiros pais e grandes patriarcas" (…) '' dos meios de satisfazer as suas necessidade de alojamento"[12]. A atribuição divina desta capacidade humana traz consigo a consideração de um primeiro arquitecto anterior a todos os outros, anterior a toda a obra.

Joseph Rykwert desafia-nos a encontrar uma primeira casa desse "arquitecto maior"; na sua interpretação dos textos iniciais da bíblia, faz a dedução: se esse paraíso é um jardim ''feito para vestir e manter o homem", trata-se de um espaço ordenado, e não de um baldio, um horto provido dos meios para satisfazer todas as necessidades do casal primogénito. Ainda que não seja dita uma palavra acerca de uma habitação, o autor certifica-se que para a satisfação de tais necessidades não poderia faltar o vinho, que implicaria ''jarras e taças, e estes, por sua vez, louceiros e aparadores, por conseguinte habitações, dispensas e tudo isso: em suma, uma casa"[13].

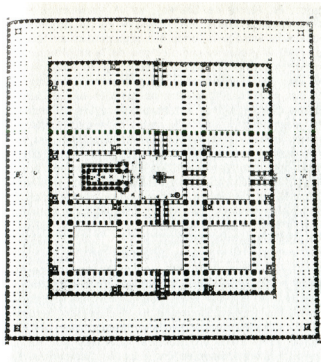
Pouco importa a fragilidade histórica destas interpretações, o próprio autor revela-nos que a pertinência do estudo de uma primeira casa reside na importância que a ideia teve na imaginação dos muitos construtores ao longo dos tempos, e esse é o objecto do seu estudo, uma ideia, uma noção, acusada em todas as fases da teoria arquitectural, em lendas e ritos de muitos povos.

A "Casa de Adão" que J. Rykwert infere na estadia no paraíso não está explícita, como não está qualquer execução divina de uma construção para ser humanamente ocupada; no entanto, na bíblia existem algumas obras de arquitectura cujo projecto é atribuído a Deus. E isto evidencia a Sua condição profissional de arquitecto, que não confunde as competências de projecto com as de execução da obra. J. Rykwert fala de três modelos de arquitectura que acompanharam o imaginário dos arquitectos desde os princípios da própria teoria, os três contaram com a delegação directa das instruções da obra por Deus a seus obreiros: a arca de Noé, o Tabernáculo do Deserto de Moisés e o Templo de Jerusalém de Salomão.

Não se tratando da primeira obra, nem a primeira referida na Bíblia, o Tabernáculo do Deserto surge com uma descrição meticulosa da sua forma e dos processos da sua construção. Podemos encontrar aí explícito um modo de operar em tudo semelhante aquele que conhecemos na arquitectura erudita: Deus, o arquitecto, cede a Moisés, o encarregado de obra, um conjunto extenso de indicações, um projecto de arquitectura em discurso directo.

Durante várias passagens do livro do Êxodo são transcritas as indicações detalhadas para a execução da obra, onde não faltam as advertências acerca do comprometimento de Moisés: ''Conforme a tudo o que eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus móveis, assim

11 - Joseph Rykwert, *op. cit.*, p. 145, «[V.Scamozi] Habla de Dios, el gran arquitecto que trás crear el maravilloso mecanismo del mundo, hizo homre su duño.»
12 - *Id., ibid.,* «Ya que tuvo sus orígenes [de la arquitectura] en los tiempos de nuestros primeros padres y los grandes patriarcas a quienes ofreció [Dios] el médio de satisfacer su necessidad de alojamento ; como testimoniam las Sagradas Escrituras y confirma Vitrúvio.»
13 - Idem, p.11, «Pero si en el jardín se tomaba algo parecido al vino, esto implicaria jarras y vasos, y éstos, a su vez alacenas y aparadores, y po tanto habitaciones, despensas y todo eso.»



i11 - ''Planta do templo de Jerusalém por Villapanda, segundo Prado e Villapanda.'' as premissas de monumentalidade e permanência que a conversão de um Deus em pedra exigem

mesmo o fareis"[14]; A descrição dos materiais, dimensões, quantidades e processos pelos quais a obra deverá ser erguida: ''O tabernáculo farás de dez cortinas de linho fino torcido, e de estofo azul, púrpura, e carmesim; com querubins as farás, obra de artífice. O comprimento de cada cortina será de vinte e oito côvados, e a largura de quatro côvados;(...)"[15]; considerações sobre a coerência formal da obra: ''Farás cinquenta colchetes de ouro, e prenderás com eles as cortinas, uma à outra; assim o tabernáculo virá a ser um todo"[16]; demarcação de níveis de privacidade (de sacralidade): ''Pendurarás o véu debaixo dos colchetes, e levarás para dentro do véu a arca do testemunho; este véu vos fará separação entre o lugar santo e o santo dos santos." [17]; definição do espaço exterior: ''Farás também o átrio do tabernáculo. No lado que dá para o sul, o átrio terá cortinas de linho fino torcido, de cem côvados de comprimento." [18]

A condição nómada do povo em exílio exigia a leveza da estrutura, preocupação ultrapassada quando o grande arquitecto reúne a possibilidade de erguer o Templo de Jerusalém, envolvendo uma extensa comitiva no trabalho da pedra:''E os enviava ao Líbano por turnos, cada mês dez mil; um mês estavam no Líbano, e dois meses cada um em sua casa; e Adonirão estava sobre a leva. Tinha também Salomão setenta mil que levavam as cargas, e oitenta mil que talhavam pedras nas montanhas," [19]

O Templo de Jerusalém apresenta um processo de projecto em tudo semelhante ao do tabernáculo, desta vez com um intermediário David, pai de Salomão; também seus recortes se assemelham, apresenta a mesma progressão de interioridade, a que o próprio associa uma progressão de sacralidade, a mesma reserva do espaço exterior. No entanto uma evidência o distingue das intenções do tabernáculo: a grandeza da obra; a imaterialidade do seu habitante parece exigir uma monumentalidade, uma permanência que permita a conversão desse deus em pedra.

Estas realizações, destinadas ao abrigo de um deus, aplicam uma especial responsabilidade histórica aos seus fazedores, terão que ser especialistas, capazes de reduzir a "imperfeição" humana na construção da arquitectura da revelação, nas passagens referentes à construção do tabernáculo são recorrentes as expressões "obra de artífice", ou "obra de bordador", não admitindo a delegação de funções a amadores.

Longe vai a ideia abordada na convocatória anterior (coberto e enclave), de um edificado como resultado instintivo das necessidades do corpo e da leitura das possibilidades do meio, realizada em continuidade com natureza próxima que acolhe o homem como um dos seus seres. Aqui trata-se de uma tarefa estrita a mestres capazes de operar essa linguagem com que o arquitecto maior constrói.

O arquitecto herdeiro desta escola divina, sente-se tentado a replicar o código do "*projectista da natureza*", a inferir nos troços da coluna, o corpo humano ou a árvore, como o cárcere de Jorge Luis Borges[20], que na agonia de povoar o seu

14 - Êxodo 25, 9
15 - Êxodo 26, 1-3
16 - Êxodo 26, 6
17 - Êxodo 26, 33
18 - Êxodo 27, 9
19 - Reis 5, 14-15
20- - Jorge Luís Borges, *O Alpeh*, p.98; «Este [Deus], prevendo que no fim dos tempos ocorreriam muitas desventuras e ruínas, escreveu no primeiro dia da Criação uma sentença mágica, capaz de conjurar esses males. Escreveu-a de maneira que chegasse às mais distantes gerações e que não a tocasse o azar. Ninguém sabe em que ponto a escreveu nem com que caracteres, mas consta-nos que perdura, secreta, e que a lerá um eleito. Considerei que estávamos, como sempre, no fim dos tempos e que meu destino de último sacerdote do deus me daria acesso ao privilégio de intuir essa escrita. O fato de que me rodeasse uma prisão não me vedava essa esperança;».

tempo, se comete na busca de uma escrita de Deus incorrupta desde os primeiros dias da criação.

A clara definição das competências deste *arquitecto superior* sustenta as posições da arquitectura formal, das grandes obras, de uma arquitectura produto do intelecto, distante de qualquer instinto.

No entanto, a associação entre a entidade divina e a tarefa humana da construção de abrigo conhece estados mais térreos. Filarete[21] fala-nos do primeiro abrigo de Adão(i10) como o simples gesto de elevar as mãos sobre a cabeça para se proteger da chuva (que por certo existiria no paraíso para permitir a produção de alimento). Face a essa evidência da necessidade de protecção, Adão haveria de encontrar pouco depois a habilidade suficiente para fabricar a sua habitação. Filarete não hesita assim em aplicar uma dedução pragmática, naturalista, para a origem da casa sem comprometer o mito da criação.

Nos seu escrito "Arquitectura" Adolf Loos refere a dado passo:

> ''As montanhas e as nuvens reflectem-se no lago, e assim as casas, casarios e eremitas. Não parecem criadas por mão humana. Estão como saídas do atelier de Deus, como as montanhas e as árvores, as nuvens e o céu azul." (…)" [o camponês] quis levantar uma casa para si e para os seus e para o seu gado, e assim o fez. Assim como fez seu vizinho ou seu bisavô. Como fez qualquer animal que se deixa levar pelos seus instintos." [22]

Adolf Loos aproxima a obra divina às construções dos camponeses ao largo da montanha, esclarece depois que a sua proveniência nada tem de transcendente; uma continuidade com o passado (bisavô) e uma proximidade ao entorno (vizinho) são os agentes do seu estado de graça.

Nestas casas não existe a abstracção do projecto: o camponês deixa que ele se construa com a obra, que o seu traço se desenhe sobre a terra, que os alçados se sonhem com o erguer das paredes[23]. Adolf Loos ensaia uma aparente compatibilidade entre a obra divina e o instinto animal.

21 -Joseph Rykwert, *op. cit.*, p.144, «Habemos de suponer que cuando Adán fue arrojado del Paraíso estaba lloviendo Y como no tenía a mano más protección, se llevó las manos a la cabeza para defenderse del agua. (...) easi também la vivenda fue una habilidad para defenderse del mal tiempo u el agua.»

22 - Adolf Loos, *Escritos II 1910-1930*, p. 23 e 24, «Puedo condicriles a la orilla de un lago de montaña? El cielo es azul, el agua verde y todo descansa en profunda paz. Las montñas y la nubles se reflejan en el lago, y así las casas, caseríos y ermitas. No parecen creadas por mano humana. Están como salidas del taller de Dios, como las montñas y los árboles, la nubes el cielo azul. Y todo respira belleza y silencio (…). Él (campesino) há querido levantar una casa para sí y para los suyos y para su ganado, y lo há logrado? Igual que pudo su veccino o su bisabuelo. Como puede cualquier animal que se deja llevar por sus instintos. Es la casa hermosa? Si, tan hermosa como lo son la rosa o el cardo, el caballo o la vaca.»

23 - *Id., ibid.,* p. 23, «El campesino ha marcado sobre el verde césped el suelo sobre el que tiene que levantar-se la nueva casa (...) Alegremente suenan los hachazos.»

III
CASA ORIGINAL

arquitectura como representante | o coberto simbólico - centro e limite | o símbolo e a função | modelação mútua

'' A paixão por construir cercas e por «adoptar», por tomar posse do volume fechado debaixo de uma cadeira ou de uma mesa como «lugar cómodo» donde fazer «hogar» é um dos jogos infantis mais comuns. Inclusivé neste contexto encontramos a dupla filiação da casa original: o volume «achado» da gruta, e o volume «fabricado» da tenda ou do coberto."[24]



i12 - casamento judeu em Jaffa 1899. o destaque vai para a canópia sobre os noivos, o designado Chuppah, figura a que Joseph Rykwert associa a sua ideia de uma casa original iminentemente imatrial

O retorno às origens é um exercício frequente no desenvolvimento humano. Face às crises presentes, a figura da origem e da sua herança tende a ocupar o lugar de uma autenticidade em falta. Em contextos de renovação de paradigmas, o problema da origem da casa serviu para muitos arquitectos e teóricos para especularem sobre a essência da construção.

A visita empreendida a algumas destas buscas sobre a origem da casa é um exercício que pretende repensar a validade do nosso quotidiano e das nossas propostas para o futuro, mais que ilustrar uma nostalgia de um passado autêntico. Se nos inquirimos sobre a casa original, sobre o seu sentido, fazêmo-lo no intento de delinear guias para a nova casa, para a construção do sentido da casa presente.

Na interpretação de uma proveniência divina da capacidade de construir abrigo operada na "convocatória II - Casa de Adão", encontrámos nos procedimentos das obras sob as instrucções de Deus[25], a figura de um arquitecto cuja tarefa é iminentemente intelectual; os modos de operar aí descritos em pouco se distinguem do processo da arquitectura formal. A obra religiosa, que durante séculos dominou as encomendas desse tipo de produção de arquitectura parece ter personalizado a permanência de tal mito. A monumentalidade das suas realizações vota-a a uma condição de agente representante do seu criador implícito; tal propósito simbólico precede todos as premissas funcionais que lhes possam ser associadas. Tal condição, de privilégio da dimensão subjectiva do construído, volta a ser encontrada por Joseph Rykwert numa modesta edificação:

> ''…Por isso devo postular uma casa de Adão no Paraíso, não como refúgio contra a intempérie, mas como um volume em que ele podia interpretar os limites do seu próprio corpo e além disso, uma exposição do mapa do paraíso que, em consequência o colocava no seu centro."[26]

A busca de Joseph Rykwert pela casa do primeiro homem parece culminar numa casa bastante mais imaterial do que seria de supor para um primeiro abrigo. O autor encontra a "Casa de Adão" num coberto de boda erguido no paraíso[27], construído em ouro e pedras preciosas do qual o Chuppah, ainda hoje usado nas cerimónias de casamento judias, é herdeiro. Esta lenda serve-nos para revelar uma casa original que não se remete a propósitos de protecção ou sobrevivência: tratava-se de um abrigo conceptual, uma casa para o espírito, **um centro capaz de interpretar os limites do próprio corpo e o seu lugar no mundo**. Rykwert garante ainda que

24 - Joseph Rykwert, *op. cit.*, p. 229, «La pasión por construir cercados e por 'adoptar', por tomar posesión del volumen cerrado que hay bajo una silla o una mesa como 'lugar cómodo' donde hacer 'hogar' es uno de los juegos infantiles más comunes. Incluso en este contexto encontramos la doble filiación de la casa original: el volumen 'hallado' de la cueva, y el volumen 'fabricado' de la tienda o la choza.»

25 - Nota: Tabernáculo do deserto, arca de Noé, Templo de Jerusalém; na referência a este tema ressalva-se a tendência de adoptar por defeito a cultura ocidental associada ao histórico judaico-critão.

26 - Joseph Rykwert, *op. cit.* p. 237, «[…]Por eso debo postular una casa de Adán en el Paraíso. Pero no como refugio contra la intempérie, sino como un volumen que él pudiera interpretar en términos de su próprio cuerpo que además era una exposición del plan paradisíaco y en consecuecia le colocaba a él en un cento.»

27- *Id., ibid., p. 236,* «El espíritu Santo, Bendito sea, hizo diez doseles de boda para Adán en el Jardin del Edén. Todos erande piedras preciosas, perlas y oro. » *(Pirkê de Rabbi)*

tais "funções" são necessárias, básicas, porque precedem as de natureza objectiva. A formulação desta ideia poderá soar demasiado complexa para uma primeira casa, a herdar por homens de pouca instrução. Joseph Rykwert resolve-nos tal equívoco dizendo que os propósitos que a habitam são anteriores à capacidade de articular tal ideia. A necessidade de um centro e o confronto com os limites do próprio corpo habita um lugar profundo nas mentes do homem sob a forma de uma convicção que se confunde com o próprio.

Ainda que esta "Casa de Adão" seja cedida por esse arquitecto maior, ela apenas acontece na sua experiência, ela compõe-se com Adão e Eva, nela, nessa tomada de consciência do seu lugar no mundo e dos limites dos seus corpos[28].

A exiguidade material desta "casa' é igualmente reconhecida nas pista da interpretação biológica da origem do contruir: a ideia de enclave - a afirmação de um território próprio dentro de outro território exterior - não exigirá mais do que uma demarcação simbólica para a sua conformação. No entanto, o impacto que construções tão imateriais terão tido não será de subestimar; como já vimos em "I - coberto e enclave"[29], a percepção de controlo que a posse simbólica de território induz terá tido fortes repercusões do desenvolvimento do homem.

Perante o reconhecimento desta dimensão imaterial de que se compõe a casa, desde as suas primeiras manifestações, estamos em condições de adiantar dois pontos elementares quanto à sua condição:

Um primeiro ponto será o reconhecimento da sobreposição das premissas funcionais e das dimensões simbólicas na convocação do construído. A estrita resposta à função de abrigo básico nunca terá sido dissociável da sua dimensão expressiva, de controlo simbólico de um pedaço de terra. Um argumento que permanece sólido hoje: a casa com todas as suas funções de provisão e de protecção, ainda se reconhece nesse lugar onde se baixam as guardas, onde tomamos o nosso lugar no mundo.

Um segundo ponto será relativo ao reconhecimento da mútua modelação entre o espaço construído e a pessoa. Da mesma forma que a invenção do abrigo terá permitido o desenvolvimento do homem enquanto espécie; a pessoa, no curto espectro temporal de que goza, é amplamente modelada pela casa onde vive. Num outro sentido desta relação, a casa, tal como o coberto de boda (que apenas se compõe com o casal nele incluido), só acontece diante a pessoa, na condição da sua presença.

28 - Nota: Um casa feita de matérias tão delicadas como a cerca construída pela criança na qual se posiciona face a um exterior (1ª citação desta convocatória), ou a demarcação subtil dos pátios na "*Casa do Niassa*" (*apontamento 1: o remoto e o presente*).

29- Nota*: "*Este coberto pode ter sido indutor do desenvolvimento da dimensão imareial da casa (...)."

> ‘’gastamos demasiadas energias para que os edifícios durem, não somos capazes de contrui, só fazemos cavernas para sobreviver”[30]

> ‘’grutas, estiveram entre os primeiros abrigos do homem, talvez se tornem nos últimos”[31]

Um outro contributo pode ser tomado desta visita à proviniência da ideia de casa; este relativo à condição do arquitecto: a possibilidade do homem definir os limites do seu território, de erguer o abrigo pelos seus meios e tomar um pedaço de chão como próprio, é uma conquista face à ocupação do lugar deixado que poderá ter reencontrado novos entraves.

Hoje, poderemos estar perante uma metáfora oposta à desse momento em que o homem tomou posse dos destinos do seu habitar. O sujeito habitante vê as suas decisões em relação à casa amplamente reduzidas, boa parte da construção material da casa está relegada a terceiros, regulados por mecanismos abstratos que impedem qualquer possibilidade de comunicação entre os produtores de habitações e os habitantes da casa. Estruturas urbanas, com uma indiferença tal face à condição humana dos seus ocupantes, poderão ser as novas grutas de que fala Bernard Rudovsky.

30 -Frank Loyld Wrigth *ap.* Blanca Leo, *Sueno de Habitar*, p. 86, «Gastamos demasiadas energias para que los edifícios duren, no somos capaces de construir, solo hacemos cavernas para sobevivir.»
31 -Bernard Rudovsky, *Architecture Without Archtects,* prefácio, «Caves, having been among the man’s earliest shelters, may turn out to be his last ones.»

IV
CASA NATAL

maternidade | acolhimento | multiplicidade e evocação | hábitos orgânicos e filiações expressivas

''Até eu e a minha mulher construirmos a nossa própria casa não tinha descoberto a pobreza fundamental das ideias arquitectónicas modernas. Encontrei-me de volta uma vez atrás de outra a recordações de casas mais antigas e de habitações mais antigas, tratando de compreender o que me parecia tão bem, tão confortável. ''[33]

''Meu avô correu mundo e veio morrer na cama onde nascera.(…) Homens que fizeram uma tarefa e nela puseram o sentido da sua vida. E deram-se por cumpridos, e regressaram ou morreram. Sabedoria não é?''[34]

''«É a tua habitação sem dúvida, pois dela partes» é o centro, a origem, o lugar de onde se toma a palavra''[35]

A busca pela casa original que até aqui visitámos pelo recurso a casos, que tendem a ocupar um tempo e um espaço remotos, conta com casas que propõem uma unanimidade, uma origem comum a todas as casas. Encontrámos casas impelidas pela urgência de protecção e abrigo, por necessidades de ordem simbólica ou reveladas por alguma entidade divina. Essa busca parece encontrar um ponto de apoio no pequeno coberto da boda de Adão[36] e Eva, cujo propósito é inteiramente subjectivo: o de tomada consciência dos limites dos seus corpos e do ponto que ocupavam no vasto paraíso. Esta formulação não nos parece de pouco interesse: primeiro, por se destacar do propósito de protecção e sobrevivência ao qual recorrentemente a noção de casa original está associada; segundo, por colocar entre as mais primitivas manifestações do habitar as necessidades de ordem expressiva. No entanto, esse pequeno coberto simbólico pode ser insuficiente para nele reconhecermos uma casa completa.

Num presente que não o paraíso, em que não somos largados adultos, instituídos de todas as capacidades preceptivas e motoras, em que o mundo não é um jardim prendado, a primeira casa oferece-nos mais que essa morada de confronto com o próprio corpo. Existe uma casa que habitamos antes de sabermos o que quer que seja acerca de habitações em tempos e em lugares remotos. Antes de qualquer cabana primitiva, de qualquer gruta, em (torno de) cada habitante, existiu um útero, mas logo de seguida uma

> ''[a casa]É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser ''jogado no mundo", como o professam metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa . E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço.(…) A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa."[37]

casa.

Antes de uma consciência do mundo exterior, antes sequer de uma consciência do próprio ser, o novo habitante é envolvido de materiais que o acolhem, que o medeiam e preparam para habitar o mundo. A nossa experiência de habitar começa por esse acolhimento, por esse conforto, antes de qualquer outra função que nos habituamos a associar à ideia casa. A casa natal é o primeiro confronto com o exterior, aqui começa a descoberta do mundo, paralela à formação do próprio ser.

Os valores desta primeira instalação formam amplamente o nosso habitar presente. Segundo Gaston Bachelard[38], é nela que o nosso inconsciente se aloja. Tal acolhimento emerge

33 - Witold Rybezynski; *La casa história de una idea*; prefácio: «asta que mi mujer y yo construimos nuestra propia casa no descobrí personalmente la pobreza fundamental de la ideas arquitectónicas modernas(....)»

34 - Heberto Helder, *Os passos em volta*, p.144 e 145.

35 - Luis Martinez Santa Maria, *op. cit.,* p. 14, «Es tu habitación sin embargo, pues de ella partes. Es el centro, el origen, el lugar donde se toma palabra.» *(L'Aragon)*

36 - ver convocatória "*a casa original*": Joseph Rykwert, *op. cit.*, p. 237 «(…) Por isso devo postular uma casa de Adão no Paraíso, não como refúgio contra a intempério, mas como um volume em que ele pode interpretar ...")

37- Gaston Bachelard, *A poética do Espaço*, p. 26.

38 - *Id., ibid.*, p. 20, «(...) Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão 'alojados'. Nosso inconsciente está alojado. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das 'casas', dos 'aposentos', aprendemos a morar em nós mesmos.»

nas moradas seguintes: ‘’Os verdadeiros bem-estares têm um passado. Todo o passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova”[39].

O reconforto que a lembrança da primeira casa confere à experiência de uma casa nova possui uma presença mais ampla que o simples transporte onírico - ela é condição necessária para a referenciação da pessoa no mundo, Marcel

> ‘’ Um homem que dorme tem em círculo à sua volta o fio das horas, a ordem dos anos do mundo. Consulta-os instintivamente ao acordar, e neles lê num segundo o ponto da terra que ocupa.”[40]

Proust mostra-nos como:

O acordar de Proust, que reencontra o lugar que ocupa pela rememoração dos anteriores, ou o sonho de Gaston Bachelard que o transporta para reconfortos imemoriais, são momentos em que a evocação anterior sobe à superfície, dominando a imaginário presente. No entanto, a presença das casas anteriores tende, na maior parte do tempo, a ser menos evidente, ela segue apelos mais silenciosos: pode ser enunciada por um gesto que repete o da primeira casa, por uma distância que evoca uma situação passada.

A figura da casa natal tende a constituir-se apenas como evocação parcial, despercebida, que se aglomera com outros agentes de subjectividade durante a experiência do espaço.

A associação entre a experiência presente do espaço e uma apreensão anterior não implica que tenhamos de “falar de recalcamento ou de conflito entre representações pré-estabelecidas”[41], trata-se apenas de um apelo a uma dada situação que moldou alguma faceta da nossa percepção.

Esta associação entre a evocação de uma apreensão anterior e a formação dos nossos mecanismos perceptivos é-nos formulada com especial interesse pelo psicanalista e etnólogo Daniel Stern, que nos chega através de Félix Guattari; Stern admite várias componentes do eu que uma vez aparecendo continuam a existir paralelamente e são susceptíveis de ascender à superfície, ao primeiro plano de subjectividade, de acordo com as circunstâncias.

‘’Ele descreve, no lactente, até à idade de dois anos, quatro [dessas] estratificações do eu *(self)*:

-do nascimento até aos dois meses: o eu-emergente *(sense of an emergente self)*

-de dois-três meses até sete-nove meses: o eu-núcleo *(sense os a core self)*

-de sete-nove meses até quinze meses: o eu-subjectivo; *(sense of a subjective self)*

Esta formulação que Daniel Stern nos apresenta das estratificações do “eu” permite aproximar-nos da dimensão múltipla da experiência do espaço. Mais do que nos inteirarmos da dinâmica complexa com que tais componentes do ‘’eu preceptivo” emergem ao primeiro plano

39 - *Idem, Ibidem*, pg. 25
40 - Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido, Volume I, Do lado de Swann,* p. 11
41 - Félix Guattari, *Caosmose,* p.155.
42 - Idem, p.155 e 156.

de subjectividade, importa reter que o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista, apelando às diferentes dimensões de que a apreensão do espaço se compõe.

Nesta dinâmica, a casa natal, que nos acolhe nos primeiros anos de vida, será o território privilegiado para a emergência dos componentes dos "eu perceptivos' tal como nos são apresentados por Daniel Stern. Aí se desenrolam grande parte das primeiras descobertas do mundo a que associamos o "eu-emergente"; no confronto com a sua materialidade aprende-se a tomar consciência dos limites do próprio corpo, dimensão afecta ao "eu-núcleo". As modelações que esta casa-natal implicará no seu sujeito são mais do que uma lembrança de um acontecimento passado, são presenças que se reenquadram a cada nova situação sem que as consigamos identificar.

A casa natal será um território de frequentes evocações na experiência da casa presente; a mera sensação de reconforto que um dado arranjo espacial nos proporciona dificilmente é alheia a essa casa que inaugurou as nossas competências perceptivas. No entanto a modelização destas dimensões preceptivas da pessoa não é estanque, reconhecendo no "trabalho" dessa casa natal uma forte presença por as ter ''inaugurado", elas permanecem em constantes re-arranjos, inventando, a cada instalação, novas compatibilidades entre a pessoa e o espaço construído.

Se é nesse confronto com o espaço, nessa apreensão sensivel do entorno que a pessoa forma a sua percepção do mundo, a forma e ambiente de tais recortes espaciais nunca lhe será indiferente. Aqui poderemos colocar a tese por demais evidente de Ludmila Brandão de que ''a seu modo, as casas produzem homens"[43]. Sendo que este ''a seu modo", se refere a essas modelizações das diversas dimensões da percepção que as ''casas produzem".

Nessa produção subjectiva da casa, nesse território mútuo entre espaços da casa (matéria) e a pessoa (subjectividade), a presença da casa natal pode ser aferida em duas dimensões essenciais:

Uma primeira dimensão, de ordem orgânica, à qual Gaston Bachelard se refere como '' um grupo de hábitos" ''fisicamente inseridos em nós"[44]; onde encontraremos a filiação do corpo (e seus gestos) à matéria singular de que se compõe a casa (seja o passo que reconhece a mínima variação do degrau, seja a mão que parece ter talhada pela forma de um puxador). Para Bachelard trata-se de uma ''hierarquia das funções do habitar" que essa casa natal cunha em nós, e da qual todas as seguintes serão meras variações. Poder-nos-á soar demasiado fundamentalista tal formulação, mas na verdade poucos argumentos sobram para a rebater. Podemos, no entanto, amaciar a sua radicalidade, assumindo que nas casas posteriores o re-arranjo dessa hierarquia poderá ser tal que, mais do que variações sobre uma casa fundadora, existirá uma rede de hábitos que se vão estabelecendo diante a materialidade do espaço habitado.

43 - Ludmila Brandão Lima; *A casa subjectiva*; pg.134

44 - Gaston Bachelard, *op. cit.*, p. 33. "Mas, par além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos."

Esse processo de aquisição do hábito é por vezes penoso, como o ilustra Marcel Proust, mas parece ser a condição que torna uma ‘’casa habitável”[45]

Uma segunda dimensão de contributos da casa natal para a dimensão subjectiva da casa, é da ordem da afectividade, de onde não poderemos arredar a figura da lembrança, da rememoração. Aqui, a casa natal, enquanto lugar da infância e sua sempre inflamada memória, contribui para um imenso universo afectivo que ‘’vem viver, pelo sonho, a casa nova”.

Perante a dimensão expressiva da casa natal, o espaço construído deve constituir-se como albergue de tal presença, de tal universo próprio. Se reconhecemos a capacidade da casa natal reter o tempo[46], e se reconhecemos que tal casa é parte da formação da pessoa - da sua competência perceptiva - o edificado a ser casa deverá incluir alguma dessa propensão para albergar o passado. Tarefa essa que, mais do que uma aproximação às formas desses lugares de ‘’estabilidade”, deve ser procurada na construção da consistência do edifício, uma identidade diante da qual a pessoa possa realizar e recuperar as suas compatibildiades.

Estamos perante uma casa que não é uma definição estrita de uma forma de habitar, que não é uma matriz, mas antes uma expressão do nosso corpo e da nossa subjectividade; o tempo da casa natal não é o passado, ou melhor, pouco importa localiza-la no tempo. O seu valor não se encontra no seu acontecimento cronológico, ele surge da sua capacidade de acolher, de reencontrar o conforto do regaço no espaço presente.

As matérias e apelos imateriais que nos cercam nessa inauguração da pessoa (do *self*) constituem um cartografia de figuras de familiaridade que libertam a primeira casa de uma essência, de uma capital formatação do habitar, e a abrem para um manuseio de matérias e afectos permanentes e inconstantes que se moldam e rearranjam a cada nova experiência[47].

45 -Marcel Proust, *op. cit.*, p.14 ; ‘’Acomodador hábil mas muito lento, e que começa por deixar que o nosso espírito sofra durante semanas numa instalação provisória; mas que, apesar de tudo, o nosso espírito fica feliz por encontrar, porque, se não fosse o hábito, e reduzido exclusivamente ao seus próprios meios, seria impotente para nos oferecer uma casa habitável.”

46 - Gaston Bachelard, *op. cit.*, p. 27. «Por vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços de estabelidade do ser, (...) Em mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido.»

47 - Gilles Deleuze, *Critica e clínica*, p. 90. À semelhança de um mapa deleuziano que abdica de uma origem para encontrar sobreposições de arranjos sucessivos: ‘’os mapas sobrepõem-se de tal modo que cada um encontra um novo arranjo no seguinte, em vez de uma origem nos anteriores: de um mapa para o outro, não se trata da procura de uma origem, mas da avaliação de deslocamentos.”

Apontamento 2: cartografias da familiaridade

CASA DO TIM TIM

a casa e o fora | cartografia | tempo circular | familiaridade | sobreposição



Apontamento 2: cartografias da familiaridade

CASA DO TIM TIM

a casa e o fora | cartografia | tempo circular | familiaridade | sobreposição



i01 - espelho da sala, 1988



i02 - introdução à jardinagem, 1990

i03 - à entrada, 1988



i04 e i05 - introdução à jardinagem 1990

i06 - canteiro e esplanada antes de abrir, 2011



i08 - murete do canteiro, banco preferido

i09 - esplanada justa às hortenses



i10 - primeiras horas do dia

i11 - aniversário, 1990

i12 - manhã de maio, 1987



i13 - aniversário, 1991

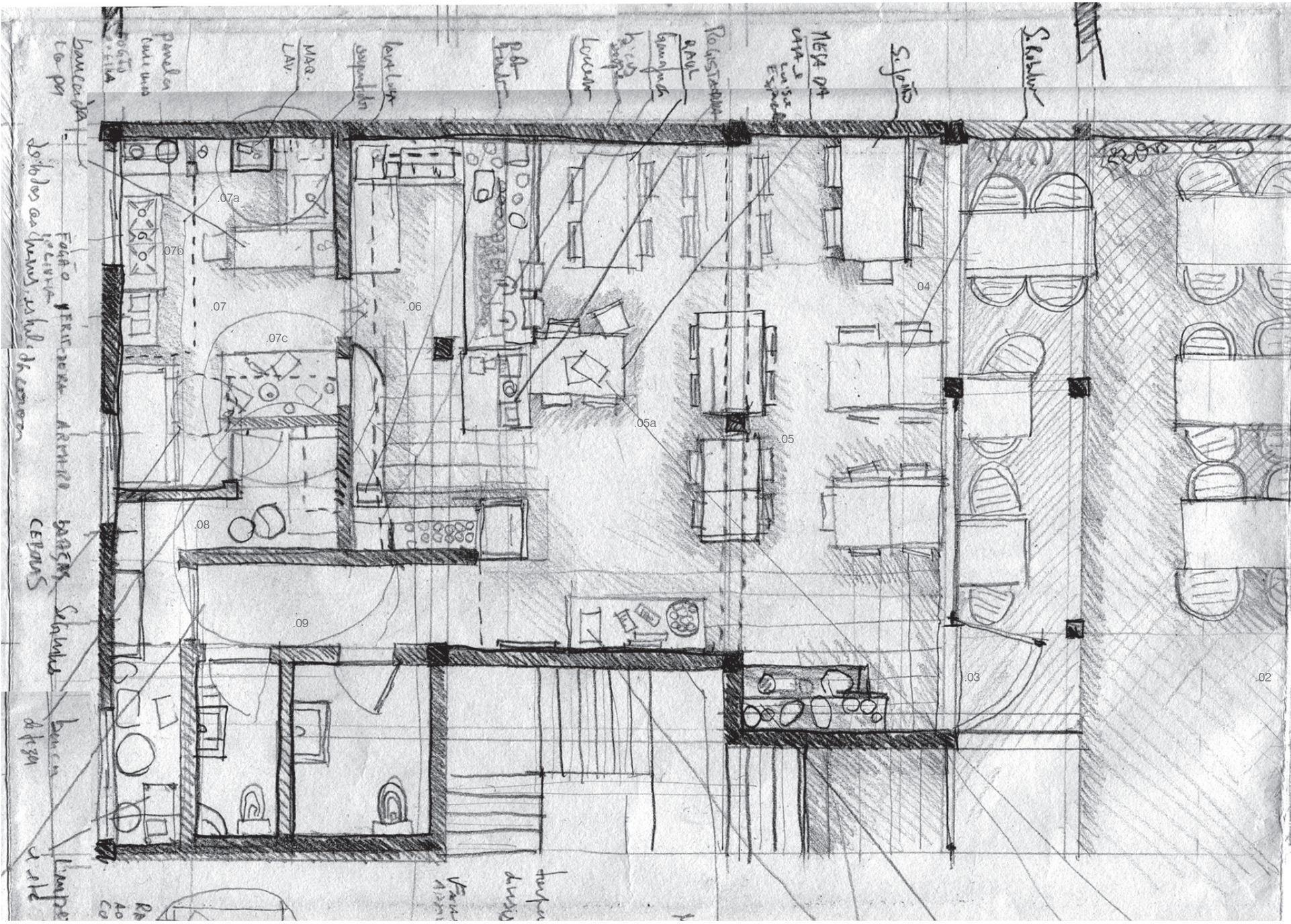
"'Esses valores de abrigo [da casa natal] são tão simples, tão profundamente arreigados no inconsciente que vamos encontra-los mais facilmente por uma evocação do que por uma descrição minuciosa" [1]

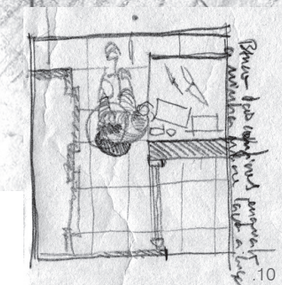
''A casa é um regaço materno que cinge, protege e sustenta: o interior é desprovido de tensão, é um lugar que proporciona um sentimento de continuidade existencial, nomeadamente porque é regido por regras 'naturais' estritas (…) Estas paredes previnem contra a angústia do anonimato (…) mas também contra a tentação dos desejos interditos"[2]

1 - Kacem Basfao, *apund* Ludmila Brandão, *"A casa subjectiva"* pg 35

2 - Gaston Bachelard, *"A poética do Espaço"*. pg.32 e 33







.10 - recanto entre cozinha e despensa



.11 - rádio sobre máquina de lavar louça

legenda mapa:

.01 - canteiro

.02 - esplanada

.03 - entrada

.04 - portas hamónio entre sala e esplanda

.05 - sala

.05a - sala, mesa de família

.06 - balcão

.07 - cozinha

.07a - copa (cozinha)

.07b - condecção (cozinha)

.07c - preparação (cozinha)

.08 - despensa

.09 - quartos de banho

A casa e o fora, cartografias

A casa interior, seja a da penumbra dos sonhos de Bachelard seja a uterina de Kacen Basfao, olham o mundo exterior como coisa extrínseca, de contactos pontuais, contra o qual se erguem as paredes cegas, será sempre dominada pela intensidade das relações casa-pessoa, composta pela matéria que a ocupa e pela subjectividade que a habita. No entanto, esta instância ''casa-pessoa", aquém das ''paredes que previnem o anonimato", não se compõe em dimensão e identidade sem as suas interelações com o mundo, sem essa outra instância ''casa-mundo".

Nesta "Casa do TimTim" o mundo exterior entra de rompante, constrói dominantemente os seus universos domésticos, ora retraindo-os para os seus refúgios ora expandindo-os em valor e intensidade na sua dimensão pública. No entanto, não poderemos ignorar a advertência de Bachelard de que pouco nos valerá a descrição meticulosa dos seus aposentos; para registar os valores de intimidade da casa, mais eficaz será a evocação da sua experiência do que um decalque dos seus contornos físicos e temporais.

Não rejeitamos a planta dos seus aposentos[3], como o faz Bachelard, porque as nossas intenções para a escrita desta casa distinguem-se da indução de uma exploração onírica; pretendemos cartografar[4], fazer mapa da casa com as peças que a compõe, as materiais e as subjectivas, e suas múltiplas sobreposições, seus arranjos e rearranjos, A planta destes aposentos é uma base, um apontamento instantâneo do território, um tabuleiro a partir do qual se especulam as intensidades dos seus micro-territórios e seus deslocamentos.

A preposição de uma escrita que adopta os meios da cartografia, aberta e disponível para receber modificações, permite leituras que serão também múltiplas e singularizáveis, são percursos num território inconstante, que como qualquer território de facto, é sempre susceptível a variações do meio, à invenção de novos caminhos.

A construção desta escrita pretende criar uma orientação, esboçar um instrumento mapeador, simultaneamente sensível, táctil e preciso, capaz de medir distâncias pouco visíveis, capaz de sondar nos territórios múltiplos e subjectivos da casa para neles encontrar o valor de disponibilidade do seu suporte; encontrar o que nesta casa é válido enquanto proposta de arquitectura. Esta escrita não se poderá restringir ao exercício de ''entreabrir as portas" da casa, dos seus valores de intimidade, ela deve conseguir apurar desses valores o que é susceptível de integrar um grande leque operacional de instrumentos da disciplina de "projectar e construir casas"[5].

3 - "de que serviria, por exemplo, dar a planta do aposento que foi realmente o meu quarto(…)?Gaston Bachelard, op. cit. Pg 32

4 - "esse tipo de escritura do espaço, agenciada a partir de um corpo que se desloca e não de um ''olho" que observa, é o que estamos compreendendo por cartografia. (...) Cartografar ainda que possa fazer referência a um experiência anterior (ou apenas virtual), é sempre uma experiência em ato, própria, diferente de qualquer outra. Não pretende re-apresentar. É outra viagem sem percursos prévios": Ludmila Brandão, *"A casa subjectiva"* pg 36 e 37

5 - ver Convocatória VIII "casa do esquecimento". em que Álvaro Siza distingue com simplicidade a tarefa menor de projectar e construir casas dessa outra "maior" de construir uma autêntica casa.



i03




i02


i04


i06


i08

O Canteiro

Esta casa tem um princípio datado, 1 de Março de 1987. Numa rua provisória, de terra batida, outros prédios se erguem garantido que este não ficará isolado como então, a rua é um extenso estaleiro, em linha com a especulação que se faz sentir face à expansão da popularidade do fenómeno religioso da vila.

Numa casa dominada pelo exterior, será esse o ponto de partida para a sua escrita; Um canteiro ocupa toda a frente da loja, 6,5m por 4m cercados por um murete, do lado da rua com 10 cm, do lado da esplanada 55cm, o que é o mesmo que dizer banco muitas vezes preferido. Este jardim é um filtro que domestica a frente urbana da rua, côa toda a percepção do exterior, instala-se no dentro também, lembra se é inverno e se as hortenses estão secas, lembra se é primavera e o roseiral rebenta. Não é passivo nessa apreensão da rua: o passante curioso pelo cheiro do alecrim passa, rouba um botão com um gesto comprometido.

Este pequeno horto é a terapia das horas mornas, a poda, a caça às daninhas, a distribuição da casca de pinheiro são um brindes escassos, enclausurados, que a urbanização deixou. Ao longo da vida desta casa fomos descobrindo a sua benesse, a estima que recolhe no presente, de uma precisão quase oriental, pouco deve ao seu aspecto baldio dos tempos em que ensaiavam as vocações de jardineiro ao miúdo.


i09


i10

A Esplanada

O canteiro acompanha a chegada à única entrada e reserva a esplanada que se instala entre este e a montra, um dentro que se aloja no fora, quando o calor ajuda a confundir estas entidades. Este terraço é contíguo à sala pelas portas que se dobram para o canto. Tarefa que exige uma redisposição das mesas da sala, mas o ar lento e perfumado que a atravessa nas horas de soturno do Verão faz merecer o esforço.

À semelhança de toda a casa, existem duas naturezas, que transformam todas as rotinas com os ciclos do ano. No frio, quando o incómodo nem os resistentes permite albergar, este terraço é apenas lugar para o cigarro apressado. No Verão tudo se enche de frenesim, todas as horas são curtas nos dias longos, o terraço vira sala, é o centro da casa, os lugares disputados por todos os clientes. Uma atmosfera balnear trazida da praia distante por quem prefere esta esplanada às da marginal costeira, cruza-se com proveniências mais próximas de uma escapadela ao dia de trabalho. Aqui as tardes juntam-se ao serão numa animação acompanhada com todo o sortido de iguarias que se invejam umas mesas às outras. É um fórum onde se medem distâncias, onde o novo-rico se mostra ao industrial[56], onde a família se instala a sua tarde indiferente à disputa.

A primeiras horas do dia

A sazonalidade transforma também os passos pendulares do operar desta casa, no verão o dia começa na barrela geral, em jejum, para permitir depois o pequeno-almoço até à chegada dos primeiros clientes, que em dias mais generosos prolonga a torrada (porque o padeiro é tardio) e o café com leite, que se completa com o regalo do jornal ainda com o cheiro a tinta. O cozinhado que começa a escapar da cozinha: os estufados parecem trazer consigo a ambiência das próximas horas: o movimento das travessias entre es mesas e o passa-pratos, o comentário ao tempo, à comida (geralmente mais tranquilos que), à política ou ao futebol.

Estas horas são também as preferidas dos fornecedores, que alternam os comprimentos, o do pregão ''Bem-disposto, bem-disposto?'' ou o clandestino que surpreende com a sua presença silenciosa, ou ainda o utópico que cada semana traz um novo projecto de vida que expõe amplamente, dando a entender que a ocupação de sempre é provisória.

No inverno as demoras deste primeiros passos são mais de expectativa se o dia se completa com freguesia bastante para os compromissos assumidos e o jornal é um exercício que terá muitas oportunidades ao longo do dia. Um tempo cíclico que parece invariável ano após anos, parece ignorar qualquer outra lei que além do ciclo das estações.

56 - Este *en-garde* social começa antes, no estacionamento modelo, na vangloria do trancar as portas já a uma dezena de metros do veiculo, na certeza do mexerico da assistência.

Sala

Território incerto, a sala é um campo de batalha entre o público e o privado, além da persistência da televisão noticiosa em que o médio oriente bélico divide as invasões com o futebol, é um território em permanente expectativa, as suas ocupações oscilam entre os dias solitários de inverno em que se contam as ânsias nas letras gordas do jornal e a exaltação dos dias de verão que, estou certo, fazem desta a sala a mais composta do concelho. A satisfação emprestada das visitas povoa a atmosfera que em ponto algum se assemelha a ela quando vazia.

A produção desta casa sempre decalcou as fronteiras da sua domesticidade, a consciência de que dali provinha o sustento, na sua maturidade revela uma dependência que ultrapassa o seu vinculo económico, além de toda a vida doméstica que alberga pela circunstância da permanência estendida, ela é também o veículo social por onde se descobrem os amigos que são amigos da casa, onde se tratam os negócios, onde se recebe a família em diáspora.

A identidade produzida por esta casa é tal, a modelação da identidade dos seus sujeitos é tal, que muitas vezes o seu nome se substitui ao apelido da família. O companheiro evocado desta casa natal tem nome próprio, o que parece ter reforçado desde sempre a sua presença inconsciente, sempre soube que na família existia um tim-tim.

Esta sala possui uma mesa distinta de todas as outras, a primeira de quem vem do seu reduto ''interior" (da cozinha): é a mesa da "casa", onde o repouso do almoço ou do jantar comemora o fim do turno; onde, nos momentos solitários, o jornal acompanha a espera. Esta mesa parece ter adquirido um familiaridade intrínseca, é a preferida de boa parte das famílias que visitam a casa, o que gera um impasse quando a visita é tardia e a espera para a refeição do pessoal se adia indefinidamente.

Cozinha

> ''Como se faz uma cozinha? Há uma ideia a ser formulada aqui, nesta cozinha: sobre a natureza do espaço. O que se sabe é que a cozinha é lugar de produção . É fabrica onde se processa alimentos; química é a matéria. Entretanto há um outro fenómeno a ser considerado aqui, da ordem dos moleculares. A cozinha é essencialmente um espaço que contrai odores e que os liberta sob algumas circunstâncias."[57]

Esta cozinha além da sua dimensão produtiva, força motriz desta casa, além da sua comunicação química através libertação de odores que escapam à exaustão e que enchem a sala em jeito de sugestão do chefe; possui uma terceira natureza, a de refúgio de domesticidade, é o reduto interior, lugar de uma segurança intermitente dos olhos do público.

A cozinha é um fórum familiar, onde se dá a notícia onde se dissecam os devires, nos primeiros tempos desta casa, o seu grupo familiar preferia este como centro da suas rotinas, fazendo ai espaço das refeições próprias, recebendo aí os convidados. As exigências inevitáveis de uma melhora das instalações forçaram este espaço a uma maior especificidade, aproximando-o de uma cozinha-laboratório e afastando-o desse modelo pré-industrial. Ainda assim, hoje, alguns dispositivos resistem, um pequeno banco móvel que parece encontrar especial acolhimento entre a cozinha e a despensa, para receber uma instalação esquiva para um conversa mais próxima enquanto a mãe segue os seus afazeres de cozinheira.

Também aqui os dias de Verão se revestem de uma intensidade vibrante, em que os movimentos da mãe serpenteiam e se cruzam com os da copeira ou do ajudante. Em que tudo converge para os raros bicos de gás numa alquimia nervosa de cheiros, texturas e sabores, onde o misterioso senso da experiência inventa a cada prato um mesmo resultado que as centenas já servidos.

57 - Ludmila Brandão, *"A casa subjectiva"* pg 85


i11


i12

É também aqui que se concentra o imaginário do cliente que procura revisitar o deleite do prato de sempre, ou surpreender-se com alguma novidade, uma pressão que parece pôr em risco repetidamente, não só a credibilidade comercial, mas a própria identidade da casa.

Um rito quase religioso invade a cozinha nas tardes de domingo, onde todas as rotinas se intensificam pela demanda exigida pela sala: a vibração do relato da bola no pequeno rádio resistente sobre a máquina de lavar loiça, hoje já sem o Jorge Prestelo. Este ritual, adquiriu misteriosamente o tom de prenúncio do passeio familiar da segunda-feira que se seguia, a folga que nos levaria ao veraneio que os clientes anunciavam.

Despensa

O reduto mais interior desta casa, aqui qualquer visita do público é improvável, salvo as regulares entregas de mercearia. Este recorte espacial formado por um corredor contorcido e um pequeno sótão recolhe um especial mistério, aqui se passaram boa parte das minhas horas de infância, procurando dar uma composição mais animada às imensas embalagens que ocupam as suas paredes. Talvez tenha sido ai que apareceu algum apego pela modelação de volumes que reencontrei na academia com materiais mais abstractos. Continua a ser aqui que a evasão é mais eficaz, para o desabafo de uma má notícia, para o inevitável descanso dos olhos que a extensão do turno obriga.

Balcão

O balcão onde sempre se acharam alguns recantos próprios, o canto da bancada frigorífica guarda o leite do pequeno-almoço, atrás do copos de galão sobrava um antigo canudo a que o meu pequeno-almoço se tinha habituado, atrás do moinho de café o improvável chocolate em pó; existe uma cozinha familiar oculta nos recantos do balcão de serviço; a estes pequenos rituais somam-se um sem numero de marcas de domesticidade, o calendário na face oculta do pilar marca os compromissos médicos, festivos ou financeiros, a terceira gaveta organiza o chaveiro em suas profundidades. Este é também o território de amadurecimento dos mais tenros colaboradores, aqui me eram delegadas as responsabilidades em dias de trabalho, os copos, os cafés, os cestos de pão, a praxe de qualquer aspirante a chefe de mesa.

As últimas horas do dia

A rotina eufórica dos dias de Verão visita as últimas horas com um cansaço acumulado que parece fazer das tarefas pendentes uma obra de conclusão improvável, a lavagem do trem, a preparação do próximo dia são uma manutenção árdua que transformam esta casa em máquina invariável nas horas de fecho. Esta contenda, quando se afigura mais vasta faz esquecer a agonia da escassez do inverno e desejar os serões apaziguados do frio.



i13

De um restaurante ser casa

Talvez ao leitor mereça o esclarecimento do porquê este restaurante ser casa. Este espaço recolhe boa parte da domesticidade dos seu grupo familiar, ele apenas não é casa de pernoita, todas as outras horas e suas dimensões da domesticidade aí têm lugar e aí se cruzam com o seu programa público. Se alguma hesitação poderia surgir em apresentar esta instalação enquanto casa, a visita ao álbum de família eliminaria tais dúvidas, de facto a família nunca investiu tanto noutra instalação doméstica como aqui, nas antologias fotográficas multiplicam-se os retratos como se de um filho se tratasse, todas as suas idades, todos os seus momentos marcantes aí se encontram: inauguração, o primeiro dia de casa cheia, os seus aniversários.

Além dos valores da instalação física (a ''construção" de um restaurante numa loja vaga) a verdadeira densidade desta casa acontece nos seus arranjos momentâneos, na dinâmica de facto, na proximidade das suas esferas pública e privada, na permanência de pessoas em torno, que invadem e constroem territórios de familiaridade . No processo de composição desta casa, os valores anteriores aos da instalação (a identidade do lugar, da consistência do edifício) pouco contribuem para a intensidade da experiência do espaço, os seus recursos são banais, sem especial sucesso, pouco emprestam além do seu abrigo, da sua morada.















Apontamento 3: o regaço e o inconsciente alojado

CASA DO MENINO

memória e evocação | vagueza | ser interior | espessura | humor | regaço



Apontamento 3: o regaço e o inconsciente alojado

CASA DO MENINO

memória e evocação | vagueza | ser interior | espessura | humor | regaço



i01- sala, ser interior

i02 e i03- sala, ala das secretárias, lugar da escrita das casas

i04 - sala, ala do menino, ainda em espera

i05 - sala, ala das secretárias

i06 - sala, desde a alcova

i07 - cozinha, prateleira-jardim

i08 e i09 - cozinha, desde a janela indiscreta

i10 - Berço do bisavô em espera na casa do menino

i11 - Sair de casa

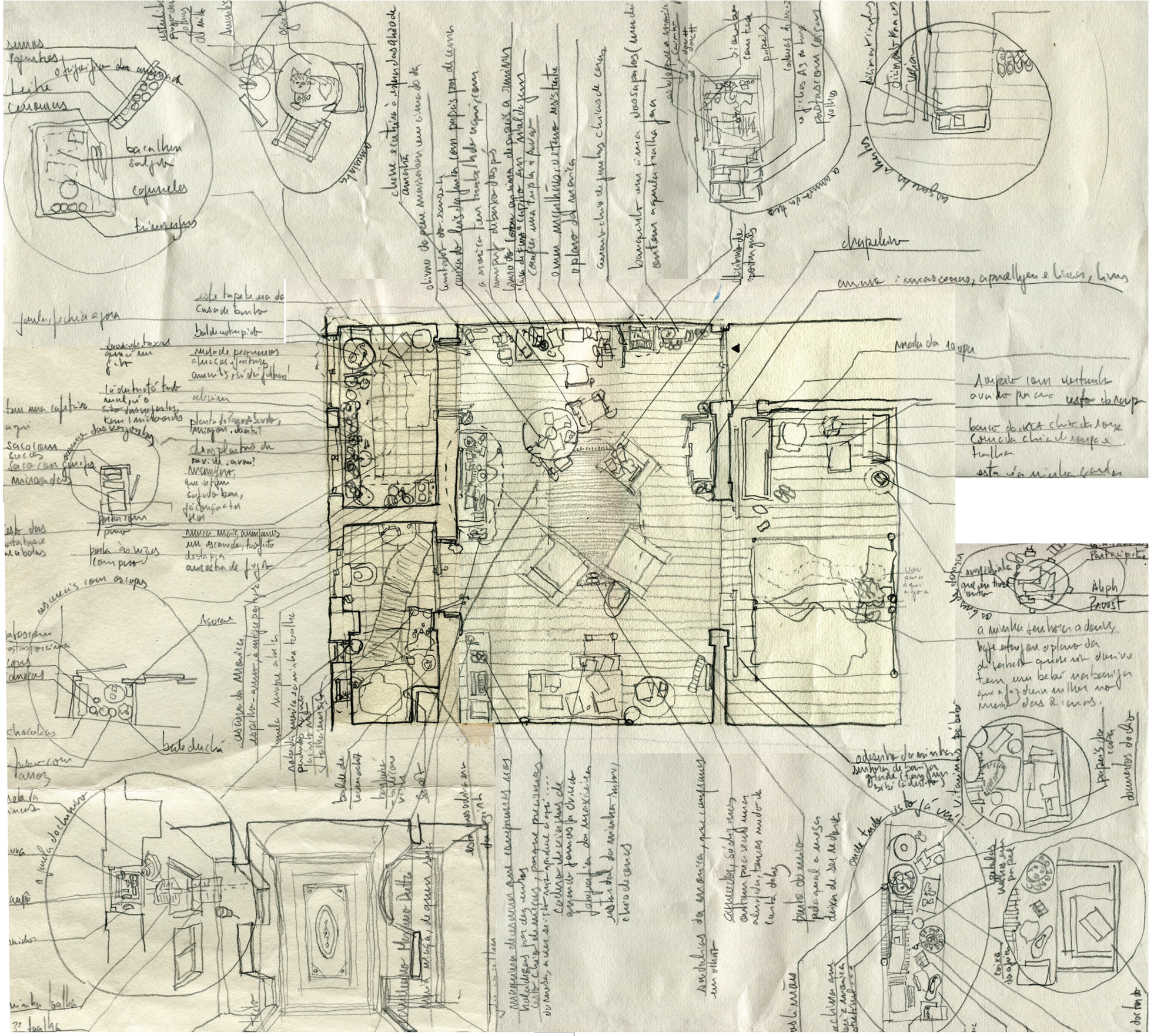
''Quando desenho um edifício, frequentemente encontro-me a mim mesmo mergulhado no passado, em memórias meio apagadas, e tento recuperar o que a situação arquitectónica era realmente, o que ela significava para mim na altura, e tento pensar como isso me pode ajudar agora a reviver essa vibrante atmosfera absorvida pela simples presença das coisas, em que tudo tinha o seu lugar e forma específicos."[1]

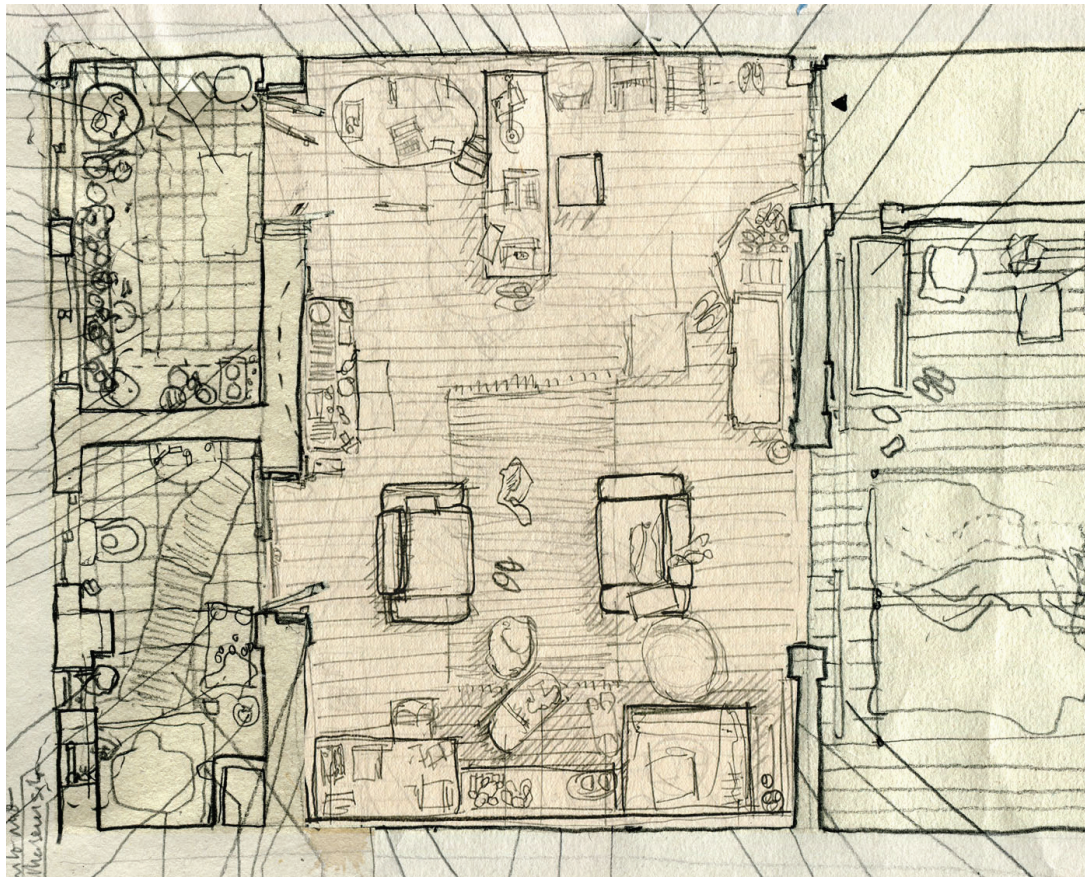
"observamos que o inconsciente está alojado. Cumpre acrescentar que o inconsciente está bem alojado, venturosamente instalado".[2]

1 - Peter Zumthor. *in A+U Feb. 1998,* pg 6 ''When i design a building, I frequently find myself sinking into old, half-forgotten memories, and then I try to recollect what the remembered architectural situation was really like, what it had meant to me at the time, and I try to think how it could help me now to revive that vibrant atmosphere pervaded by the simple presence of things, in which everything had its own specific place and form."

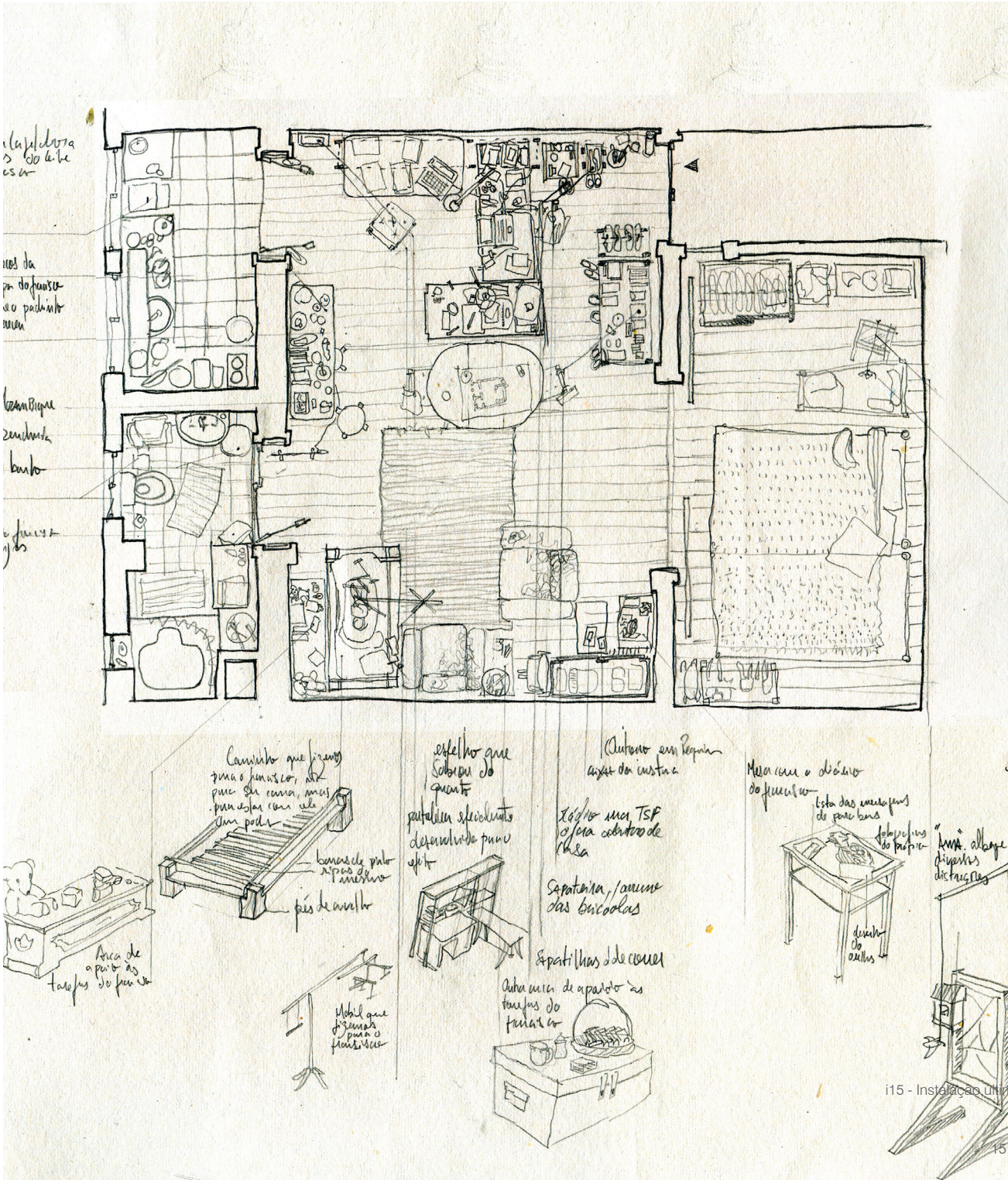
2 - Gaston Bachelard. *A poética do Espaço.* pg.32 e 33




sumos
tapetes
Leite
cereais
bacalhau
salsa
cogumelos
frigorífico
chocolates
pão com amor
batedeira
Aspirar
Banheira
Alph
Proust
Arrumar
Lavar
Cozinhar
Ler
Dormir
Comer
Trabalhar
Brincar
Tomar banho
Vestir
Despir
Arrumar
Limp



i14 - Instalação terceira


Caminho que fizemos para o frigorífico, não para ir cama, mas para estar com ele um pouco
bancada para o micro-ondas
pés de mesa
Arca de apoio às tarefas do frigorífico
espelho que colocou do quarto
Móvel que fizemos para o frigorífico
Quisemos em Reparação
Xóchi uma TSF
Sapateira / arrumo das bicicletas
Espartilhas de arrumo
Outro arrumo de apoio às tarefas do frigorífico
Mesa com o dicionário do frigorífico
lista das encomendas do pão bom
fotografias do frigorífico
Anjá, albergue de pequenos distúrbios
divisão do quarto


i02


i03

A escrita da casa presente e a evocação

Esta casa preconiza o encontro com o lugar deste texto, aqui sobre a secretária de pinho envernizado com um computador portátil que misteriosamente ganhou uma patine pouco comum nestas máquinas demasiado plásticas, demasiado indiferentes ao seu operador[3]. A escrita da casa dobra-se sobre o próprio espaço; a casa que me envolve é escrita entre o mapa da sua instalação actual e os registos das instalações anteriores. Mas essa não será a única duplicação do espaço que aqui se desenrola; aqui também se formou a escrita de outras casas, aqui se reuniram estados de apreensão de moradas mais distantes que estão agora albergadas nestas paredes, através de uma rede própria de imagens, textos, recuperações virtuais de uma vivência múltipla. O simples entreolhar qualquer uma destas peças arrasta um sonoridade imperceptivel do lugar a que remete.

Gaston Bachelard, fala-nos que o nosso inconsciente trata de escolher os lugares de felicidade para se albergar, este texto não nega esse juízo do inconsciente enquanto selector de vivências hospitaleiras.

Peter Zumpthor para as suas produções visita esses espaços de "felicidade"; mais adiante, no mesmo texto confronta-se com a impossibilidade da referência directa à forma da arquitectura da memória. A necessidade de atingir a presença dessa atmosfera vibrante, deve agora recorrer a novos meios. A nossa busca alinha-se com a condição que Peter Zumpthor aclara, nestas casas, de atmosferas vibrantes, procuramos as peças que merecem a recuperação que sabemos que não encontrará clone na nova obra, que terá que recorrer a outros meios, a outras formas, e outra materialidade, mas que não deve impedir o recurso à experiencia anterior como busca da densidade do espaço vivido.

Aqui também se experimenta uma nova dificuldade, a da descolagem do espaço presente, tão determinante para a escrita que podemos dizer que esta casa, que em si é um composto múltiplo e heterogéneo de experiências anteriores, invade e mistura-se com a escrita de todas as outras que sobre esta mesa passaram ou estão por passar.

As variações de humor da casa, afectam sem medida o humor deste texto. Uma disposição particular da arrumação das referências, uma avaria do termoacumulador ou a notícia da rádio pode provocar um desvio no texto mais significativo que uma qualquer peça da bibliografia.

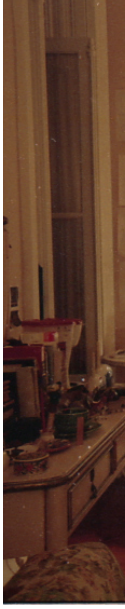
> "Ora, nossas casas também estão sempre assim: o humor de cada dia (ou humores de um dia só) conecta-se com determinada incidência nova de luz sobre a cama, (...), com o amontoado de livros deixados pelo chão numa madrugada qualquer, com cheiro a frango em fritura do vizinho… enfim, numa conjugação de elementos tão dispares que reconhece-la, todo o dia, pode ser uma árdua tarefa! (...)[4]

3 - a insuficiência do seu processamento converteu-o a uma simpática máquina de escrever/arquivo, duas grandes manchas de desgaste do acabamento marcam a área onde assentam os meus punhos

4 - Ludmila Brandão, *A casa subjectiva*. g 68


i07


i08



A cozinha

A curta cozinha pouco teria que se lhe dissesse não fosse a única comunicação franca com o exterior, o que levou, em tempos amenos, a preferir a parca mesa que aqui encaixámos para todas as refeições do dia, hoje exigências térmicas levam-nos de volta à sala, fixando o hábito. A limitação mais sofrível desta casa, ainda mais que a escassez de espaço, é a orientação nordestina; a nossa apetência para o manuseio da terra não pode dispensar um pequeno escaparate sobre a banca, com uma colecção de vasos, de entre os quais a planta de cera que parece ter adquirido mais resistências à exposição desfavorável. Um par de janelas indiscretas, revelam a sua vocação cinematográfica no lusco-fusco, quando os tons púrpura do céu se afrouxam para destacar a luz amarela das casas vizinhas, do lado de lá do logradouro; onde, por mais reprimidos que sejam, não são passíveis de eliminar os instintos de voyeur, o casal de velhinhos que sai com uma aparente receio â varanda, o cigarro do rés-de-chão à porta da cozinha, a corrida de tapete da senhora do 3º; o senhor do outro segundo que estende a roupa nu. Instintos retomados nestas horas tardias (3h30), onde se sonda se algum vizinho nos acompanha na vigília.


i09

A sala, o ser interior

Esta sala permite esboçar uma tese, uma tese da afinidade entre o espaço e a pessoa. Aquilo que normalmente definimos como uma inexplicada preferência. O que pretendo identificar não é o simples apelo do conforto, falo de um favorecimento da instalação, um dado arranjo de factores do espaço que permite a compatibilidade com a pessoa. Um valor de afinidade com momento de habitar, momento não no sentido instantâneo, mas de uma duração. Não se trata da casa que permita todos os anseios e expectativas, aí o excesso poderia resolver unanimemente todos os problemas, trata-se de uma compatibilidade que permite servir as necessidades de habitar daquela duração, que permite o conjunto de variações que ela exige.

Nesta sala habitada, muitas têm sido as variações da ocupação, tendendo para uma incorporação de cada vez mais dispositivos, peças de bricolage que tentam aumentar o rendimento da sua escassez de espaço, apertando os circuitos, trepando as paredes. Hoje é um pequeno labirinto em fase de saturação. No entanto, sob esta ocupação-limite, a sala inicial permanece impávida, indiferente, a sua potência imemorial permanece, não se mistura com a instalação densa. O lacado das carpintarias, a textura do soalho talhado pelo caruncho, o insólito das proporções dos vãos guardam cativa uma consistência inicial que permanecerá quando nos despedirmos.


i06

Instalação primeira

Uma sala ampla 3,7m de altura, os mesmos de largura, e um generosos 7m de comprimento; nos dois topos, as únicas faces que não são interrompidas por umbrais instalaram-se duas pequenas secretárias, a primeira com uma pequena consola, a segunda com uma arca a auxiliar o trabalho, ao centro três poltronas e uma mesa criam um encontro, uma zona de estar onde selamos o compromisso de interditar a televisão. Este centro é assim lugar de esquivos descansos ou das refeições mais esperadas.

Uma consola com o espelho oval encontrou o seu lugar de fidelidade entre as passagens para o quarto de banho e a cozinha, permite o conforto inexplicável de poder olhar a porta de entrada desde a alcova; nas suas gavetas os compromissos; sobre ela a selecção dos livros primeiros e a quota parte de pequenas peças arbitrárias, entre brinquedos, *recuerdos*, ou peças de circunstância a que serviu de aparo na passagem.

O problema da sapateira ausente, os sapatos sob um pequeno mocho, estorva à entrada.

Um desajuste inicial da posição relativa das secretárias, a segunda parece exigir demasiada intencionalidade para a ocupar, lá do lado oposto à entrada, depois de tudo, leva a que a mesa de jantar abrigue preferencialmente a segunda zona de trabalho, além disso parece implicar um problema de cordialidade, costas com costas, não era a nossa forma de passar as horas mais pesadas do dia. Paredes limpas ainda.

Instalação segunda

Esta sala, na sua meia idade adquiriu uma cultura de experimentação, mais que encontrar a forma justa de ocupação, queríamos explorar suas possibilidades, remontar o puzzle das suas peças. Registamos uma instalação intermédia: a remontagem da sala cedia aos apelos do seu espaço, a maior afluência de luz, que vinha da porta da cozinha, levou a conciliar aqui de vez os dois espaços de trabalho, colonizando a mesa, outrora de jantar, deixando as refeições em exclusividade na cozinha. O outro topo da sala abandonado, deposito das restantes peças de mobiliário mais ou menos esquecidas.

Instalação terceira _ metamorfose

A casa está de esperanças. Este advento coincide com um êxtase da sua produção, um estirador chega para tornar a colonizar o topo do fundo e toda a superfície vai acolhendo as folhas longas enroladas, cruzando a sala sentando-se nos sofás, perdendo-se nos intermédios. A hegemonia do trabalho sobre a sala quase a torna irreconhecível, apesar de pouco alterar na sua ocupação, reveste-a de uma atmosfera de compromisso, de tensão que perturba o descanso, que cerra as suas fugas; priva-a de um recanto, de uma unidade de espaço livre de trabalho, dada ao ócio. Logo que qeu foi posível, nos despedimos do estirador e fomos inventando sob aquela ‘’ala” o espaço para o menino.

O equipamento destinado aos seus cuidados vinha chegando pelas cedências de familiares e de relativos, adivinhando uma nova desterritorialização, revelando uma nova casa que teria de montar um novo kit de operações. Mais relevante que a montagem desse equipamento, é a presença que esse novo habitante reflectia já na atmosfera da casa, nunca ausente da nossa consciência, ensaiávamos os movimentos do colo, do banho, da muda. Os desenhos, as escutas, as fotos em torno da barriga dominam o regalo dos dias, dominam também as paredes mais ou menos livres da casa. A maternidade toma conta da casa.


i04

Instalação quarta _ a maturidade

O acolhimento do menino leva a uma resolução mais consistente; a ala mais resguardada deve ficar votada ao deleite das suas horas de actividade, às graças, às mudas, às primeiras descobertas, além do alojamento de todas as "companhias" mais ou menos móveis surge um afecto das matérias que acolhem: um pequeno pódio que convida à cesta partilhada, um móbil de pequenas varetas de faia que domina o espaço aéreo. Tudo baixa para a altura dos joelhos, as superfícies, a luz branda, tudo acontece à altura dos 50 centímetros. Aqui estar em pé não é prodente, qualquer aproximação ao tapete nazareno que define a zona, convida ao baixar, ao partilhar o olhar do menino, ao partilhar as suas expressões, ao desafiar as suas conquistas.

Um conjunto de novos dispositivos permite arrumar as colecções de uma forma mais contida. Uma profunda estante em tola inventada num velho armazém, arruma nas suas profundezas as mais diversas antologias; em baixo catálogos, periódicos e algum arquivo morto, depois literatura mais ou menos afecta à arquitectura divide-se com as resmas de papel branco; depois o rádio de todas as horas ao cento, e alguma literatura portuguesa nas alas; em cima objectos de afecto, estatuetas da primária, a máquina de escrever *Brother*, a família de galinhas em renda, na última prateleira os álbuns da recém-alargada família, duas caixas de fotos soltas cuja necessidade de as arrumar invade o consciente a cada cruzamento com o nosso olhar, ao lado as capuladas de Moçambique. Na lateral desta estante, voltado para a entrada um cabide montado em ripas de pinho, do outro lado da entrada a sapateira que divide a sua estiva com a ferramenta para a bricolage, uma terceira peça da mesma corriqueira matéria ocupa o restante espaço dessa parede: é uma estante arregaçada, apenas com duas prateleira altas, sobre as duas secretarias que se encontram em L e que se prolongam para o centro da sala, com a mesa de jantar, que recupera agora o seu uso.

Dois territórios distintos assistem a esta instalação, cada um com a sua altura, cada um com a sua luz. Duas matérias fluidas que não se misturam, sem divisórias. Duas ordens de necessidades complementares mas distintas que se recolheram cada uma a seu dado, conciliando seus laços, suas ligações.

Nesta sala achamos a nossa afinidade, preferimos espaços onde se faz (quase) tudo, onde o trabalho mora perto do descanso, da refeição, do regalo das descobertas da paternidade, onde cada um deles pode ser tomado em simultâneo, em comunicação com outro. Preferimos espaços que permitam acolher tudo e que permitam que cada coisa se realize. Agora em dias de saturação, quando urge a mudança por uma escassez de metros quadrados, as novas habitações visitadas parecem carecer desta sala, de alguma das suas dimensões, ou da força da sua permanência, cativa algures entre as suas carpintarias e nas suas porporções.


i06


i10

A alcova, A cama

O último reduto interior desta casa, uma alcova que se abre para a sala, a passagem sob um arco triunfal ajuda ao sagrado que aí se passa. Duas portas de correr sempre abertas permitem isolar de facto o quarto da sala; mas abertas estão desde o primeiro dia. A profundidade de campo a partir da cama agiganta-se e fascina. A penumbra da sala é desafiada pelas luzes da cidade que entram a partir dos dois vão esguios e pelo piscar da parafernália electrónica em *stand by,* ou pelo azul cobalto do amanhecer que deixa ver pela bandeira distante.

Também aqui, a chegada o menino veio revelar a sua natureza profunda, um quarto, um pouco mais que útero, um pouco menos que o mundo exterior; o berço anexo à cama quadrada, feita de duas de solteiro, estende a superfície do sonho. Um bolsa interior, mais se assemelha a um marsupial compartimento, onde apenas nos é concedido espreitar o próximo universo, a próxima redoma, por certo menos afável. Uma alcova com o mundo ao redor.

Quando todas as ameaças avançam sobre a unidade casa, que não é necessariamente o lugar dos usos "domésticos" (o comer, o estar, o banho, o sexo encontram lugar noutras moradas, paradigma exaltado nas hiper-cidades do oriente), a cama poderia bem ser o radical de uma casa, o sono, a pernoita, o lugar da imobilidade. O reconforto de assegurar a cama do albergue, quando estrangeiro em cidade desconhecida subscreve tal tese. A cama é a morada fenomenológica, não o endereço de correio, não a porta da rua, mas a cama queda, o ponto fixo do compasso das fronteiras dos nossos territórios. É este, também, o lugar dos lugares anteriores, invariavelmente recuperados ao acordar[7]. É o lugar dos momentos mais intensos da ordem e desordem da vida, o (já nem tanto) lugar do nascimento, do sono e do sonho, do amor, da doença e da morte.

7 - 'Um homem que dorme tem em círculo à sua volta o fio das horas, a ordem dos anos dos mundos. Consulta-os instintivamente ao acordar, e neles lê num segundo o ponto da terra que ocupa, o tempo que decorreu até ao seu despertar; mas as respectivas linhas podem misturar-se e quebrar-se". Marcel Proust; *Em busca do tempo perdido - Do lado de Shawn*, pg.11



Sair de casa

Sendo a casa esta onde estou, não posso entrar antes de sair, para esta aventura duas portas se erguem; uma para as escadas, também dos vizinhos, que ainda é um tanto casa, ainda não é o mundo exterior que espreita do outro lado, estamos apenas sujeitos a um fortuito cruzamento com o vizinho ou com o senhorio. Aqui, nas escadas, é possível recuperar alguma da nobreza inicial desta habitação, quando se destinava apenas a um grupo familiar e não às nove pequenas moradas em que se repartiu. As escadas permanecem uma, como no seu estado inicial, de um soalho de pinho, firme e macio, de uma balaustrada virtuosa e uma largueza que deixa insólita a escassez de espaço dos apartamentos que serve.

Depois do quarto lance, a porta de uma proporção insólita, a entrada ganha a altura dos dois primeiros pisos e mantem a largura do corredor, prepara-nos para a rua que nos aguarda, os seguros 3,5 metros da folha que abre são a medida justa do folgo necessário **para entrar no mundo**, que nos recebe por uma rua áspera batida ao ritmo fumado dos automóveis perto demais do passeio despido de qualquer barreira; ‘’**ou para fugir do mundo** (sempre se pode fechar a porta …)”[5]

Chegar à casa

A migração para esta habitação é recente, depois de um sem número de casas entravadas que o nosso orçamento permitia arrendar, surge-nos esta, com a mesma escassez de metros de chão mas com uma vagueza nova que parecia permitir todas as ocupações. Mas acima de tudo parecia garantir a liberdade do olhar, ele poderia sempre fugir por esse tecto de gesso, contidamente trabalhado. Um tecto tão alto, que nos primeiros meses exigia um esforço do nosso pensamento, semelhante ao de Proust[6], para longamente assumir a exacta forma da sala, para superar a sua distância ao corpo.

Ao mistério das suas proporções, soma-se a distribuição algo inusitada, sem espaços intermédios tudo parece convergir sobre aquela sala.

5 - Ludmila Brandão, *A casa subjectiva*

6 - ´´pequeno e de tecto tão alto, cavado em forma de pirâmide na altura de dois andares e parcialmente revestido a mogno, onde desde o primeiro segundo fora moralmente intoxicado pelo aroma desconhecido do vetiver, (...) onde o meu pensamento, esforçando-es durante horas por se desconjuntar, por se estender em altura para assumir a exactamente a forma do quarto e conseguir encher até cima o seu gigantesco funil”. Marcel Proust; *Em busca do tempo perdido - Do lado de Shawn,* pg.14



V
CASA DA AFINIDADE

"as coisas da vida" | a inteligência táctil | a duração | percepção e afecto | a instalação e a compatibilidade com a matéria | estado de habitar | hospitalidade

''Veremos que a inteligência humana se sente à vontade entre os objectos inertes, mais especialmente entre os sólidos; (…) De facto sentimos que nenhuma das categorias do nosso pensamento – unidade, multiplicidade, casualidade mecânica, finalidade inteligente, etc. – se aplica às coisas da vida: quem pode dizer onde começa ou termina a individualidade,(...) É inútil tentar integrar o vivente em qualquer uma das nossas molduras. (…) E, normalmente, quando a experiência acaba por mostrar-nos como a vida procede para obter um determinado resultado, vemos que a sua maneira de operar é precisamente aquela sobre a qual nunca tínhamos pensado."[47]

Bergson alerta-nos para a insuficiência das nossas categorias de pensamento para explicar as coisas da vida. Denuncia o fracasso da filosofia evolucionista quando estende os procedimentos de explicação da matéria inerte às coisas da vida e acaba por deixar a ambição inicial de explicar a própria realidade para reproduzir dela uma imagem simbólica. Não é igualmente novidade a contradição e os impasses de que nos fala quando a filosofia se confronta com esses limites do pensamento e nos leva a duvidar da existência de algum valor absoluto. Bergson diz-nos que tais impasses não se devem à inexistência de valores essenciais, mas antes ao desajuste das molduras com que o real é pensado.

Desta nota sobre o pensamento Bergsoniano, serve-nos o alento que traz a este texto: a possibilidade de uma "inteligência táctil" que ''palpando o seu objecto para receber a cada instante as suas impressões móveis, é uma inteligência que toca em algo do absoluto."[48] Esse absoluto, que não hesitamos em admitir, ''tem dois lados: o espírito, penetrado pela metafísica; a matéria, conhecida pela ciência," sendo que ''a nossa inteligência toca um dos lados do absoluto, assim como a nossa consciência toca o outro"[49]. Não podemos ignorar a rudeza deste conhecimento das coisas da vida, que opera num esforço de correcções sucessivas; também a nossa tarefa de mapear a casa encontra eco nesse esforço táctil e de aproximação que nos expõe Bergson.

A construção de uma consciência das dimensões subjectivas do habitar constitui, por certo, uma destas tarefas relativas às ''coisas da vida" que a ciência se habituou a lidar com as molduras do pensamento da matéria inerte e para a qual se revelou insuficiente.[50]

O conceito de "duração" é central para nos podermos cercar da dinâmica dessa inteligência táctil de que nos fala Bergson. A duração é assumida como o tempo da existência real – uma mudança incessante que varia permanentemente. Conceito avesso a qualquer determinismo, não isola o momento instantâneo nem o tempo limite (do passado imemorial ou do futuro distante). A duração é o tempo por onde o sujeito passa e se transforma, vem do passado e rói o futuro.

Assumindo a duração como o tempo da casa, a sua leitura não poderá isolar o seu arranjo momentâneo, que nos traria uma casa nova a cada momento, nem prender-se no seu tempo distante, que nos traria a aparente invariabilidade da matéria inerte.

Quando nos aproximamos do limite dos conceitos reapresentam-se as molduras apertadas e voltamos ao determinismo, tais formulações não nos trarão o tributo instrumental que aspiramos. A ideia de casa que procuramos terá que se servir de alguma intuição, do entendimento de um tempo em que as variações apresentam uma proximidade entre si, uma ligação de fortes laços que permite **constituir uma identidade entre os seus sujeitos e a matéria que a compõem.**

Na duração reencontramos o lugar da memória; não enquanto existência virtual ou projecção onírica, mas enquanto ligante dos instantes que compõe a experiência do espaço. A memória elimina o abstracto, o tempo deixa de ser o tempo limite (do instante ou do infinito) e o corpo deixa a sua condição de ponto no espaço para ganhar volume.

47 - Henri Bergson, *A Evolução Criadora,* p 336.
48 - Idem, p. 358.
49 - Gilles Deleuze, *O bergsonismo*, p. 28.
50 - Nota: não são desconhecidos os fracassos das concepções de tendência determinista aplicados aos espaços de habitar, que trataremos na *convocatória IX. Casa-Mercadoria*.



i14 - o descobrimento do fogo segundo Fra Giocondo, centro de domesticidade que dispensa o abrigo contruído.

Se na convocatória anterior[51] a leitura de Bachelard nos levara a uma valorização do espaço em relação ao tempo, (nos mil alvéolos do espaço residia a capacidade de reter o tempo), para Bergson é através da duração, portanto, do tempo, que o corpo se distingue de uma instantaneidade, ele é ''a essência variável das coisas"[52] - o espaço é apenas meio das durações.

A casa da duração implica que se tomem os seus hábitos, as suas rotinas, o fabrico dos seus dias como matéria para a construção do edifício. As necessidades de tal casa são amplas e complexas, não tratam o mero requisito de habitabilidade, são a condição do bem-estar. Esta condição leva-nos a reavaliar as necessidade que julgamos como básicas e as que não.

Do suporte das necessidades objectivas de abrigo, poderemos começar por supor uma cobertura, depois um perímetro de segurança, a incorporação de alguns utensílios para a produção de refeições… chegaríamos a todos os sistemas de apoio aos usos domésticos que povoam os interiores contemporâneos. No entanto, a tarefa complica-se quando nos propomos elencar a mesma ''evolução" do suporte das necessidades subjectivas, encontramos o fogo[i14], matéria do suporte de vida, a constituir o centro de reunião da casa, encontramos o lugar de refeição, com ou sem mesa, a constituir um dos primeiros centros de domesticidade. Parece-nos de facto razoável, defender que as necessidades de habitar de ordem subjectiva, se não preexistem, integram a experiência de habitar desde o seu estado mais elementar. Esta formulação faz-nos reconsiderar o valor do edificado para o princípio da casa, estes dois grandes centros de domesticidade (o fogo e a refeição) não exigem edificado, constituem, no limite etimológico, uma arquitectura performativa. Esta leitura da origem da casa em que manifestações de domesticidade precedem à construção de abrigo, ou dispensam-no de todo, não pode deixar de nos fazer considerar o peso relativo destas dimensões (manifestações e edificado) quando tratamos de principiar um processo de arquitectura.

As necessidades constituem apenas uma parte da experiência do espaço doméstico, ainda que elas possam ser de ordem subjectiva, implicam sempre um único sentido, o da demanda, o do sujeito que interpela o espaço, que se arruma aí. O fenómeno de habitar o espaço construído é recíproco, os apelos viajam nos dois sentidos, o espaço arquitectónico enuncia variações na sua experiência, modela o habitar. Um processo bem mais intenso que uma troca: os apelos mútuos, conscientes e inconscientes modelam não só o uso da casa, como os dois entes do binómio casa/pessoa.

Mais que traçar a fronteira entre o que seria necessidade básica e o que seria manifestação secundária, interessa aproximar-mo-nos dos deslocamentos entre o sujeito e o seu espaço doméstico. Desenhamos duas linhas destes movimentos: uma primeira linha, a da recepção da matéria que designa o movimentos espaço > sujeito, o sentido da apreensão sensível dos apelos do espaço, para a qual concorrem todos os elementos materiais (receptáculo, objectos de ocupação, luz, clima, cheiro, som…), esta linha é dominada pela percepção; uma segunda linha, que constitui a espessura

51 - *Casa natal:* «Perante a dimensão expressiva da casa natal, o espaço construído deve constituir-se como albergue de tal presença, de tal universo próprio. Se reconhecemos a capacidade da casa natal reter o tempo(...)»

52 - Gilles Deleuze, *O bergsonismo*, p. 25

dessa experiência preceptiva, a que através da memória liga todos os estímulos da percepção presente com lembranças passadas (de um passado limite [o remoto o imemorial] ou do último instante), distinguindo a experiência do espaço da mera instantaneidade - esta é a linha do afecto.

Mais que o ponto de encontro entre estas duas linhas a casa emerge da sua múltipla sobreposição. À medida que a percepção activa memórias, cria afectos, reconfigura-se e rearranja-se com os mais diversos graus de subjectividade, transformando o sujeito e impelindo transformações no espaço.

As dinâmicas de mútua modelação entre casa e pessoa encontram especial realização na figura da **instalação doméstica**. Esta compõe-se não só do arranjo material da ocupação de um receptáculo (de uma habitação), mas de um processo constante de busca do bem-estar para o qual concorre um conjunto de agentes modeladores do sujeito e da casa. **A matriz da habitação** na qual se lêem os valores do espaço físico (determinação / indeterminação, flexibilidade /rigidez, salubridade / insalubridade, largueza/exiguidade, privacidade/exposição, …) é albergue de outros agentes de composição da casa como sejam as **rotinas**, da ordem do uso e que tendem a atribuir aos diferentes recortes espaciais uma identidade dominante; distinto da rotina já visitamos o valor do **hábito**[53], um laço entre o sujeito e os dispositivos espaciais, responsável pela compatibilidade com a matéria, pela eliminação da estranheza.

Poderemos falar de uma dimensão da instalação que se compõe destas anteriores - **a atmosfera**, que podendo encontrar um valor de enunciação no suporte arquitectónico, se transforma dramaticamente na intercepção com todos os outros agentes da instalação. Estes agentes de modelação são dinâmicos, sincrónicos, atravessam a duração; do seu arranjo e rearranjo emerge o bem-estar da casa.

O domínio do tempo sobre a instalação doméstica, traz consigo um processo de **amadurecimento** que vota à instalação um valor de sedimentação, não só da proximidade entre a matéria e os movimentos, mas também um adensamento da carga subjectiva do espaço vivido. O excesso da acumulação material e de subjectividade que este processo poderá trazer, vota a instalação não só à perda de precisão como a uma densidade capaz de tornar o seu sujeito cativo, restringindo as suas contaminações com o fora.

Não será demais ressalvar que este agentes modeladores da da relação casa/pessoa não se realizam sem esse outro território mútuo do ente casa-público.

A compatibilidade entre estes agentes, momentânea, variável e frágil é a condição que assegura a travessia da duração, para a fixar ainda que momentâneamente **o estado de habitar,** e a possibilidade do bem-estar.

Neste extenso território da casa que cruza todos os níveis da ordem e desordem da vida importa encontrar as responsabilidades da disciplina da arquitectura, a compatibilidade entre a pessoa e o espaço dado. O encontro do estado de habitar, tem no espaço arquitectónico um

53 - *Casa Natal*: "Uma primeira dimensão, da ordem orgânica, à qual Gaston Bachelard se refere como '' um grupo de hábitos"(...)"

enunciador parcial, provavelmente o que mais determina o seu valor de permanência, a sua disposição para o amadurecimento.

O arquitecto, face à complexidade do fenómeno dos espaços de habitar, face ao espectro do possível a que está condicionado, não está votado à indiferença da sua produção.

A concepção do edificado a habitar deve integrar um processo de busca da **hospitalidade para a instalação doméstica,** deve ser sensível à multiplicidade dos seus apelos.

Esgotada a possibilidade de contacto com o universo singular de cada um dos seus futuros habitantes, o arquitecto na sua proposta, na sua busca de formas de "hospitalidade para instalação doméstica" pouco encontrará nos lugares-comuns da indeterminação ou da flexibilidade dos dispositivos que, virtualmente, acompanhariam o leque infinito das necessidades particulares do habitante desconhecido.

Parecem-nos mais felizes os processos que, fazendo uso de uma intuição precisa, tacteando as potencialidades dos instrumentos do arquitecto e o carácter do seu entorno, investem na construção de uma **consistência existencial do edifício**, que além da disponibilidade de ordem material que oferece ao devir-casa (e que pode ser mais ou menos restritiva), oferece também um cunho identitário, uma presença face à qual o habitante instalará a sua pessoa, com a qual se confrontará e onde estabelece o seu lugar do mundo.

Ao arquitecto, mais que um conhecimento objectivo dos elementos com que a sua produção edificada irá interagir, pede-se um afecto complexo que tacteie os territórios de subjectividade que aí se irão alojar, a identidade que se irá construir com o edificado que desenha.

O arquitecto deve ser consciente do potencial enunciador da sua produção edificada na experiência do espaço vivido; deve assumir uma posição quanto a subjectividade que ele irá evocar. ''O essencial do trabalho do arquitecto reside nas escolhas que ele é levado a fazer. (...) Determinadas margens de manobra pertencem-lhe; mas ele encontra também determinados limiares que não deve transpor, sob pena de fazer com que a sua obra perca a sua consistência existencial, sua força potencial de enunciação"[54]

A caminhada empreendida nestas convcatórias pela procura dos princípios da casa, entre uma "proposta biologica/ evolucionista", "as dádivas transcendentes" e os territórios de familiaridade, encontra aqui, na figura da instalação, da afinidade entre a pessoa e o espaço arquitectural, uma nova parábola, a do afecto, a casa que começa pela consciência das coisas da vida.

54 - Félix Guattari, *Caosmose,* p. 163 e 164.

Apontamento 4: pertença e lugar (a serra)

CASA DA MAXIEIRA

ruralidade e contaminação | casa-lugar | afinidade | bricolage



Apontamento 4: pertença e lugar (a serra)

CASA DA MAXIEIRA

ruralidade e contaminação | casa-lugar | afinidade | bricolage



i01- casa, vista do largo





i02 - alpendre de representação

i03 - saida para a romaria de S. Pedro, com fogaça, 1984



i04 - poço







i05 - passagem desencoberta entre poço e fachada sudoeste

i06 - pé de roseiral e pia de água

i07 - entre a casa e a rua





i08 - cozinha

i09 - inverno



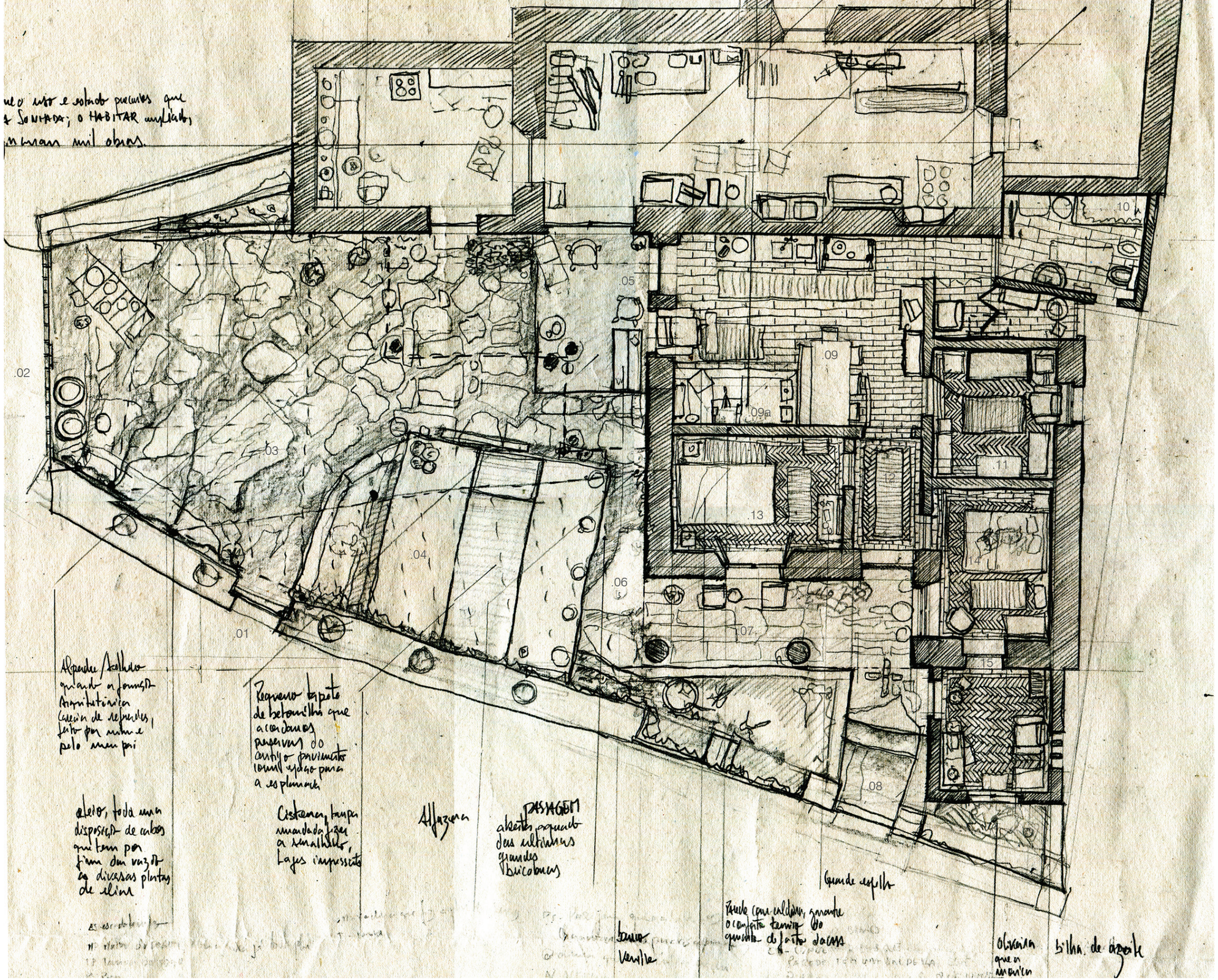
i10 - corredor dos quartos



i11 - na frente da casa, 1982

''lembrando-nos das "casas", dos "aposentos", aprendemos a "morar" em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham em dois sentidos: estão em nós tanto quanto nós estamos nelas."[2]

1 - Gaston Bachelard, *A poética do Espaço.* pg.20



i14- mapa da casa da Maxieira

legenda planta

.01 - porta de homem

.02 - portão

.03 - pátio

.04 - poço

.05 - "tapete" de betonilha

.06 - passagem da alfazema

.07 - alpendre de representação

.08 - entrada de representação

.05 - "tapete" de betonilha

.06 - passagem da alfazema

.07 - alpendre de representação

.08 - entrada de representação

.09 - cozinha

.09a - lareira, cozinha

.10 - quarto de banho

.11 - quarto da roupa

.12 - corredor quartos

.13 - quarto dos pais

.14 - quarto

.15 - escritório



i03

Uma casa da serra

A figura do homem urbano na procura de uma ruralidade perdida tem tomado progressivamente expressão no nosso território, sobretudo no mediático. Circundando tal fenómeno e abstendo-nos de qualquer nostalgia de um passado pitoresco, olhamos a experiência de habitar uma casa da aldeia. Serão, à partida, admitidas as contaminações e reconhecemos a ambiguidade das categorias ‘’rural” ou ‘’aldeia”; mas tais transformações não são o motivo para decretar a sua extinção ou, a da possibilidade de falar delas.

A ideia de herança rural poderá soar a uma entidade anacrónica, ultrapassada, da mesma forma que nos cativa uma certa incógnita optimista sobre as possibilidade de aí, nessa herança transformada, reinventar um “realizar local mas aberto ao mundo”, que não abdique da resistência à mera homogeneização de uma cultura global

Maxieira é uma aldeia na vertente norte da Serra d’Aire e esta proximidade é um factor profundamente determinante, aparte da agricultura, as actividades associadas à exploração dos recursos da serra marcam a economia deste lugar.

Esta casa nunca conheceu de perto o trabalho do campo como parte da sua rotina, mas também nunca perdeu a sua rede de proximidade: uma cultura, (julgo poder chamar assim) de habitar a aldeia entra pela casa dentro. Além dos códigos mais que defenidos da cerimónia (da romaria à visita pascal), sobra uma permanente presença da vigilância, o risco constante de quebrar a convenção é acompanhado com um certo afecto pelo reconhecimento de que a nossa vida faz parte da de treceiros, que tanto estão lá para o mexerico quanto para aflição, a repique dos sinos da capela.

Outros valores se somam a esta casa de aldeia, a presença vital de um pedaço de chão, ainda que lageado e apenas permeável a espaços ou a possibilidiade de manuseio de toda a matéria da casa sem inferir mácula no domínio do vizinho são tributos que a aldeia presta ao habitar.


i07


i08


i06


i02


i09

Chegar a casa; o pátio e o poço,

Uma casa de piso, de aspecto sólido e telhado ligeiramente abatido, chaminé imponente; assim se avista do alto da capela. Apesar da orientação privilegiada em relação à rua, esta frente é a de serviço, contando apenas com uma janela e uma porta que interrompem a fachada, e se voltam ao pátio exposto. A mitigação desta exposição é um trabalho permanente, sobre o muro espesso de 110cm de altura, haviam de se distribuir as guias de todas as espécies de eleitos mais ou menos autóctones, guias que hoje começam a cobrir o pátio e a permear o sol sobre o lajeado.

O chão deste pátio - suas texturas e variações - terá sido uma dos meus mais precoces execícios de arquitectura: o ímpeto de livrarmos aquele tão escasso pedaço de terra da betonilha que o cobria revelou-se um verdadeiro exercício de semiótica. Povou-nos então essa ambição de fazer surgir do chão algum sinal que o ligasse à interioridade da terra, vegetação rasteira haveria de cobrir este território. Mas tal não se verificou; esta obra de eliminação da capa cimentícia que cobria todo o pátio revelou um solo pétreo, disforme, que exigia uma colmatação quase diária. Junto à porta de entrada sobrou um rectângulo da antiga betonilha, com a intenção de tapete de boas vindas, oferecendo a regularidade que o piso do pátio não permite; encontramos nessa mudança de pavimento uma progressão, um anúncio de interioridade.

O inconveniente deste piso irregular acaba por ser bastante presente na vida deste recorte espacial. Por um qualquer designo de aleatoriedade, as variações do chão parecem ter cunhado particularmente cada passo que aprendeu a palpar o solo, a encontrar os seus pontos de apoio, qualquer visitante arrisca o tropeço.

Sob um telheiro um excerto de um banco de plateia e uma cadeira de napa ladeiam a soleira da entrada e compõem o serão quente dos dias grandes.

Este pátio é dominado por um dispositivo bastante peculiar, trata-se de um poço cúbico cujas suas 6 faces são lajes de calcário de 4,50m de lado, apenas montadas sobre a sua espessura de 12cm; pelos constrangimentos do pedra, a face superior é dividida em três peças. Este volume aparece com os escassos 75cm sobre o solo, que deixam subestimar a virtuosidade da sua construção.

Entre o poço e a fachada existe hoje uma passagem coberta de alfazema, cuja exiguidade obriga a que esta empreste o seu perfume ao passante; por ela ligam-se o pátio de serviço exposto aos olhares dos vizinhos e a frente da casa, que com a estrada desenha um trapézio repleto do mais cuidado roseiral. O previlégio desta frente associado à ausência de qualquer hábito de permanência, votam-lhe um forte sentido de cerimónia, que permanece reservar durante o ano a expectativa para esses raros dias de celebração.



i10



i11

A cozinha e a lareira (geada e porta fechada)

A cozinha é o centro da casa, 4.5m por 3.5m, expandidos por tudo o que ai acontece. O cozinhar é dividido entre a lareira, que expulsou o fogão a gás (agradece-se o fogo todo o ano, seja pelo conforto no frio, seja pelos grelhados no verão) e a pequena banca que se aperta-se do lado esquerdo de quem entra.

A mesa de reunião e, em seu torno, o sortido de bancos e cadeiras de todas as proveniências, vagueiam ora em torno do fogo, nos dias frios, ora na arbitrariedade dos dias quentes.

Esta cozinha é lugar de todas as permanências e de todos os movimentos. Cinco vãos interrompem as suas quatro paredes, qualquer atravessamento é pontuado por uma paragem, seja motivada pelo comentário ao assunto televisivo, seja o recado paternal. Não se pode evitar a cozinha, um mecanismo de controlo, mas também de subversão, se a ordem de recolha for desafiada, qualquer permanência solitária tem um toque de conquista, seja para o ócio da TV de ocasião, seja para acompanhar a extinção lenta do brasido na lareira.

Faltaria a enumeração de cada elemento que reveste estas quatro paredes, do relógio dos avós, do prato de um outro século, dos licores oferecidos, e todos os retratos que saltaram do álbuns e fixam à parede o tempo vivido, trazendo de lá um fio até ao presente que podemos puxar e recuperar numa qualquer narrativa.

Na serra é o frio o tempo da casa, quando os dias fazem secar o jardim, e cobrem os campos de um manto de gelo, o lugar de se estar é junto ao fogo, e esta casa assume-o sem reservas, boa parte da contida cozinha é ocupada um patamar a 25 cm (outrora a 50 que por exigências ortopédicas perdeu altura), cuja a saia da chaminé o replica a partir do metro e sessenta de altura, aspirando o fumo e os mistérios dos mais novos. Também aqui sob este coberto interior, numa imobilidade que o frio convida, se ouvem as histórias de tempos que nos soam imemoriais, em que "luz era a petróleo", histórias de estradas de pó, de ajustes entre cavalheiros, de tios pedantes, de escapadelas da catraiada para o adro da igreja e de arraiais na volta do senhor de Angola. Tudo isso parece estar intimamente ligado ao fogo ante a pilha de tijolos, chego a duvidar da possibilidade de tais passados se não fosse a chama liberta da lenha de azinho, cercados de uma cadeira e um banco corrido, e a necessidade de alternar o lado "esquentado"; os serões desaparecem com o fumo, as horas somem-se com as brasas e com as nozes.



i12

Os quartos

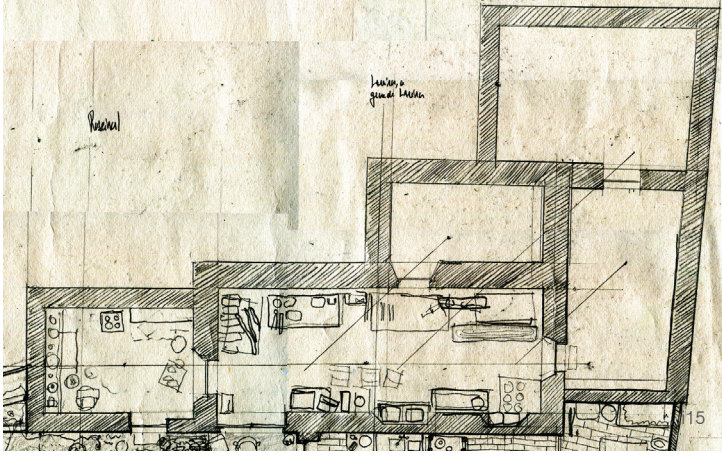
Existe outra casa dentro desta, se já visitamos dois ambientes, densamente marcados e distintos: o pátio e a cozinha, existe um terceiro de fronteira inequívoca: essa porta para o corredor. Tal transformação que creio não conseguir traduzir com rigor: uma transição total, onde não só muda a materialidade (um chão delicioso de um taco de sucupira envernizado, suave, silencioso, sob uma passadeira de trapo); muda a escala (exíguo, pouco mais de 80 cm, portas de um metro e setenta); muda a acústica (um abafo). Tudo parece remeter para o descanso, um ambiente de crepúsculo, que nem a luz do candeeiro público entre as ramadas do roseiral, nem o trilhar da noite na aldeia (dominado pelo cata-vento do vizinho) comprometem.

O corredor liga essa porta à porta de entrada principal e se for por essa que entramos, como entrou a menina em meados de Junho de 81, ao lado direito temos o que fora uma salinha de representação no tempo do seu antigo dono, e que haveria de ser seu quarto. A este quarto anexa-se um escritório, que acrescentaria o atributo de solar, as outras três paredes são ocupadas por vãos para o exterior, duas janelas e uma porta; a sua luminosidade baqueia hoje as plantas residentes. Este espaço que creio nunca ter achado a um uso fidel ao seu ambiente, tem hoje um ar de ''quase alpendre'' que acolhe apenas voluntariosos recolhimentos para a leitura.

O quarto principal é delimitado pela parede da lareira e pela fachada sul; ante o alpendre um janela faustosa garante a este compartimento uma condição óptima, um capricho do entorno; aparte do controlo térmico combinado entre estes três agentes (alpendre, janela a sul, parede da lareira), nenhum deles compremete a qualidade do ar, e chega-se a convidar as glicínias, pela janela aberta nas noites de calor.



i13



15

A Afinidade

A instalação nesta casa sofreu uma interrupção de doze anos em que se preferiu um generoso apartamento na vila. Na volta, nos anos 2000, a re-instalação foi populada de uma incessante vontade de mexer na casa, foi o advento da *bricolage*, aí se demoliu: a betonilha que revestia o chão de todo o pátio e as faces expostas do poço, a passagem entre o pátio e a frente; aí se plantou: os eleios que haviam de cercar o perímetro entre o perfume do roseiral e das glicínias e os cachos uvas das parreiras.

Mais que uma necessidade de melhoramento das condições físicas da habitação, existiu uma inadiável vontade de mexer no pedaço de terra de pertença, onde se inventaram as compatibilidades com o mundo. Uma latente sede de se expandir, de moldar aquele território, possibilidade inevitavelmente reprimida naquela outra habitação por andares. Não deixará de ser facto de registo que essas obras de recuperação do apego tenham convergido invariavelmente para o chão, para a invenção da porosidade da sua superfície, para a demarcação sensível dos seus limites.

Um ímpeto que permanece hoje mais tranquilo, mas que a manutenção não permite descurar e revalida a afinidade com cada pedaço de matéria que cuida.

Uma promessa silenciosa parece assegurar o alento para a continuidade dessa construção do território próprio: um conjunto de anexos precários, apertados entre a empena da casa e a casa vizinha acumulam (além de todo o tipo de materiais em expectativa de uma qualquer *bricolage*) os sonhos e projecto de expansão da casa.

A afinidade é o retrato desta casa, a intensidade da sua ocupação não encontrou eco na instalação nesse apartamento intermédio; esse hiato parece ter reforçado na volta a cumplicidade entre a casa e os seus sujeitos. Trata-se de uma casa de retiro, não existe um vínculo produtivo entre esta casa e seu grupo familiar, aqui tudo converge para a dissipação da tensão de um dia de trabalho, a rega do jardim, a fogueira, a reparação são o ritual pagão de procura da descontracção para o sono, o gozo condensado da domesticidade ao fim do dia.

Esta casa é uma prova afectiva de um equilíbrio de habitar, trata-se da completude de um quadro de necessidades que se mede, por um lado pela disponibilidade para a apropriação, para o acto de fazer território, e por outro pelo encontro com uma estabilidade do ser, com as figuras de permanência.























bloco II - CASA-FUGA

"Cada momento desenhará um prazer novo, uma identidade em fuga"[i]
Francisco Jarauta

'' De uma maneira ou de outra, o animal é mais aquele que foge do que aquele que ataca, mas suas fugas são igualmente conquistas, criações."[ii]
Gilles Deluze e Félix Guattari

convocatória

VI. UMA SÓ OU VÁRIAS CASAS?

condição única do corpo, condição única da casa | segundas casas, casas de fuga | dispositivos de evasão: a televisão (espaço mediático), a janela (espaço cénico), o carro (espaço móvel) | a perda de imediaticidade

VII. CASA DE VOLTA

imediaticidade | arquitectura como suporte da memória | acto de fazer território - o controlo simbólico | **presença** | necessidades básicas do habitar | casa enquanto ser de sensação | a casa enquanto realização do próprio| o "não construir"

VIII. CASA DO ESQUECIMENTO

vectores de desterritorialização | paragem | **território** | a autêntica casa, cometimento a tempo inteiro - o **ser casa** | o projectar e construir casas, as condições de disponibilidade - o **dar casa** |

apontamento

5. consistência e disponibilidade: CASA DA ILHA

edifício, **produtor de subjectividade** | sujeito e materialidade, uma afinidade ingénua | exílio, fuga dos modos contemporâneos | **consistência e disponibilidade - o dar casa**

6. retiro e produção: CASA DO POUÇO DO SOUDO

vectores de desterritorialização | paragem | **território** | a autêntica casa - o **ser casa** | o projectar e construir casas, condições de disponibilidade - o **dar casa**



VI
UMA SÓ OU VÁRIAS CASAS?

condição única do corpo, condição única da casa | segundas casas, casas de fuga | dispositivos de evasão: a televisão (espaço mediático) , a janela (espaço cénico), o carro (espaço móvel) | a perda de imediaticidade

''Tomas repete em silêncio o provérbio alemão, *einmal ist keinmal*, uma vez não conta, uma vez é nunca. Não poder viver senão uma vida é pura e simplesmente como não viver."[1]

''se fosse certo o que diz o provébio, que o corpo é o templo dos nossos antepassados, o corpo seria então um único: seria a habitação que mais nos aguarda."[2]



i02 - capa do álbum ''A momentary lapse os reason'' da banda Pink Floyd

Milan Kundera pesa-nos a leveza de uma vida única, induz-nos a essa angústia recorrente da impossibilidade de escolher, com conhecimento de causa, perante a dúvida.

Com os mesmos olhos, a aventura de habitar revive a cada passo a mesma impossibilidade da escolha fundada. **A casa não é apenas o problema existencial da escolha da morada; a casa, como coisa real, é um fabrico que incorpora memórias de casas passadas, alberga sonhos de casas futuras acolhe anseios inconstantes e variáveis;** no entanto as suas dimensões múltiplas e sincrónicas parecem não ser suficientes para a destituir da sua condição única, a cada passo da epopeia de habitar, confrontamos sempre com ''a ideia de uma resolução mais consistente ainda, por melhor que seja a encontrada''[3].

A cada momento da nossa instalação doméstica podemos imaginar uma mão cheia de outras moradas possíveis, as quais se multiplicariam numa infinidade de casas hipotéticas, de que nunca saberíamos qual seria a mais conseguida, a que melhor serviria as nossas necessidades. Provavelmente, diferenças pouco relevantes separariam essas vidas e essas casas paralelas. No entanto, é possível atestar esse anseio, essa sensação de insuficiência (de insustentável leveza) do habitar único. Não existe outra casa que habitamos simultaneamente ou que voltamos a habitar noutra existência, em que poderíamos corrigir ou melhorar os contornos da primeira, ou simplesmente abandonar.

A reflexão de Luis Santa-Maria apresenta o nosso corpo como um único templo herdado dos antepassados, como a habitação que mais nos aguarda. Tal formulação garante-nos um bom porto de chegada para a tese da condição única da casa. **Em última instância a condição única do corpo seria a condição única da casa**, não pela sua impossibilidade de ocupar mais que um lugar (nessa dedução teriamos que assumir o lugar que o alberga como casa, o que seria manifestamente curto) mas porque o próprio corpo é (parte da) casa da pessoa, uma casa que se compõe com o que o envolve. Não existe casa sem corpo, sem o seu confronto, a casa realiza-se ante o corpo.

> "a casa de férias foi considerada como sendo uma segunda habitação, ela de alguma forma permanece para uma segunda chance , uma chance de melhorar em relação à primeira casa, de repetir a cida, de viver uma fantasia"[4]

A condição única da vida e a ilusão da sua insuficiência, estende-se, à condição única da casa: a impossibilidade de uma alternativa de facto é atenuada com movimentos de fuga, casas que ocupamos com a fantasia de uma segunda chance, vidas que simulamos a prazo, em que exploramos as liberdades de uma substituição.

As casas habitadas nesta condição de fuga reúnem um grau de liberdade que é explorado; um ensaio de sonhos e fantasias

i - Francisco Jarauta; *Desde Algún Lugar, in 100 Hiperminimos* de Frederico Soriano. «el spacio se presenta como la condición de la escena e la representación. Cada momento dibujará un placer nuevo, una identidade en fuga»

ii - Gilles Deleuze e Félix Guatari, *Mil platôs, capitalismo e esquizofernia*, Vol. 1, p. 69

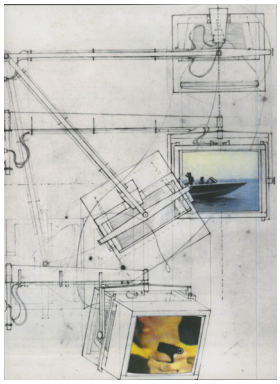
1- Milan Kundera, *A insustentável leveza do ser,* p. 13, «Nunca se pode saber o que se deve querer porque só se tem uma vida que não pode ser comparada com vidas anteriores nem rectificada em vida posteriores. […] Tudo se vive imediatamente pela primeira vez sem preparação. Como se um actor entrasse em cena sem nunca ter ensaiado.»

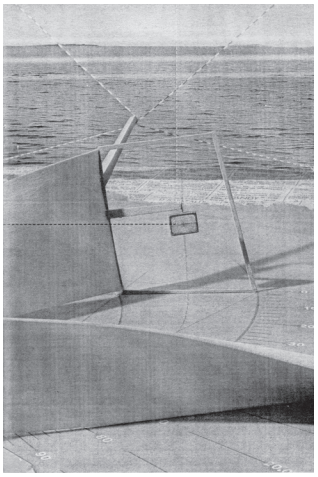
2- Luis Martinez Santa-Maria, *Lo libro de los quartos,* p. 159.

3- Ludmila de Lima Brandão, *A casa subjectiva*, p. 65, «Primeiro porque [a casa] é, como toda a criação, uma busca onde nunca se sabe de ante-mão o que se vai buscar, e há sempre uma ideia de uma resolução mais consistente ainda, por melhor que seja encontrada. Em segundo lugar porque a dinâmica das subjectividades (saudáveis?) não sustenta fixidez e renova sempre a busca.»

4- Diller e Scofidio, *Flesch, Arquitectural Probes, p. 224,* «(…) the vacation home was considered to be a 'second' home, it somehow stood for a second chance - a chance to improve upon the first home, to replay life, to live out a fantasy.»







i03, i04, i05 imagens do projecto de Diller e Scofidio, que definem como: '' A Slow house é simplesmente um porta que leva a uma janela: a entrada física para o escape visual. Numa escala mais alargada, é uma passagem do artifício (a cultura citadina operando no seu mais aparente) para a ''natureza (a cultura visual operando no seu mais subtil)''[5]

que podem construir/reunir situações novas, estranhas ao quotidiano dos seus habitantes.

A libertação de uma rotina dá lugar a novas necessidades domésticas e a uma aceleração da sua materialização através incorporação/improvisação de dispositivos/organizações que as satisfaçam.

A *Slow House* é uma dessas casas feitas para a evasão, que procura explorar o sentido da fuga de uma domesticidade. Diller e Scofidio definem-a simplesmente como uma porta que leva a uma janela, uma entrada física para um escape visual, esta itinerância é deformada por uma curvatura concebida para dosear a satisfação óptica, revelando lentamente a paisagem que a janela emoldura[6].

Três dispositivos de satisfação óptica compõem o sentido reversível da fuga da *Slow House*: O pára-brisas do carro, escape reversível para o **espaço veicular** entre a cidade e a casa de férias. A janela (panorâmica), escape para um **espaço cénico**, medido pelo valor de mercado. O ecrã de televisão, escape solitário para o **espaço mediático**.

Estes três dispositivos estão presentes em grande parte das nossas casas, permitindo a fuga sem sair de casa. Uma visita mais demorada às suas dinâmicas pode-nos acrescentar um importante contributo para a precepção dos movimentos de fuga que a casa incorpora:

A **televisão** preconiza uma inversão da cultura de exposição, os tradicionais receios de invasão da privacidade parte de um exterior ante o qual se exigia protecção, transformam-se hoje num anseio pela sobre-exposição, um receio de que não está ninguém a ver. Este paradigma não se restringe às produções do mecanismo televisivo, o escape mediático encontra meio noutros dispositivos (*laptop, tablet, smartphone…*) produtores de infinidades e possibilidades de fuga constantes.

A intercomunicabilidade de tais máquinas, sempre ligadas a redes virtuais de pessoas e acontecimentos, preconizam uma forma de ausência: são mais do que recorrentes os imóveis--corpos desabitados nas ruas e esplanadas cujo espírito se evade para um pequeno monitor que irradia uma luz azul; o mesmo se passa nos interiores domésticos, uma virtualidade que insiste em colocar os seus sujeitos sempre noutro lugar.

A **janela**, nas tradicionais delimitações do espaço privado e público representava um elemento de vulnerabilidade, é um sistema recíproco, um meio de controlo e vigilância mútuo. Veermer mostra-nos uma destas janelas por onde a realidade do exterior entra intensamente para passar a pertencer à habitação. Também a janela parece ter acolhido a inversão da cultura de exposição, na janela de Edward Hooper já não existe um exterior cuja invasão seja doseada, apenas se apresentam corpos solitários e vigilantes, perfomando-se frente ao exterior. Solitários porque já não vêem a terra que ocupam, porque já não há nada inocente ou inexplorado a partir da janela de onde olham. A janela, independentemente da sua distância à terra, parece assim capitalizar os anseios de escape do sujeito--habitante; por entre o vitral de Vermer ou a montra de Hooper, ambas as senhoras libertam os seus anseios, os de curiosidade ou os de solidão.

5 - Idem, p. 225, «The Slow House is simply a door that leads to a window: physical entry to optical departure. At a broader scale, it is a passage from artifice (the city-culture operating at its most apparent) to 'nature' (the view-culture operating at its most subtlety).»

6 - nota: esta grande janela é flanqueada por dois ícones domésticos, de um lado a lareira - ''simbolo nostálgico de uma autênctica, cultura pré-industrial'', e do outro lado a televisão - '' emblema da ''deparvada'' cultura tecnológica''



i06 - ''Young Woman with a water Ptcher''. Johannes Vermeer



i07 - ''Morning in a City''. Edward Hooper



i08 - Cabana na Floresta Negra de Martin Heidegger

Outros meios de fuga incorporam as nossas casas, que não serão necessariamente dominados pela sua componente óptica; a porta, enquanto mecanismo de isolamento de um dado recorte espacial, permite a retirada de facto em escassos centímetros.

> "Um banheiro, de exíguas dimensões, um dos menores recortes espacias do homem (menor que ele só a cova rasa) é, ou pelo menos pode ser, espaço de evasão, por onde se ganha o infinito, o mais distante."[9]

Quem não se recolheu no quarto de banho da própria casa, antecipando os apelos fisiológicos a fim de escapar a uma qualquer perturbação do seu território? Quantos adolescentes se terão recolhido no seu quarto a fim de se evadirem de qualquer atropelo à sua zona de conforto? Estes movimentos entre um quadro familiar e um recolhimento individual num recorte espacial próprio, que se privatiza em completo, desenham linhas de fuga que constroem os micro-territórios do interior da casa-pessoa; da mesma forma que as férias, o passeio no parque, o fim de semana nos avós, enquanto incursões por um exterior menos familiar, constroem a casa no território entre o familiar e o público.

> "com o fim de suster a sensação de conforto e bem-estar, a casa de férias deve representar um refúgio, no entanto ela deve estar equipada com o escape do escape, isto é, conectada aos lugares de ansiedade"[10]

> ''Sendo o meio associado sempre confrontado com um meio de exterioridade onde o animal se engaja e, necessariamente, se arrisca, uma linha de fuga deve ser preservada para permitir ao animal voltar para seu meio associado quando aparecer o perigo (como a linha de fuga do touro na arena, graças à qual ele pode retornar ao território que escolheu para si). "[11]

Nenhum turista ignora a sensação de satisfação ao voltar a casa por mais modestos e curtos que sejam os seus recortes. A necessidade de evasão da casa é essencialmente uma prática de afectos, uma necessidade de distanciação do próprio território para o revalorizar no retorno.

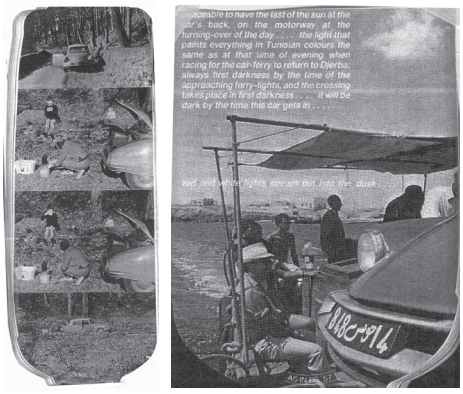
Diller e Scofidio na sua dissertação sobre a natureza da casa de férias, alertam-nos que para garantir o conforto e bem-estar dos seus hospedes, a casa de férias tem que estar equipada com a fuga da sua condição de refúgio, com a ligação de volta à ''cultura" de proveniência. Neste ponto a oportunidade da *Slow House* pode ser aproximada à da cabana na floresta de Heidegger. A casa do lazer, da satisfação visual, e a cabana primitiva do retorno existencialista, do reencontro com a autenticidade perdida do habitar, são ambas casas de férias, refúgios provisórios, reversíveis.

Esta distância também nos poderá devolver alguma lucidez sobre os discursos destas casas. Enquanto Diller e Scofidio desencadeiam uma série de reflexões sobre a condição de férias da ''sua" *slow house*, encontrando na estimulação sensorial e na fuga ao familiar os argumentos para um escape da domesticidade e para a construção da consistência da casa de fuga; em Heidegger, nunca encontramos uma valorização da condição turística da sua cabana na floresta, tal condição

9- Ludmila de Lima Brandão, *A casa subjectiva*, p. 33.

10 -Diller e Scofidio, *op. cit.,* p. 222, «Thus, in order to sustain a sense of comfort and well-being, the vacation home must represent itself as a refuge, yet it must equipped to escape from escape, that is, to connect a moment's notice to sites of anxiety.»

11 - Gilles Deleuze e Félix Guatari, *Mil platôs, capitalismo e esquizofernia, Vol. 1*, p. 69.



i09 e i10 - imagens de As in DS

é inclusive contrariada pelo discurso da autenticidade do habitar, pela fundação de um pensamento exitencialista sobre tão provisória morada. Heidegger habitante ocasional da cabana da floresta, expõe-a como modo de habitar alternativo, definitivo e irredutível.

Na *Slow house* a linha de fuga é materializada pela estrada que liga a cidade à porta de entrada da casa de férias. O meio da fuga é o carro. A promiscuidade entre o carro e a casa encontra outras dimensões além das do estímulo visual.

Na verdade, o carro tem conquistado territórios que eram exclusivos da casa: o namoro de alpendre[11] com o seu código restrito encontra um novo e mais descomprometido lugar no carro; a vigilância da vizinhança, à janela ou nos arranjos de jardim – hábito tão costumeiro nos mais avós, dá lugar à ronda pelo quarteirão[12].

Além desses fragmentos do habitar que o carro subtraí à casa como espaço privilegiado, podemos falar de uma tendência de algum tipo de automóveis que se propõe à substituição da casa, que se propõe ser casa em trânsito.

São salas de estar compactas, seguramente mais equipadas que as que replicam[13]. A possibilidade de comunicação, os diversos modos de sentar, todo o equipamento de segurança e entretenimento, os dispositivos de *cruise control*, ar condicionado, a abundância de espaço, aponta a valorização geral da habitabilidade do carro.

> ‘’…quando fazíamos um pic-nic no carro, sob o sol de inverno. Estes simples prazeres e o contacto com a família dispersa são as liberdades de todos na estrada – tu podes por-te no carro e aparentemente ir onde quer que queiras, pela ordem que escolheres; de repende estas possibilidades – mesmo que sejam tidas por garantidas – fazem-nos pensar e ver de forma diferente.”[14]

Alison Smithson faz um diário de vida a bordo do Citoën DS. neste diário Alison regista o mais despercebido dos sinais de uma ‘nova’ sensibilidade ao movimento do carro.

Por todo o diário são recorrentes as evidências da domesticidade em curso no espaço do carro, B. Columina fala de uma sala de estar sobre rodas, com os filhos no assento de trás a desenhar e a fazer jogos inventados sobre o automóvel e os arquitectos desenhando e fotografando a paisagem através do para brisas.

O carro, a democratização do seu uso, permitu uma nova noção de liberdade, a sensação de poder chegar onde se quiser, pela ordem que se quiser.

No entanto, a máquina automobilística produz uma subjectividade de outra natureza, o tempo tomado a bordo do automóvel com a sua estanquicidade, com o seu movimento ondulante, a paisagem passante, permite uma fuga à própria imediaticidade[15], ao contacto com o lugar que se ocupa.

11 - Buckmister Fuller, *Private Sky*, «The young people who used to court in the parlor, [...] now began to do their courting in the automobile, or the porch with wheels [...] driving it to the drive in theatre.»

12- *Id., ibid.,* «Then came the automobile, […] so instead of waiting to see people go by he drove down the street to see people. In very real sense, the automobile was part of the house, broken off,[...] we fail to realize that the automobile is as much a part of the house as is the addition of a woodshed.»

13 - Alison e Peter Smithson, *Changing the art of inhabitation*, p. 119, «Caravans are the nearest to an expendable architecture that the market has to offer […] providing o home of one's own at the right time, at the right price, with little or no outlay or furnishings, and a home which is technological twentieth century.»

14 - Alison Smithson, *As in Ds,* p. 16, «(…) where we had a picnic'd in-car in winter sun.These typical simple pleasures and dispersed family contacts are everyone's freedom on the roads - you can get in your car and seemingly go wherever you want to in whatever order you chose; surely these possibilities – even if they are taken for granted – make us think differently as well as see differently.»

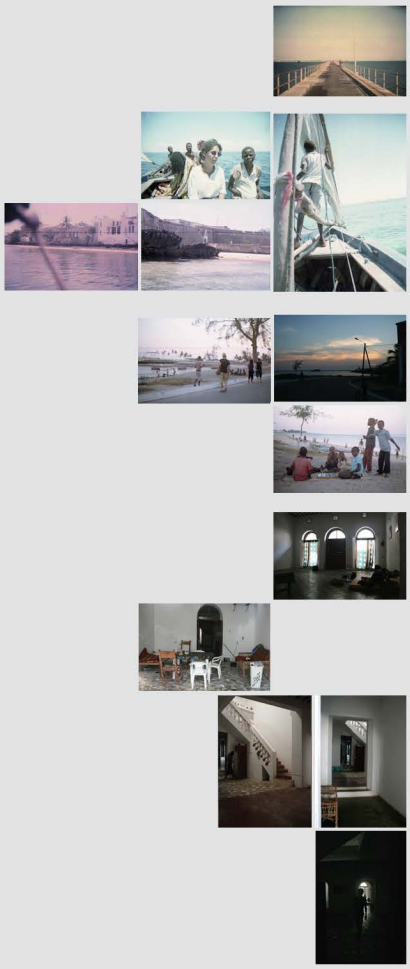
15 - *Idem, p. 153, «On glass-like plastic-sheeted ramps …queuing between 'thirties sideboards immediacy is lost… except when you open the door of the personal car on a new place.»*

* Como com o televisor também o carro perdeu alguma da sua exclusividade e partilha hoje as preferências com outros meios de evasão física. A viagem de avião de baixo custo e a rede alargada de transportes públicos ampliam as possibilidades de fuga; não deveremos ignorar algum fim de ciclo naquela que terá sido a epopeia do automóvel, concentrações urbanas sem precedentes e a compatibilização da rede de transportes colectivos excluem-no.

Apontamento 5: consistência e disponibilidade

CASA da ILHA

edifício, **produtor de subjectividade** | sujeito e materialidade, uma afinidade ingénua | exílio, fuga dos modos contemporâneos | **consistência e disponibilidade**



Apontamento 5: consistência e disponibilidade

CASA da ILHA

edifício, **produtor de subjectividade** | sujeito e materialidade, uma afinidade ingénua | exílio, fuga dos modos contemporâneos | **consistência e disponibilidade**



i.01 - chegada à ilha



i.02 - viagem para a ilha de Goa

i.03 - viagem para a ilha de Goa

i.04 - ao largo da ilha

i.05 - ao largo da ilha - o forte



i.06, i.07, i.08 - volta à ilha



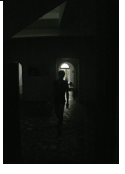
i.09 - salão



i.10 e i.11 - pátio

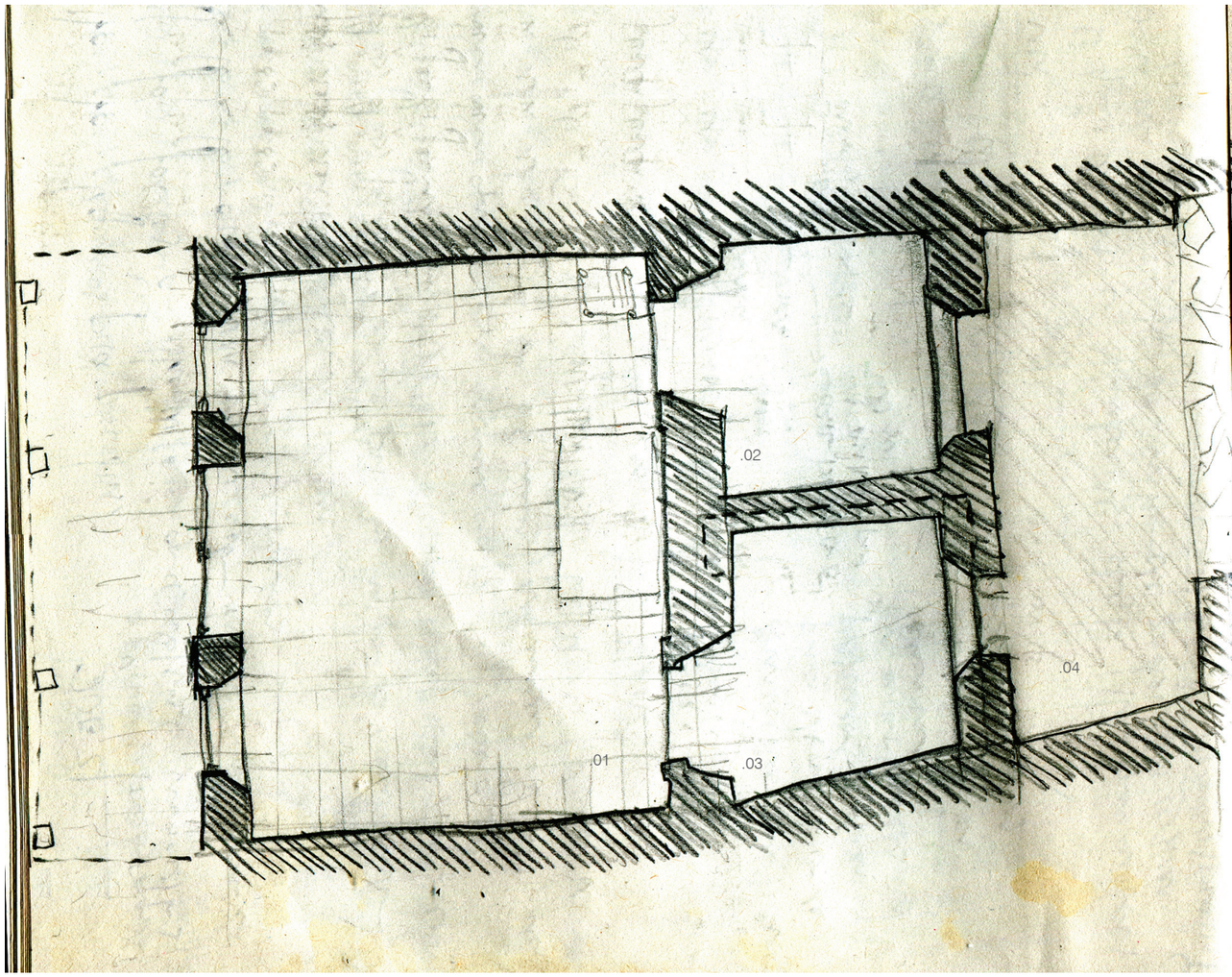


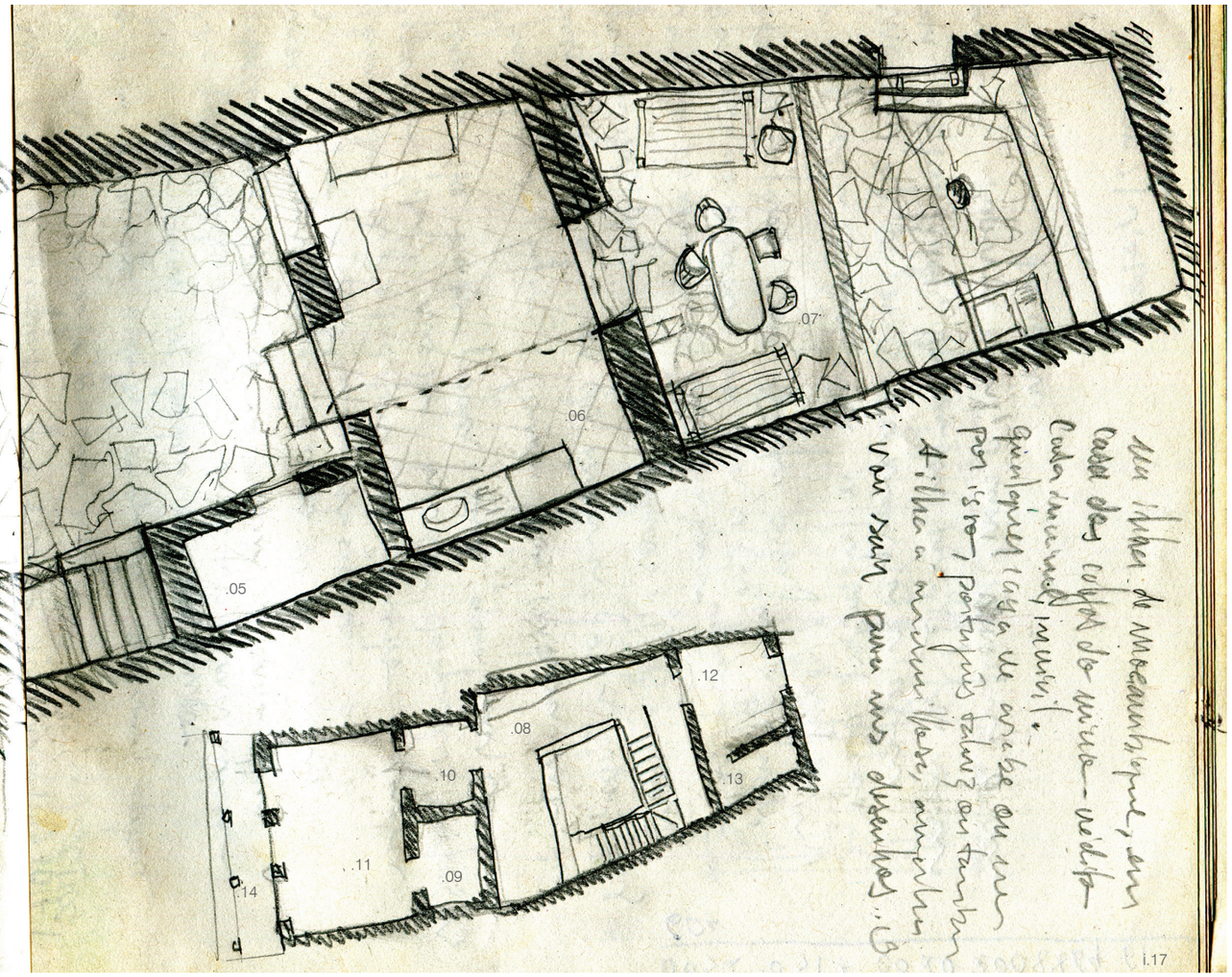
i.12 e i.13 - escadas e compartimento adjacente



i.14 e i.15 - escadas a partir da cozinha

"hoje fomos à ilha de Goa, viagem digna destas paragens, já de volta, sobra-nos agora um momento de consciência que nos lembra que estamos aqui e que vamos sentir falta. Já só faltam 3h para o início da continuação da nossa viagem, saudade de Moçam Ali Bique, terra do homem que deu nome ao país, (…) é singular este lugar, (…)
A saber, a saudade desta ilha que ancorou bem em nós. Tem-me feito pensar no que havemos de fazer da vida, ou se faz sentido pensar nisso. Aqui não faz por certo, aqui faz sentido esperar, apanha-se o jeito; vive-se de um talento de olhar a Terra de forma míope, não de cego, mas de quem só vê o que está excessivamente perto: a miudagem na rua a toda hora que nos faz crer que há alegria em todo o lado, mas mais aqui. E além deste mui cerca tudo terá que ser desfocado, e de preferência sem perguntas (para onde foram os velhos?)."
"saudades da ilha". Diários de viagem. Ilha de Moçambique, 4 de Dezembro de 2010





legenda planta

.01 - salão

.02 - compartimento de apoio

.03 - compartimento de apoio

.04 - casa das escadas

.05 - quarto de banho do Amusse

.06 - cozinha

.07 - pátio (com árcore e cisterna)

.08 - *mezanine* escadas (piso superior)

.09 - quarto de banho dos rapazes

.10 - passagem para quarto dos rapazes

.11 - quarto dos rapazes

.12 - quarto raparigas

13 - quarto de banho raparigas

14 - varanda

consistência e disponibilidade

> ‘’Tomemos, por exemplo, a textura dos materiais e os dispositivos espaciais daquilo a que se convencionou chamar ‘’a Idade Média”. Eles são sempre portadores de uma aura de mistério como se seu próprio apoio no solo os irrigasse com uma potência secreta.[1]

Esta casa tem algo do que Guattari vê nas catedrais da Idade Média – uma arquitectura que se mantém firme aquém da sua apropriação, aquém da conduta dos seus hóspedes. Uma casa que preserva uma força de subjectivação que se estende desde um tempo imemorial. A afinidade experimentada entre os sujeitos que habitam esta casa e o seu passado não é de ordem histórica ou da ordem da memória individual; trata-se antes de uma sedução pela densidade da sua atmosfera; é um passado alheio, desconhecido com o qual não pode ser estabelecido mais que um ingénuo afecto. Não se identifica a proveniência de tal presença respeitosa, trata-se de um carácter que não é localizado nem nas proporções nem na materialidade; será um ambiente síntese de tudo isso e da brisa que atravessa a ilha no sentido da profundidade da casa, povoando o ar dos seus recortes particularmente vagos.

Esta casa é dotada de alguma finura nos seus dispositivos espaciais, que moldam os seus graus de intimidade/exposição, que se encadeam numa relação com o luz e com clima, que nunca é indiferente, marcando determinantemente a experiência do espaço vivido; molda o seu habitar mas não o reprime; marca a sua distância, salvaguarda a sua consistência existencial (para que o tempo não a traia, para que possa cumprir o desígnio da permanência).

A nossa visita ocorre durante uma instalação de uma grupo de voluntários e ante a qual a casa permanece firme, a espessura das suas paredes, a largueza dos seus recortes permanecem invariáveis à ocupação, no entanto o modo de a habitar não é tão indiferente à experiência enunciada pelo edifício.

Não existem marcas de ocupação ou elementos de controlo simbólico, apenas traços circunstanciais das actividades que aí se desenrolam e que se cruzam com a alentada presença da matéria da casa. As rotinas dos seus sujeitos alheiam-se a convenção, os usos encontram lugar nas generosidades do edifício: onde a imponência e formalidade se esvaem acontecem as actividades mais costumeiras; onde a informalidade é quase total realizam-se as maiores permanências. Existe uma disponibilidade também do habitante, uma vontade de estabelecer os bem-estares que se ocultam nas suas profundezas.

Com a matriz do lugar, com a disposição das gentes o tempo abranda, é suspenso, é esquecido, aqui o frenesi do trabalho é a menor das actividades humanas. Existe um privilégio da imediaticidade, uma valoração dos estímulos sensoriais e das relações – com as coisas e com as pessoas.

Os sujeitos desta casa desejam recuperar uma relação ingénua com o mundo através de um exílio dos modos contemporâneos. Apesar da sua invariabilidade física perante os hóspedes, esta casa deve tanto do seu habitar à carga subjectiva da sua construção e da atmosfera que produz, quanto à experiência do seu sujeito peregrino, dotado de um tempo próprio e de modos modestos. **Ao arquitecto pode ser deixada a equação desse privilégio da experiência imediata, sensorial, face ao convencionado e à instrumentalização funcional da casa.**

1- Félix Guattari; “Caosmose”; pg 157


i01




i07


i04


i06


i08

A chegada à ilha

"Uma estrada sobre a água, um sentido de cada vez, no chapa e na dúzia e meia de co-passageiros seguem também bens diversos. O trânsito não anda, parece ter existido uma incompatibilidade entre o sinaleiro e o ego do delegado de turismo de visita à ilha, que se recusa a recuar uns parcos 100 metros face ao par de quilómetros que a caravana do nosso lado já avançou.

Chegámos à antiga capital na hora mágica, o sol multiplica as cores no encontro com o horizonte, uma remota ideia de festa na aldeia é provocada pela atmosfera desta noite de verão, ainda hà tempo para uma volta.

[A chegada à casa]

Estamos a 2 de Dezembro entrámos num nobre palacete despido de qualquer adorno numa praceta da ilha de cal, pela mão do nosso anfitrião. Três grandes vãos, que dão para um salão cúbico na ordem dos 6m de lado, repetem-se no piso de cima e permitem um varandim sobre a praça. Dentro descobre-se a suspensão de toda e qualquer relação com exterior, é um pequeno mundo povoado de ambientes inteiros, é em si uma viajem inédita até ao imemorial.

(….)

A casa estende-se em sua profundidade, os seus compartimentos sucedem-se, perdendo dimensão desde a entrada, surpreende-nos com um pátio intricado e recatado no término desta sucessão.

A ocupação da casa é modesta, um colchão de espuma por residente, poucos objectos de artesanato, mesa e cadeiras de plástico, duas camas de rede… ''

"A Chegada à ilha" Diários de viagem, Ilha de Moçambique, 2 e 3 de Dezembro de 2010


i09


i13


i12

O salão

O salão, primeiro espaço, de escala respeitosa, a sua planta quadrada de 6m de lado, os seus mais de 4m de altura dão-nos uma sensação de um espaço cúbico, uma largueza destinada a albergar confortavelmente tanto o ego dos seus hóspedes quanto as temperaturas do trópico. É uma sala de representação, que nesta instalação deixa tal propósito a cargo dos recursos estritos da arquitectura: a nobreza dos seus vãos, as marcas do seu uso, o ar que corre resistente ao soturno do dia. Fora a sedução de todos os estímulos, há ainda o presente de uma frescura tacteada, que o corpo consumido absorve dotando a experiência de uma densidade epidérmica.

Esta casa, desde este salão, abre as portas à suas profundezas frescas, mas também aos mistérios das suas vidas passadas, que deixaram as marcas nas suas madeiras, nas suas cantarias. É impossível não especular sobre os hábitos largos dos seus ocupantes passados, que perceitos terão povoado estes ares que arrastam esta generosidade e este despejo insular até aos dias de hoje? Agora apenas ocupada por uma mesa improvisada, marcada pelas capulanas de fronte dos vãos que dão o tom à frescura do ar, um brilho baço e escorrido que prende a luz desta manhã.

Dois compartimentos duplicam a circulação entre o salão nobre e a casa das escadas, pela sua dimensão relativa e seus nichos nas paredes, dão a noção de dispositivos de apoio à cerimónia em curso nos compartimentos adjacentes.

Escadas.

Um compartimento estranhamente amplo acolhe as escadas iluminadas por uma clarabóia. Os degraus parecem ter imposto uma lógica própria para à sua geometria, deleitando-se às paredes de suporte, reservando uma generosa bomba e ainda uma triunfal mezanine sobre ela, onde, apenas aí, se iam colecionando alguns decoros, fosse o espectro do vasilhame consumido, fosse o artesanato de ocasião.

A abundância de luz e a vagueza de espaço neste núcleo profundo da casa, associado ao mero compromisso com a circulação, soa a luxúria (aos olhos de um ocidental urbano); no entanto, aqui, tal generosidade torna-se inevitável, é o coração da casa, um respiro interior, um microcosmos. Neste lugar não se está em lado nenhum senão em casa, a inexistência de qualquer propósito determinado para este espaço contrasta com a densidade do seu ambiente, um espaço de representação é certo, mas face ao tratamento do primeiro salão este espaço é muito mais despreocupado, a ambiguidade aumenta o mistério.

As escadas, ou deverei dizer ‘’a casa das escadas” era lugar recorrente de Amusse, fosse pela inevitável necessidade de transitar entre os vários recortes espaciais a fim de cumprir as tarefas que lhe cabiam, quer fosse para fazer uso do escasso compartimento que lhe era afecto, no desvão das escadas.


i04


i10

O Guardião

Amusse é o guardião deste alcácer, não encontro melhor título para este ilustre, bem real alquimista: *''Homem cinzento, é difícil adivinhar a sua idade, por certo parente dos homens imortais de Borges, parece guardar todas as respostas, não temer nada, já saber tudo quanto lhe cabia em vida; o seu rosto é tão invariável como as paredes daquela casa''*[3].

Na minha memória, esta casa nunca existiu sem Amusse. Não passava de um empregado vizinho, com uns mal medidos 30 anos, contratado para as tarefas domésticas do grupo de voluntários que aí fez casa (o que só pode parecer estranho a alheios à economia local destas latitudes).

Aqui talvez não possa fugir à nota do caminho que esta casa e a sua escrita tomou, a minha presença aqui foi bastante curta, mas intensa; é inevitável que o meu inconsciente, nos momentos em que revisitou esta morada, tenha aproveitado para ficcionar os seus contornos além do rigor das suas formas, mas não será de menor interesse assumirmos a condição da experiência revistada com as eventuais contaminações como parte do objecto de estudo deste caderno.

O Pátio

Na primeira estância, a coberta, cada ala conta com uma cama de rede, ao centro um conjunto de mesa e cadeiras de esplanada. Depois uma árvore rompe a clareira do pátio; ao fundo, a cisterna.

A ausência de tecto nem por isso diminui a interioridade deste pátio, ele é o mais intrincado dos recortes espaciais desta casa, talvez tão familiar escala o ajude a constituir-se alberge de toda a domesticidade que a amplitude dos restantes compartimentos parece inibir. O lugar de todas as horas, descompromete-se de qualquer uso dominante – o descanso, o sono, o trabalho, a reunião, a lavagem e secagem da roupa – tomam aí lugar ao sabor dos dias.

2 - Guattari, Félix; "Caosmose"; pg 157

3 - Cadernos de viagem, 5 de Dezembro de 2010, "Amusse"



Ao largo da Ilha

Esta casa será uma entre outras construções grandiosas deste lugar, que permanece num limbo entre o palácio e suas memórias mais ou menos abandonados aos desígnios do tempo e uma ocupação despojada, um presente sem cerimónia, aparentemente sem código. É a própria ilha que empresta o mistério a esta ocupação, todo o construído ganha essa dimensão intangível, um lugar-ruína de um tempo perdido para sempre.

Leituras

> ''uma terra na qual poucas coisas existem, mas onde cada uma parece estar de modo substantivo e eterno"[4]

De nada nos servirá o manifestado fascínio pelas particularidades desta casa se nele não soubermos ler o valor que nos traz:

A consistência existêncial da obra, a capacidade da arquitectura permanecer firme perante o tempo, de albergar gentilmente, mas sem se esgotar, rejeitando o método, rejeitando a instrumentalização dos seus dispositivos, rejeitando a estanquicidade dos seus recortes.

A casa, como a apostamos em ver, nesse produto da materialidade do seu edifício e da experiência de quem nele se instala e vive, encontra aqui um paradigma distinto das outras que visitamos. Se noutras casas a materialização da instalação, as coisas próprias pejadas de subjectividade, de interpelações à memória dos seus sujeitos mediavam fortemente essa relação entre a pessoa e a arquitectura, nesta instalação encontramos um compromisso de outra natureza que não se revê no paradigma da apropriação material do espaço físico. A casa, aqui, acontece na instalação de um hábito despido, em busca de um contacto ingénuo com o mundo, em busca da fascinação, da imediaticidade. Neste 'alcácer' vago, a natureza das rotinas oscilam entre uma nudez franciscana de dormir no chão e banho de balde e todos os deleites de um veraneio austral.

Esta casa presta-nos ainda outro tributo, desta vez à prática de projectar e construir casas. **A austeridade da sua ocupação e a intensidade da sua atmosfera suportam a tese de que dentro dos limites da disciplina da arquitectura, dentro das competências exigidas ao arquitecto, existe o compromisso com essa co-construção das atmosferas.** A invariável condição de organizadora de formas físicas - de paredes, chão e tecto - não o demite a arquitectura da contribuição para o ambiente que cercam. Tal condição soma às compatibilidades da forma um outro compromisso com a circunstância: o do entendimento da densidade da atmosfera do lugar. Trata-se de uma exercício alquímico que ondula entre a apreensão e repercussão de sensibilidades, entre a racionalidade de um saber construir local e a construção do valor da permanência - a capacidade de albergar o tempo - que pode ter a sua face visível no gasto saudável dos materiais.

Mais que tríades ancestrais, esta casa visa o valor da consistência do edifício, da arquitectura enquanto coisa autónoma, com vida própria, generosa e disponível para fidalgos como para caminhantes.

4 - Borge, Jorge Luis; '*A busca de Alverroiss"* em *"O Aleph"*























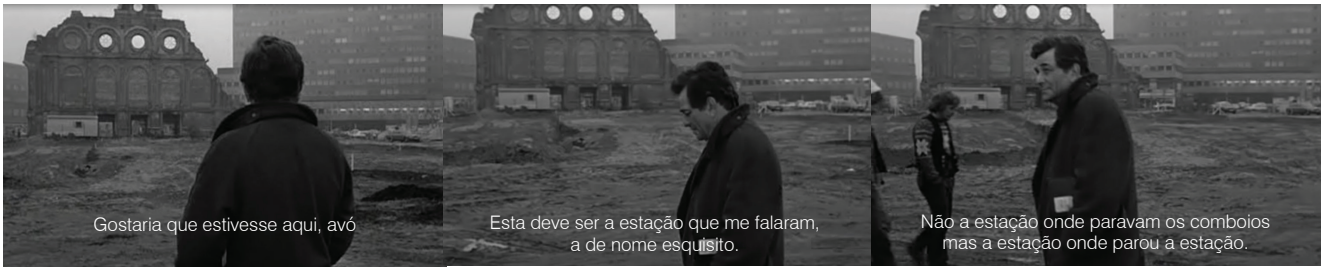




VII
CASA DE VOLTA

imediaticidade | arquitectura como suporte da memória | acto de fazer território - o controlo simbólico | **presença** | necessidades básicas do habitar | casa enquanto ser de sensação | a casa enquanto realização do próprio | o "não construir"

'' O meu corpo, por demais entorpecido para se mexer, procurava, consoante a forma da sua fadiga, determinar a posição dos seus membros, para deles induzir a direcção da parede, o lugar dos móveis, para reconstruir e dar nome ao lugar onde se achava."[16]



i12, i13, i14 - monólogo de Peter Falk aos 87 minutos do filme ''Wings of Desire'' de Wim Wenders

O monólogo de Peter Falk[17] é a alegoria da recuperação da imediaticidade[18]: o cenário pós-catastrofe, em que tudo o que resta são símbolos de presença: a ruína da estação é apenas um símbolo que nos lembra o presente, para nos reconhecermos na volta, (para reconhecer, na subjectividade colectiva, a força da catástrofe).

Uma recuperação do presente que tem outra dimensão quando esse lugar onde se volta é a (nossa) casa depois de outras casas. O nosso corpo toma o seu lugar de novo, como no acordar de Marcel Proust, em que se recuperam percepções anteriores daquele espaço familiar para reconstruir o lugar da nossa memória, para nos situarmos no mundo. Os primeiros segundos do despertar assemelham-se aos primeiros passos na casa a que se volta.

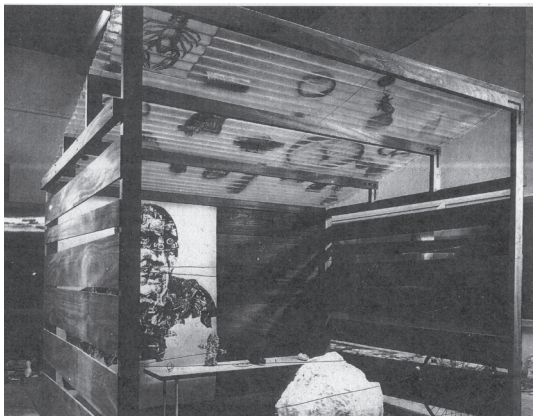
Essa recuperação apoia-se em símbolos reconhecíveis, objectos de ocupação que permitem reconstruir um quadro de referência familiar. A arquitectura é, inevitavelmente, agente da construção destes quadros de vida ante os quais a pessoa se (re)encontra. A vocação da arquitectura para o suporte da memória, para o reconhecimento de um presente a partir dos sinais de um passado é condição permanente do exercício da profissão. **Tal condição implica que qualquer produção de arquitectura seja simultâneamente uma disposição para a memória e uma intervenção nos lugares de identidade dos seus sujeitos.**

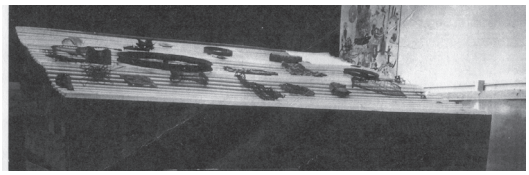
> ''o sentimento de completude – território, pavilhão, objectos de ocupação – completo no sentido de caminhar por uma casa abandonada pelos donos durante o decorrer do jantar"[19]

> "Depois, uma segunda linha de fuga aparece quando o meio se acha transtornado sob os impactos do exterior, e o animal deve abandoná-lo para associar a si novas porções de exterioridade, apoiando-se, desta vez, nos meios interiores como frágeis muletas."[20]

Na instalação de Alison e Peter Smithson – como na estação de Peter Falk – a catástrofe está presente na sua materialidade. Aqui, em lugar de uma ruína, estamos perante um pequeno coberto e o enclave em seu torno, povoados de objectos e marcas de presença humana; imaginamos um abrigo erguido pós-catástrofe[21], a partir do que sobra, recorrendo aos meios mais elementares de construção. A especulação sobre o abrigo básico é oportunidade para reconsiderar a aventura de habitar, expondo o essencial como necessidade. A+P Smithson dão-nos algum adiantamento sobre a subjectividade das necessidades de tal abrigo:

16 - Marcel Proust, *Em Busca do Tempo Perdido, Vol.I, Do lado de Swann*, p. 12
17 -Monólogo de Peter Falk aos 1h.27m do filme *Wings of Desire* de *Wim Wenders*
18 -Referência à expressão citada anteriormente de Alison Smithson, *As in Ds*, p. 152.
19 -Alison e Peter Smithson, *Changing the art of inhabitation*, p. 109, «The sense of completeness – territory, pavilion, objects of occupation – complete in the sense of walking into a house abandoned by the owners during the course of the evening meal, or into a ruined mine-working shut down (...)».
20 - Gilles Deleuze e Félix Guatari, *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofernia, vol. 1,* p. 69.
21 - Beatriz Columina, *De la casa del futuro a la casa de hoy,* p. 71, «No se puede evitar sentir que este particular cobertizo de jardín, com sus ruedas de bicicleta oxidadas, una trompeta abollada e demás basura casera, há sido excavado despúes del holocasusto atómico.» *(Reyner Banham)*







i15, i16, i17 - ''Patio and Pavillion''; ''This is Tomorow Exhibition''. Alison and Peter Smithson

> Um tipo de ''habitat'' simbólico, no qual são encontradas as necessidades humanas básicas **– um pedaço de chão, uma vista para o céu, privacidade, a presença da natureza e de animais** – quando precisamos deles – e símbolos dos impulsos humanos básicos – expandir, controlar e mover.[22]

Como qualquer animal territorial forçado a abandonar o seu meio associado o habitante deste Patio & Pavillion, transporta consigo os meios interiores que lhe permitem construir o controlo simbólico do seu pedaço de chão.

Neste *habitat* elementar, Peter Smithson pouca importância atribui à materialidade do abrigo físico, identifica sobretudo elementos subjectivos associados ao acto de fazer território, manifestação de contornos amplos, inconstantes, de limites turvos, pouco dada a determinismos.

A reconsideração da necessidade básica de habitar, no reconhecimento de que o grau zero de casa, não dispensa os meios "artísticos" de produção/materialização do universo subjectivo da pessoa. Não podemos deixar de reconsiderar a validade de outras propostas de "mínimos" de habitar que se associaram a uma prespectiva iminentemente funcionalista, traduzindo a necessidade do mínimo como mínimo de espaço; ou as versões mais apetrechadas de equipamento como são exemplo as cápsulas metabolistas ou as suites dos *Archigram*, que parecem ter relagado a dimensão simbólica da territorialidade do habitar para o plano do insignificante. Seria dizer demais que tal dimensão não existe em tão escassos recortes, sendo uma manifestação tão primitiva ela será também inevitável, encontrará a forma de se manifestar, o que não deixa de denunciar a sua repressão pela redoma que a envolve.

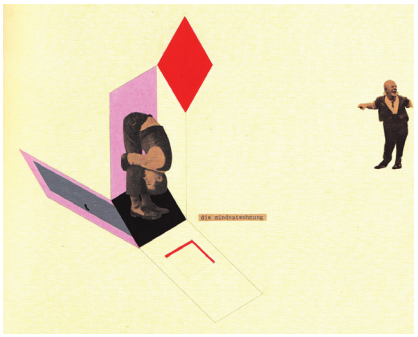
Aqui parece-me que podemos adiantar dois pontos capitais. O primeiro será a resolução de que as necessidade básicas de habitar não se restrigem às necessidades constantes e determináveis do corpo (funções fisiológicas e higienistas), que implicam a dotação física de estruturas específicas; **necessidades subjectivas inconstantes e variáveis (da ordem do controlo simbólico, da possibilidade de apropriação e de expansão, da presença da natureza, da possibilidade de reunião social), se não precedem as primeiras, não são menos urgentes que aquelas**. O segundo ponto mede as implicações de tal consciência nas formas de produção de edificado, que não sendo o meio exclusivo de atingir tais necessidades de ordem subjectiva, não lhes é indiferente, os

> "o acto de fazer território começa com as nossas roupas, com o seu estilo, e com os nossos gestos e posturas quando as vestimos "[23]

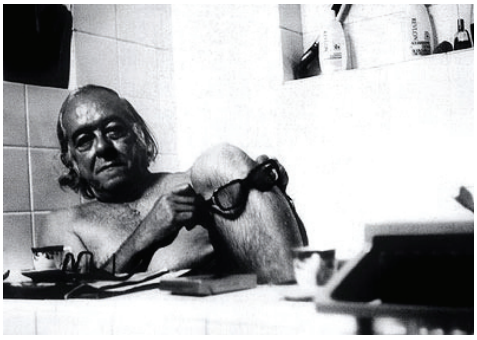
espaços construídos são produtores de subjectividade que se associam com os meios interiores da pessoa.

A dimensão subjectiva da construção da casa enquanto território parte de actos bem mais humildes do que a

22 - Alison e Peter Smithson, *Charged Void, Architecture* p. 178, «A kind of symbolic 'Habitat', in which are found, the basic human needs - a piece of ground, a view of the sky, privacy, the presence of nature and animals – when we need them – and symbols of the basic human urges – to extend, to control, to move.»
22 - Patio and Pavillion
23- Alison e Peter Smithson, *Changing the Art of Inhabitation, p. 144, «*The act of making territory starts with our clothes, with their style, and with our gestures and postures when we wear them" changing the art of inhabitation.»



i18 - ''Minimum Dwelling''. Alberch Heubner



i19 - banheira de Vinícuis de Morais

construção de edificado. Para tal concorrem manifestações tão mínimas (como os gestos e as posturas que o vestuário induz), com o mesmo grau de imperatividade que as funções objectivas do corpo habitante. A multiplicidade de manifestações que concorrem para o "fazer território" não podem deixar de nos recolocar a definição convencional de casa enquanto epicentro desse acto de habitar.

Notámos que "casa não é apenas edificação"[24], o uso, que em arquitectura é o que a define[25], implica o previlégio dos compromissos funcionais, igualmente insuficientes e, no limite, dispensáveis:

> 'Come-se na rua, o sexo é feito frequentemente nos móteis, enquanto o trabalho é cada vez mais feito a partir de casa"[26]

Que casa sobra? Que casa é esta capaz de abdicar da refeição, do sono ou do sexo e de tornar a incluir o trabalho? **A dinâmica fugidia das funções do habitar não destituem a casa da sua unidade, a casa enquanto território (da pessoa) é coisa distinta da programática funcional, ''é de outra natureza, da ordem da expressividade, da arte de morar** (…) a casa é um ser de sensação, um composto de perceptos e afectos que emerge dessa ***bricolage*** **material e imaterial, dessa conjugação de elementos heterogéneos de toda a ordem que a todo o momento se resume num só enuciado: estou em casa!"**[27]

A casa enquanto ''estou em casa!" é assim muito menos exigente enquanto coisa física, enquanto interior equipado, e muito mais complexa enquanto construção desse ''ser de sensação", enquanto acto e centro da construção de território; acção cujo resultado nunca é predeterminado, existe sempre uma resolução mais consistente, existem sempre agentes exteriores e interiores que a contaminam e que implicam novos esforços de re-territorialização, de tornar próprio o novo agente de subjectividade.

> "Sou dono da casa, sou dono do mundo, ou inquilino dos dois, o que é rigorosamente o mesmo e nada. "[28]

Esta sensação de casa própria, de ''minha casa" distingue-se da posse de uma propriedade, ela é essencialmente resultado da construção do território próprio. Assim, para tal realização, até a aparente importância da posse legal do espaço onde se faz casa se torna insignificante. A posse, o pronome de posse "minha" [casa] dirige-se não à propriedade, mas à construção da presença da pessoa no espaço, uma modelação mútua entre pessoa (subjectividade) e espaço (materialidade) que permite a pertença mútua; um processo dinâmico e inconstante que conhece retornos, diferentes níveis de intensidade e inclusivé a diluição total e o recomeço da construção de território.

24 - Ludmila de Lima Brandão, *A Casa Subjectiva*, p. 64.
25- *Id., ibid., «Note-se que casa não é apenas edificação […] até porque o que a define em arquitectura, não é a sua configuração espacial mas o seu uso.»*
26 -*Id., ibid.*
27 - *Idem, p. 65ss,* «A sensação profunda(não pragmática, operacional) de que este é a minha casa é posterior (ainda que numa fracção mínima de tempo, imperceptível) ao desenho do território porque, antes, ele precisou de expressar-se. Há uma alegria imensa nessa sensação.»
28 - Álvaro Siza, *A Casa, in 01 Textos por Álvaro Siza.*

De entre os impactos que a consciência destas dinâmicas de territorialização a partir da casa possam ter na actividade profissional de construir, em particular na arquitectura, deixo em evidência a enumeração de quatro **agentes de suporte do acto de fazer território** presentes no manifesto da instalação P&P**: "o pedaço de chão, a vista para o céu, a privacidade, a presença da natureza"[29].**

Não podemos negar a recorrente secundarização do acesso a estes agentes de suporte ao território próprio na construção corrente das nossas cidades, o acesso a tais elementos não possui a imperatividade (inclusive regulamentar) de outros suportes funcionais (água, luz, climatização, redes de comunicação). Deveriam estes quatro elementos fazer parte do regulamento geral? Deveriam constar no projecto de infra-estruturas? São estas necessidades básicas representadas neste ''coberto de jardim"[30] garantidas nas casas das nossas cidades? e nas cápsulas de Kurokawa? ou existirão valores substitutivos capazes de as compensar?

A afirmação da necessidade primária destes agentes de fazer território não deve ser confundida com uma apologia das retiradas romanceadas para os modos de vida de outrora. Nesses épicos exilados, outras forças que não as de um ambiente construído desegregador podem, com igual radicalidade, reprimir a construção do território próprio. A ausência de abrigo eficaz que permita sobreviver ao meio sem o desgaste extremo, a ausência de um quadro que lhe seja familiar e que lhe permita referenciar-se, tomar o seu lugar no mundo, não tornam o acto de fazer território mais livre ou mais próximo dos anseios da pessoa.

Os agentes de subjectividade (que se apresentam agora como indispensáveis para a satisfação das necessidades de habitar) não valem por sí, não se trata de uma simples incoporação do elemento ao jeito de composição química; são antes componentes da construção da consistência da casa que a integram em intensidades diferentes, em arranjos múltiplos e variáveis.

> "neste sentido o trabalho dos arquitectos de providênciar um contexto para o indivíduo se realizar e o trabalho dos artistas de dar sinais e imagens das fases desta realização encontam-se num único acto, cheio dessas inconsistências e aparente irrelevâncias de cada momento, mas cheio de vida"[31]

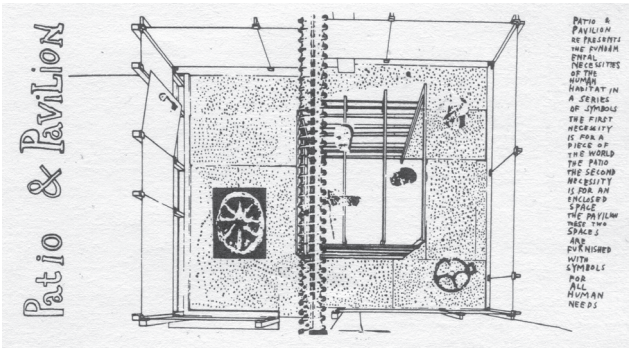
Neste inquérito ao essencial, e apesar do nome da exposição[32], os Smithsons, procuram não o que a arquitectura será no futuro, mas o que ela sempre foi, o próprio contexto da simulação da catástrofe, parece sugerir que será sempre esse o habitar a sobreviver: ''cheio de inconsistências e aparentes irrelevâncias, mas cheia de vida". Esta instalação é uma fuga

29 - Alison e Peter Smithson, *Charged Void, Architecture* p. 178, «A kind of symbolic 'Habitat', in which are found, the basic human needs - a piece of ground, a view of the sky, privacy, the presence of nature and animals (...).»

30 - Reyner Banham, *The new Brutalism; Ethic or Aesthetic?, p. 65.* [Termo adotado para se referir à instalação Patio & Pavillion.]

31 - Alison e Peter Smithson, Changing the art of inhabitation, p. 109, «In this way the architects' work of providing a context for the individual to realize himself in, and the artists's work of giving signs and images to the stages os this realisation, meet in a single act full of those inconsistencies and apparent irrelevances of every moment.»

32- "This is Tomorrow Exhibition"



i20 - ''Patio and Pavillion''; no catálogo da ''This is Tomorow Exhibition''. Alison and Peter Smithson

para o centro da disciplina da arquitectura. Aqui, o arquitecto apenas produz o suporte para a realização do indivíduo, uma retracção para a questão central da arquitectura:

> ''o trabalho dos arquitectos consiste em produzir a mais eficaz relação possível entre forma e vida''[33]

Um centro da disciplina que é uma problematização das questões essenciais da arquitectura (ao contrário de uma diluição disciplinar que em tempos tentou alargar o campo da aquitectura para as disciplinas da física, da biologia ou da filosofia[34]), que se compromete a trabalhar sobre a vida, sobre matéria subjectiva de que se compõe o habitar.

> Não construir pode ser um acto de arquitectura tão vital quanto construir. Construir não é sempre a resposta.[35]

Tal propósito apela à consolidação do nosso papel de não-contrutores. De reconhecer o território do outro, do homem a habitar, do homem que precisa de criar território – de se estender, de controlar, de se mover.

O processo de construção de território sobre um espaço edificado nunca é alheio ao habitante, nenhum outro interveniente o pode substituir nesse acto; trata-se da construção da própria identidade, uma construção que pode ter (que tem sempre?) uma manifestação física, uma ocupação material, mas que é dominada por uma um processo sensorial e psicológico de assimilação e repercussão constante. A recuperação de hábitos ou a invenção de novos, os rituais, as maturações, a evocação de memórias ou a criação de novas, toda essa corrente de vida não é diferente da casa

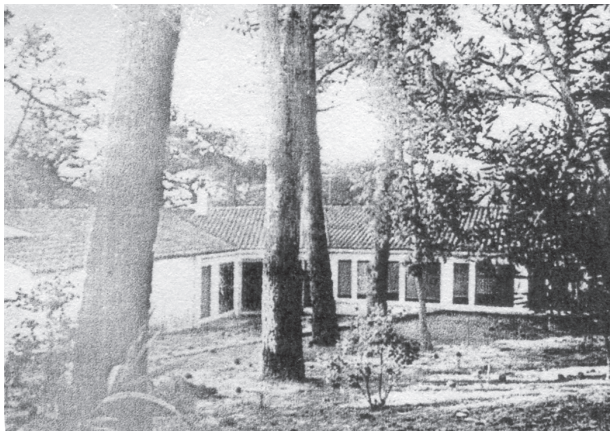
Medir quando é que a actividade (profissional) de dar casa pára, para que se dê a criação dessa territorialidade, para que se reserve ao habitante o "ser casa", integra as competências primárias do arquitecto consciente.

33 - Alejandro Aravena, *Otherwise.ness,* «If we accept that architects work consists of producing the most accurate possible relationship between form and life, it is a fact that the laws which govern form, life and their relationship, if preexistent, are not explicit anymore (those of life maybe never were).»
34 - Idem, «From some time, we have assisted in an attempt to enlarge the architectural realm by dissolving the traditional notion of disciplinary limits; biology, nphysics or philosophy (…) on the other hand, architects have always tried to reduce the disciplines problem to its essential (mythical aspects).»
35 - Jean-Phillipe Vassal, *Tabua non rasa*, p. 252 e 265, «Not Building can be as vital act of architecture as building. Building is not always the aswer.»

VIII
CASA DO ESQUECIMENTO
"DAS NOSSAS ANGÚSTIAS DE NÓMADAS BÁRBAROS"[42]

vectores de desterritorialização | paragem | **território** | a autêntica casa - o **ser casa** | o projectar e construir casas, condições de disponibilidade - o **dar casa**

''Nunca fui capaz de construir uma casa uma autêntica casa. Não me refiro a projectar e construir casas, coisa menor que ainda consigo fazer, não sei se acertadamente"[36]



i21 - casa Alves Costa, a partir do pátio

Essa coisa ‘’menor”, que é ‘’projectar e construir casas”, é bem distinta dessa outra (por exclusão) maior de construir uma autêntica casa. No seu texto ‘’Viver uma casa” Álvaro Siza descreve-nos as avarias dessa máquina complicada que é a casa em sua ideia:

> [umas de foro construtivo]
> ‘’lâmpada, torneira , esgoto, fechadura dobradiça, tomada, e logo cilindro (…) “
> [outras animal]
> ‘’Quando há jardim (…) há sempre cadáveres de pássaros e de ratos e de gatos”
> [outras do trabalho doméstico]
> ‘’Todas as camisa, peúgas, lençois….jazem rotos junto à tábua de passar a ferro”
> [outras do foro dos recursos]
> ‘’Sempre terminou a graxa quando procuramos a lata (..)”[37]

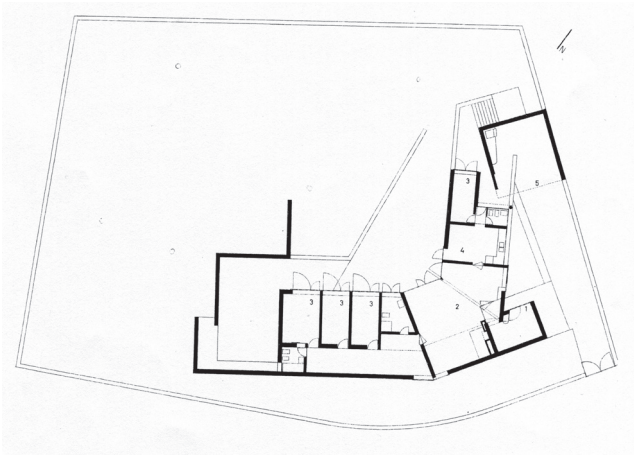
Uma enumeração não muito distante da enumeração de vectores desterritorializantes de Ludmila Brandão:

> ‘’a terrível musiquinha do gás por exemplo, com o amontoado de livros deixados pelo chão, numa madrugada qualquer, com o cheiro de frango em fritura da vizinha (…)” [aos que se juntam outros de outros territórios] ‘’sirenes são flechas pontiagudas que penetram na carne, provocando algo semelhante à dor-de-dente que aparece com o simples ruído do aparelho de dentista. (…) Os caminhões do lixo não reviram só o lixo, parecem se instalar dentro da gente, pelo ruído e cheiro nauseante.”[38]

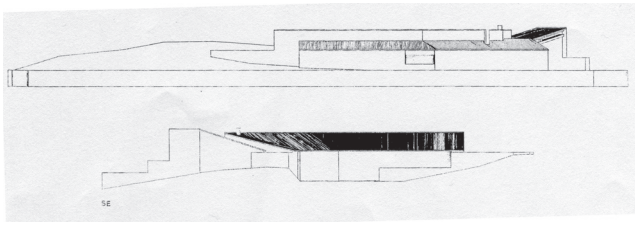
Todos estes ‘’vectores desterritorializantes” todas estas ‘’avarias” são um estado anímico, alteram o humor do habitante e, não obstante, partem dele também. Esta ‘’casa autêntica” de que fala Siza, este ‘’ser de sensação” de que fala Ludmila não é exterior à pessoa – o ser é o resultante da composição de um e de outro[39].

A dinâmica, por demais atestada, de que se compõem as casas não permite voltar a tomá-las como coisa estanque. No reconhecimento deste estado inconstante da casa que ‘’ põe em contacto as mais variadas cadeias, da ordem (desordem) da vida e da morte”[40], não é mais legível uma distinção entre a dimensão material–objectiva e a outra imaterial-subjectiva. A casa é esse estado comum à pessoa e ao seu território, comum à matéria e à subjectividade; é esse estado que conecta necessidades de ordem funcional com as manifestações de identidade.

36 - Álvaro Siza, *Viver uma casa, in 01 Textos por Álvaro Siza.*
37 - *Id., ibid.*
38 - *Id., ibid.*
39 - Ludmila de Lima Brandão, *A casa subjectiva,* p. 68, «A casa é um e outro, ou um e outro compõem casas.»
40 - Idem, p. 70.



i22 - casa Alves Costa, planta



i23 - casa Alves Costa, alçados

> ''Mas quando esse esforço de manutenção não é aparente, quando o saudável cheiro a cera de uma casa, por um lado bem ventilada, se mistura com o perfume das flores do jardim, e quando nós - visitantes irresponsavelmente pouco atentos aos momentos de felicidade – **nos sentimos felizes, esquecendo as nossas angústias de nómadas bárbaros**, então a única medalha possível é a da gratidão, do silencioso aplauso; um momento de paragem, olhando em volta, mergulhando na atmosfera doirada de um interior de Outono ao fim do dia"[41]

Casa é (aqui) esse estado que une a cera, o cheiro da cera, a manutenção não aparente, a arajem e a atmosfera doirada de um interior de Outono com o visitante pouco atento aos momentos de felicidade.

Se a tempestade de inverno era o momento culminante da cabana de Heidegger, este fim de dia doirado, em que se recebe o visitante é o momento pleno da casa da "arte de morar", da casa do "estar em casa". A casa realiza-se na possibilidade desse momento de paragem – nem de exílio, nem de refúgio, mas de paragem – de ''esquecimento das nossas angústias de nómadas bárbaros"

Igualmente inseparável desta "casa-estado", desta "casa-ser-de-sensação" será essa tarefa menor de ''projectar e construir casas", em que as escolhas do arquitecto se medem nos arranjos momentâneos que permitem: algumas escolhas são por certo do domínio comum dos profissionais mais atentos, como as preocupações com a renovação de ar de uma casa ''por um lado bem ventilada", ou a escolha sensível dos materiais, pois o ''o saudável cheiro a cera" pressupõe um piso capaz de se encerar, para que não se distinga desse fim de dia doirado; o ''perfume das flores do jardim" precisa desse mesmo pedaço de chão que Peter Smithson dizia encontrar-se entre as primeiras necessidades do homem habitante .

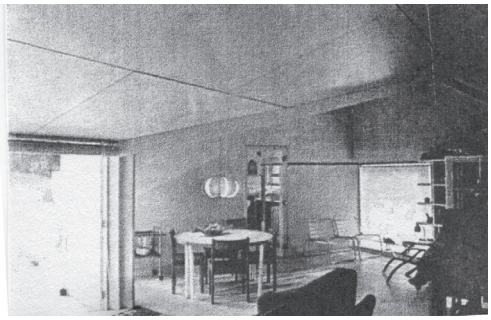
Mais que no texto, Álvaro Siza deixa-nos na sua obra construída sugestões de disponibilidade para a "autêntica casa"; obras de arquitectura que são casas em potência, bem conscientes da matéria subjectiva e inconstante com que se irão compôr.

Visitamos com uma imperdoável ligeireza uma dessas obras que se revela particularmente potenciadora de uma autêntica casa; trata-se de uma casa onde não se ignora alguma modéstia de meios, uma sábia modéstia motivada mais por cometimento com um carácter, com uma atmosfera a preservar do que por condicionantes económicas do cliente.

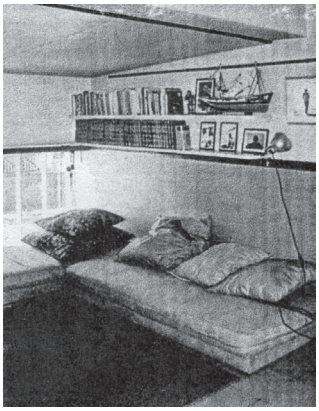
A Casa Alves Costa[42] pode bem ser uma dessas casas invadidas de atmosferas perfumadas de interiores de Outono onde visitantes perdem as suas angústias de nómadas. Procuramos nos seus recortes os vectores de disponibilidade para o devir-casa: a generosidade com que se volta para o pátio e que prolonga o interior a partir da frente de caixilhos contínuos, a escala encontrada, o aperto do percurso aquando

41 - Álvaro Siza, *Viver uma casa, in 01 Textos por Álvaro Siza.*

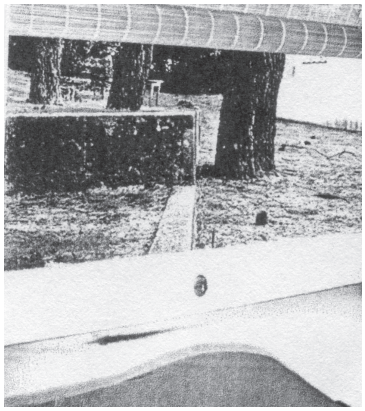
42 -projectada por Álvaro Siza; Moledo do Minho, Portugal. 1964- 1969



i24 - casa Alves Costa, sala (voltada ao pátio)



i25 - casa Alves Costa, sala (recorte da lareira)



i26 - casa Alves Costa, vista para o pátio

da entrada (como que sugerindo um depósito da ansiedade noutras moradas), compõem-se numa presença silenciosa da matéria construída que acompanha constantemente o anseio de paragem dos seus sujeitos. A sala é o convite privilegiado, um duplo ambiente a une, por um lado o fogo, numa penumbra relativa diante do qual descansa um sofá nocturno, por outro lado, o pátio, aberto e luminoso, o próprio tecto acompanha o ânimo desta duplicidade.

A estes componentes de disponibilidade, que o arquitecto empresta ao devir-casa, soma-se uma infinidade de generosidades, que são fruto de uma mesma consistência da obra que se apresenta à pessoa como hospitalidade:

> ''Viver numa casa, numa casa autêntica, é oficio a tempo inteiro. O dono da casa é simultaneamente bombeiro (…)enfermeiro (…) domina todas as profissões (…) embora nada impessa a necessidade de uma oficina completa, a qual igualmente se vai degradando"[43]

A casa, sendo ofício a tempo inteiro, envolve um cometimento com a produção. Seria pouco admíssivel reservar os prazeres de uma autêntica casa a habitantes que possam dispensar todo o seu tempo para o trabalho doméstico. Na verdade, não são raras as casas que também são de trabalho, como não serão raros os espaços de trabalho em que se instala uma certa domesticidade. O ofício de fazer casa parece resultar em coisa permanente, que acompanha a pessoa e que se materializa e instala quando o espaço de permanência o permite.

O apelo initerrupto de fazer casa (de ser casa) recai sobre a arquitectura com uma exigência igualmente permanente de permitir condições para esse "fazer casa". A escassa ou a inconsistente providência de suporte para tal ofício não deixa de corresponder a uma limitação da realização da identidade, a uma diminuição da realização da pessoa.

A consciência das dimensões subjectivas do habitar, poderá permitir ao arquitecto não só a providência de ''devires-casa" mais aptos, consistentes e disponíveis para a realização da pessoa, como poderá permitir chegar a novos territórios de intervenção, participar nessa instalação da "casa autêntica" emprestando os seus instrumentos às realizações do sujeito habitante. Estaríamos perante um arquitecto pouco afiliado a processos fixos, a imagens prévias; um arquitecto apto para seguir as tentações do caminho, acompanhar os devaneios – seus e os do habitante – lidar com ''as mais variáveis cadeias da ordem (desordem) da vida.''[44]

Os eventuais previlégios que encontramos na circunstância de produção da "Casa Alves Costa": um pedaço de terra de facto, uma abundância relativa de metros quadrados, a possibilidade de participação do cliente nos desígnios da construção (entre outros previlégios mais particulares), não

43- Álvaro Siza, *Viver uma casa, in 01 Textos por Álvaro Siza.*
44 - Ludmila de Lima Brandão, A casa subjectiva, p. 33.

podem ser condição única da possibilidade de construir "autênticas casas". Em contextos menos generosos – ou objecto de outras generosidades – poderão ser (re)inventadas formas de ampliação da disponibilidade do edificado para a construção de autênticas casas

Muita da disponibilidade da casa é definida pelos objectos de ocupação, e o arquitecto como mediador do habitante e do mercado pode ser o instalador preveligiado dessa disponibilidade para a autêntica casa. Durante a mudança ou do melhoramento, ele pode emprestar à instalação valores de racionalidade e de eficiência, mas também expressivos, propondo arranjos mais consistentes, assumindo um papel de incorporador de agentes de territorialização, agentes para a realização do indivíduo[45].

45- Referência à formulação realizada na convocatória anterior "*Casa de Volta*" a partir da citação de Peter Smithson: em que são assumidas como necessdiades báscas elementos de ordem essencialmente expressiva que então achamos como agente de suporte da territorialidade do individuo: «... the basic human needs - a piece of ground, a view of the sky, privacy, the presence of nature and animals'»

Apontamento 6: retiro e produção

CASA do POÇO do SOUDO

a serra e as cidades | campo, lavoura e colheita - casa de trabalho | retiro, paragem e esquecimento - casa de retiro | preceito | instituição para o bem-estar











Apontamento 6: retiro e produção

CASA do POÇO do SOUDO

a serra e as cidades | campo, lavoura e colheita - casa de trabalho | retiro, paragem e esquecimento - casa de retiro | preceito | instituição para o bem-estar



i.01 - casa a partir do jardim



i.02 - (entrada do) alpendre



i.03 - casa das plantas



i.03 - casa das plantas



i.04 - pátio de trabalho (adega nova ao fundo)

i.05 - pátio de trabalho (casa de retiro ao fundo)

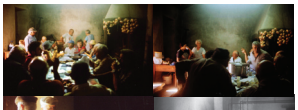
i.06 e i.07 - pátio de trabalho (no fim da jorna)



i.08 - adega nova



i.09 - curral



i.10 - cozinha da adega velha, na hora da filhoses

i.11 - cozinha da adega velha, na hora do almoço



i.12 - cozinha da adega na volta para o sol

i.13 - cozinha da adega velha, na hora do almoço



i.14 - terreiro à sombra, no lavar dos cestos

i.15 - hora da bucha na vinha

(...)a volta da serra, a chegada à cidade, ainda que seja o Porto, não é feita sem uma perda, uma perda de tempo, diria uma perda de tempo por hora, o fim de semana na serra é a prova efectiva da existência de um tempo sensível.

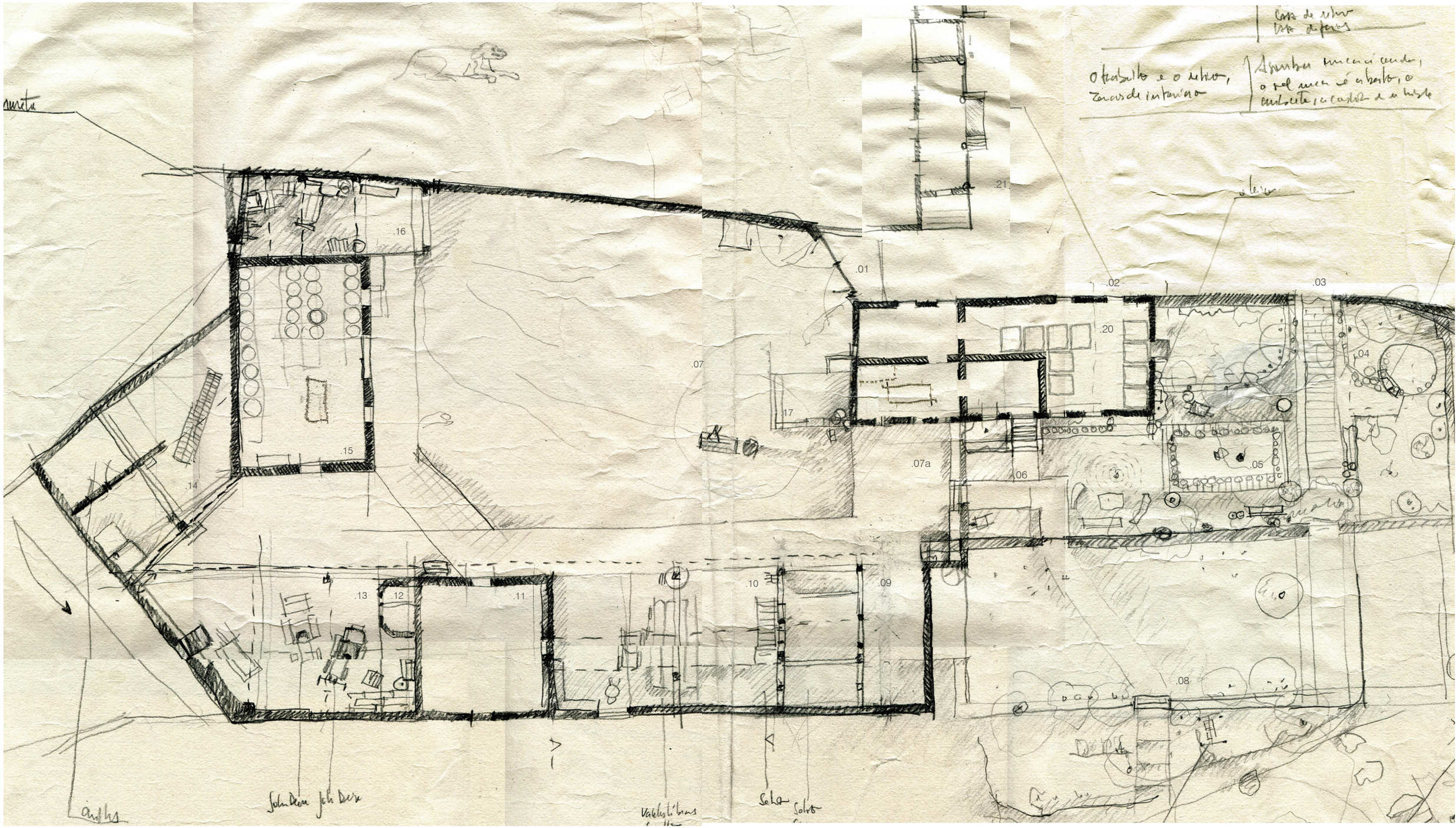
A cada aproximação, quanto mais me cerco de cada casa, maior o conflito entre uma experiência e um olhar que nunca esquece por completo a [disciplina da] *arquitectura, poderíamos falar de uma deslocação, de um registo contaminado, entre um olhar disciplinado, sistemático e uma disposição afectiva, que cede às tentações do caminho, que trata o caso de estudo por "tu", ou até mesmo por "eu".*
Com este conflito cresce também o entusiasmo da descoberta, da "des-encoberta", desse território oculto das casas, dessas casas dentro da casa. Se a análise operada pretende atingir dimensões subjectivas, ela não pode ser demasiado rígida, demasiado determinada, ela tem que ceder aos apelos da casa, dos sujeitos da casa, tem que saber habitar o caso de estudo, essa deverá ser uma particularidade crucial deste trabalho, essa companhia física e íntima com a casa. Um exercício de constante distanciamento e aproximação, avaliação e especulação.
Diários de paragem - 22 e 23 de julho de 2012



UMA CASA SEMPRE ABERTA

''eu sempre me lembro disto ser assim, não foi uma coisa deste tempo nem do meu marido, quando eu era garotinha sempre havia pessoas que vinham e sempre havia este ritual de partir o pão e o queijo e levar para a adega.''[1]

''na primavera, eu vinha cá abaixo ver os meus pais, quando vinha na estrada de Torres Novas, começava a ver a serra, eu ganhava outro espírito, outra vida. Era aqui que eu me sentia bem. A segunda coisa que me fez regressar foi que o meu pai, lembro-me perfeitamente disso, numa determinada altura da vida dele, em que já caminhava para a velhice, por tudo e por nada chorava (…)e eu disse-lhe, se dependesse de mim [a casa, o cometimento da quinta] não caia e que eu ia continuar''[2]



legenda do mapa:

.01 - portão de trabalho
.02 - porta da adega velha
.03 - porta da casa
.04 - jardim
.05 - pátio da casa
.06 - entrada da casa
.07 - pátio de trabalho
.07a - pátio do limiar trabalho/casa
.08 - successão de tereiros até à vinha
.09 - cais de descarga
.10 - armazém/oficina
.11 - armazém
.12 - casa de banho de serviço
.13 - garagem
.14 - curral (agora apenas para um casa de ovelhas)
.15 - adega nova
.16 - antiga garagem (que conta com uma charrete)
.17 - poço
.18 - cozinha da adega velha
.19 - armazém
.20 adega velha
.21 alpendre
Norte


i08


i05

Retiro e produção

Esta casa é um porto para visitantes desejantes de um momento de retiro, e eles chegam, com impressionante ansiedade; ao que reza a história, tal condição de retiro foi consumada politicamente, algures no passado esta casa terá servido de exílio diplomático, os moldes em que tal se deu permanecem desconhecidos.

Antes do retiro ela é uma casa de produção, que dá trabalho, principalmente nas campanhas, com essa condição presente vem um preceito no trato, amigavelmente medido. Rotinas e circuitos esperam para não se cruzar, os dispositivos estão aí: o pequeno muro adoçado ao limite da casa entre os dois pátios [o de trabalho e o da habitação].

Tomamos esta casa pelo conjunto construído, que em muito excede a habitação, estendemdo-se por adegas, oficinas e a omnipresente vinha que varre o vale e a colina a sul e que invariavelmente invade a casa, seja pelo trabalho de adega, seja pelas rotinas que impõe. A habitação, que poderemos chamar de 'casa de retiro', é realizada em oposição ao trabalho, é o lugar interior, reservado ao familiar, as coisas retomam a escala do corpo, aqui não se identifica uma alfaia que lembre os afazeres do campo, todo o trabalho é exterior, a casa é lugar de fuga e de repouso. O limiar entre o território da produção e do descanso não se restringe às espessuras das paredes que delimitam o interior, os mesmos dispositivos que desenham uma casa de dentro e uma casa de fora desdobram-se em múltiplos convites ao ócio merecido (pelo jardim, pelo alpendre e pelos territórios que intemedeiam a vinha e a 'casa de retiro').

Chegar à quinta, dois portões

Da estrada avizinha-se a vinha na profundidade do vale, à direita levanta-se um muro alto (2,5 metros) à face da rua, depois um portão de serviço, depois a casa de dois pisos, fachada firme sem margem para a rua, e por fim um novo o muro e o outro portão. Poço do Soudo é um lugar, um lugar de uma casa só.

Estes dois portões: um robusto e largo para as alfaias, por onde entra o trabalho e um outro delicado e alto, por onde entra o visitante, sempre convidado; o segundo, ao contrário do outro, está sempre aberto.

Esse balanço, entre o trabalho e o retiro não se abandona mais, através de dispositivos próprios, não abdicando de um código preciso e subentendido; toda a construção da casa gere este balanço.

Hoje somos visitantes, entramos pelo segundo portão, mas já fomos gente de trabalho, na campanha de 2011, os dias começavam pelo primeiro portão e antes do sol, na esperança do café madrugador.



i04


i05

O pátio de trabalho

De um saibro solto, marcado pelos sulcos da água, que desce desde o poço; espaço largo, dado às manobras das máquinas, um muro quebrado cerca-o com construções anexas :

A poente um contínuo de garagens abertas, a primeira, na cota mais alta da pendente, a da prensa, depois os tanques de decante, depois uma oficina de todos os trabalhos, uma garagem fechada e então a das máquinas, dois *John Deere*, e os diversos acopuláveis.

A norte, a adega-nova e por detrás um estábulo em pós-ocupação, à direita deste ainda um coberto com relíquias, alfaias antigas e uma charrete coberta com o tempo.

A sul, o portão de entrada, o poço e uma grande azinheira, a única árvore deste recinto de trabalho.

Neste conjunto dedicado à economia da casa, parece existir uma relação entre o espaço e a manutenção da vida – não que com isso queiramos falar de condição de sobrevivência, os deleites desta casa não permitiriam - a necessidade de manter o produto e os meios do trabalho está intimamente relacionada com o construído. Tal proximidade entre os apelos de uma actividade e a providência do contruído parece dotá-lo de uma especial liberdade, permitindo a convivência de estados de construção e de escalas.

A vinha

''começamos a pré-poda em Novembro, estende-se até Janeiro, em Fevereiro começa a poda, depois começam as mãos da química da terra, para tirar as ervas do meio das cepas. A seguir, por Abril, começam os tratamentos da vinha que se prolongam até meios de Julho."

"logo em Agosto temos que acompanhar a maturação da uva, se vai bem, ver o teor de açúcar, para calcular as vindimas."

''depois fazemos a vindima em Setembro, no fim de Setembro, o trabalho de adega prolonga-se por Outubro, Novembro e Dezembro, ainda andamos com transfegas de vinho já andamos a fazer a pré-poda."

''é claro que o Outono tem uma beleza especial, as cores, a vinha no Outono, há as várias castas, e umas ficam vermelhas, outras ficam amarelas e por aí a fora, eu até tenho pena que o dia acabe, porque é de uma beleza…"

''posso-me cansar durante o dia, mas quando é assim ao entardecer não sinto cansaço nenhum, ''

''sei que há pessoas simples, que não sabem ler nem escrever, mas que comungam estes mesmos princípios e sentimentos que eu tenho e que se sabem expressar até muito melhor que eu."[3]


i11


i10

A adega-velha.

Na fachada da rua apenas uma porta se abre para a estrada. Menos uns degraus e entramos, aqui temos que recuar alguns anos, até antes de esta adega ser a velha.

Um espaço escuro, pouco mais de 2,10m de altura, as paredes não são rebocadas, alonga-se para a direita e perde-se na penumbra, cuja iluminação parda não deixa adivinhar os contornos. Normalmente é noite, nesse tempo as nossas visitas resumiam-se ao vinho e à conversa dos adultos. Tanques de betão e pipas de carvalho intercalavam-se, manchavam o chão e rodeavam os serões a tinto e pão caseiro, prazeres de adulto incompreensíveis para um moço; para ele sobrava o cheiro e o suor frio das paredes, húmidas, subterrâneas, e neste aperto, neste inferior, o recorrente mistério da casa em cima e das passagens secretas para esse habitar superior, para o dia.

A cozinha da adega-velha

Aqui deslocamo-nos até à nossa última campanha de vindima, Setembro de 2011, depois de seis horas de trabalho, de carreiras idas e vindas, são 13h30 na volta dos pátios da casa. O sol alto ressalta na calçada clara, enquanto uns homens acabam a tarefa de acompanhar a última carrada pelo sem-fim, ou assistem ao trabalho da prensa, outros não conseguem evitar a sombra total da cozinha escura, anexa à adega-velha. Os mesmos degraus, a mesma parede tosca, uma lareira ao canto, um mesa de uns certos 2,5 metros, aguarda mais de uma dúzia de homens e mulheres para um almoço sem possibilidade para protesto, pelo cheiro é feijoada.

Depois, mais pesados, mas com a ajuda do copo lavado com bagaço, não há penas que se neguem à empreitada da tarde.

Esta cozinha também recebe a glória do fim da temporada, lavados os cestos, na derradeira tarde, toda a comitiva se despede no lanche de carne grelhada e filhoses.



Alpendre e Jardim

Só bem mais tarde conheci o sol nesta casa, e perdeu-se o mistério das passagens interiores. Se existe um lugar desse superior, que não se liga ao suor frio da terra, mas à copa das árvores, é o alpendre, as próprias plantas se desprendem da terra, e crescem em sentido contrário, suspensas em prateleiras assoalhadas.

Este alpendre resereva uma particularidade na sua construção, é praticamente oculto, uma parede, tão grossa quanto a da fachada encerra-o nos topos, uma porta da mesma qualidade da de entrada depois da mesma meia dúzia de degraus, separa robustamente dois exteriores, radicalmente diferentes, todo o lado sul, para onde se volta exclusivamente, tem um parapeito alto e quatro colunas.

Se entramos pelo o jardim, árvores baixas tomadas por glicínias quase cercam a passagem, vasos de barro redesenham todas bordaduras, as do passadiço, as dos muro mais além, ao redor da casa. A casa volta-se a este jardim, parece ter preferido receber o trabalhador que vem da vinha do que a visita que se vem de fora. Aqui não há como passar sem ser estancado pelo ambiente que nos cerca, um suspensão inevitável do tempo, existe a vontade de partilhar aquelas patines, uma gestão exímia da potencialidade expressiva de tudo quanto há naquele espaço, a capacidade de não fazer daquilo ciência ou paródia pitoresca, a capacidade de fazer daquilo prolongamento da pessoa, da sua presença. O verdadeiro jardim suspenso, mas o que suspende não são as raízes, mas o tempo da sua passagem, um jardim que interdita a pressa.

Um lugar de uma casa só

Esta casa, para o seu sujeito, é casa de linhagem, mas é também a casa de fuga a uma outra vida, na impossibilidade capital da repetição, é tomada a opção sem fundamentalismos, a casa (a vida) nunca tem a radicalidade de uma ideia.

Facilmente, de fora, veríamos o peso da linhagem, uma retirada total da ofensiva dos modos de vida urbanos; no entanto o cometimento que representa esta casa de produção não possui o peso da sua ideia, não se trata de uma retirada romântica para o campo nem uma ditadura do trabalho, é uma casa híbrida (como o serão todas), que permite fugas à sua condição dominante.

''Não quer dizer que eu não tenha que sair, que tenha que ver coisas, falar com pessoas.'' [4]

No entanto esta casa não abdica da sua consistência ela é um cometimento para a vida inteira e a tempo inteiro, e tal condição implica uma intimidade entre a pessoa e os seus recintos que se confunde com a contrução da própria identidade. Se na busca pela 'Casa', a encontramos no território mútuo entre pessoa (subjectividade) e o espaço construído (materialidade/edificado/ objectos de ocupação), aqui, tal sobreposição é vivida com particular intensidade, pessoa e espaço confundem-se de facto.

A casa torna-se instituição, a afinidade (fascínio?) dos seus visitantes atesta-o, a generosidade dos seus ambientes são hospedagem para os sonhos de habitar dos seus visitantes. ''A inspiração permanece delicadamente expressa nas nossas instituições''[5] esta parece especialmente dedicada à ''inspiração do bem-estar'' que os visitantes não hesitam em partilhar.

1 a 4 - Exertos da entrevista gravada com D. Natália, Junho 2012

5- Khan, Louis I; *"Institutions" in "Between silence and Light"* editado por John Lobell*: " Institutions stems from the inspiration to live. This inspiration remains meekly expressed in our institutions today. The three great inspirations are the inspiration to learn, the inspiration to meet, and the inspiration for well-being*



















bloco II - CASA-MILHÕES

''A casa é o eu de cada um. Contudo no espaço e no tempo as casas são praticamente iguais, na horizontal e na vertical. Quando têm demasiadas escadas inventam o ascensor, mas mantêm-se iguais, ou quase, para nós os que as ocupamos são quase iguais. A casa é parte de uma quadricula imensa, rota aqui e ali, emendada por muralhas por rios por fronteiras imaginárias, por longas protuberâncias, por pontes e por túneis e por nós imateriais.''[i]

Álvaro Siza,

"a habitação humana, especialmente na grande cidade, continua a ser o tema qualitativamente mais importante que compete à arquitectura e aos arquitectos"[ii]

Ignasi Sola-Morales

IX. CASA MERCADORIA

a casa para o outro, numeroso e desconhecido | uniformização, o homem-modelo positivista | a máquina de morar e os anseios do homem habitante | o reconhecimento do outro a habitar | a habitação-mercadoria e a banalização acrítica de modelos | resignação?

X. CASA DA ESCASSEZ

alternativa e participação, a "Arquitectura Social" | a emacipação do habitante e o reconhecimento da parcialidade da arquitectura no processo de construir casas | o aglomerado informal e a habitação no Terceiro Mundo | [Turner: autonomia, responsabilidade e sustentabilidade] | [Habraken: casa como acto, suporte e unidade destacável]

X. CASA MAQUÍNICA

tecnologia | virtual | global | diluição | condutismo | mobilidade | nomadismo | [a via da "re-singularização": o arquitecto escrupuloso | construir dando chances]

XII CASA DA DISPONIBILIDADE

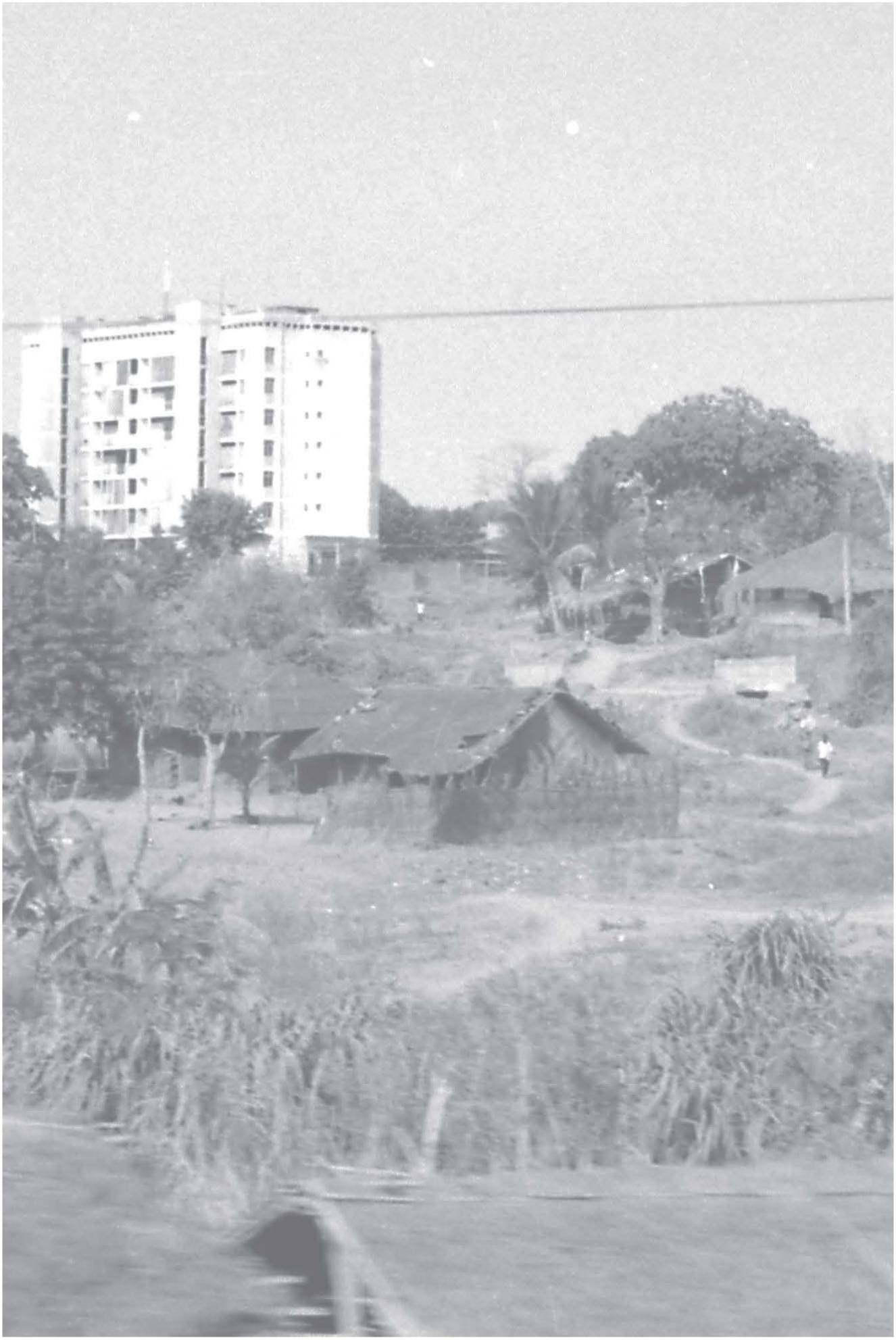
das possibilidades da arquitectura | suporte para a disponibilidade da casa | formas de disponibilidade na casa-em-curso

7. um pedaço de Terra: CASA DO CHOKWÉ

casa da terra | domínio | casa-obra e habitar-construir

8. para o caderno do arquitecto *bricoleur*: A ESTUFA

reciclagem | *bricolage* | oficina | invenção



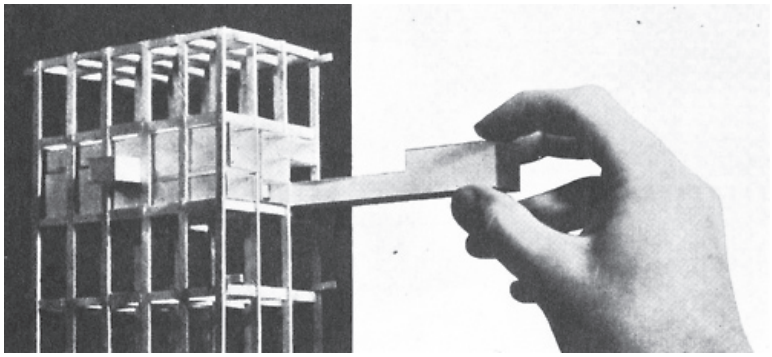
IX
CASA-MERCADORIA

a casa para o outro, numeroso e desconhecido | uniformização, o homem-modelo positivista | a máquina de morar e os anseios do homem habitante | o reconhecimento do outro a habitar | a habitação-mercadoria e a banalização acrítica de modelos | resignação?

''O padrão é uma necessidade de ordem trazida para
o trabalho humano (…)
Todos os homens têm o mesmo organismo,
mesmas funções.
Todos os homens têm as mesmas necessidades (…)
A casa é um produto necessário ao homem."[1]

"As casas das pessoas são únicas por definição
- apesar da habitação ser uma montagem
relativamente simples, ela tem uma imensa e
complexa variedade de usos. (...) Foi provado o
quão desastroso é construir e gerir casas de formas
que impõem tipos de habitação e modos de vida
standardizados."[2]





i02 e i03 - Le Corbusier na revista Life, e o modelo de montagem das células habitacionais na Unité de Habitation

Na viagem empreendida pelas casas desta dissertação, seriam já demais os motivos que nos levariam a uma rejeição dos postulados positivistas presentes no manifesto de Le Corbusier. Facilmente encadearíamos uma boa série de discursos antagónicos ao elogio do universalismo. Não nos falta na odisseia retroactiva da "Casa", ou nas inconstâncias da "Casa-fuga", matéria que nos mostre que a casa não é produto, mas acto, necessidade, território, identidade, arte de habitar; que as necessidades do homem, no que têm de mais primitivo, são imateriais, singulares e inconstantes. Mas a mera rejeição pouco nos traria, o propósito desta visita é outro.

O problema que se coloca aqui é o de permitir a disponibilidade para a realização da identidade do habitante quando a proposta de arquitectura para a casa (para o devir-casa) não é próxima ou configurada com a participação do habitante, mas exterior e mil vezes repetida, quando o problema é albergar o outro, desconhecido e numeroso.

O sujeito habitante não está mais confrontado consigo mesmo e com a natureza, ele tem que tolerar agora, nos seus recortes espaciais cada vez mais escassos, o vizinho do outro lado da parede ou do outro lado da laje. O exterior invade a casa, os sons da estrada, as rotinas alheias irrompem no território do habitante; a casa vê-se entregue a uma redoma invariável, muda, empilhada e frágil, entre tantas iguais.

Importará, neste ponto, a visita ao momento histórico em que se exigia uma resposta ao problema da habitação para as massas. Nos anos de formação do movimento moderno, a questão da *habitação para os milhões* foi colocada no centro da disciplina da arquitectura, e a uma escala global. Se os processos de modernização técnica e de racionalização instrumental se difundiram rapidamente respondendo aos imperativos económicos e burocráticos da sociedade e do tempo, o projecto de renovação social e de afirmação da liberdade foi sendo adiado e contrariado pelas dinâmicas da economia.

Esta convocatória não pretende tratar tal movimento enquanto momento histórico, nem julgá-lo carrasco único da alienação e desagregação de milhões de habitações por todo o mundo. A casa-mercadoria que este texto pretende convocar é a que a lógica mercantilista inventou a partir dos postulados incertos das teorias positivitas e das propostas do movimento moderno. Não existirão dúvidas que de entre os mestres do moderno terá existido uma firme intenção de dar sentido à existência através da habitação, não duvidaremos, também, que as propostas uniformizadoras ao serviço de uma racionalização e de uma democracia quantitativa, terão estado por de trás das infindáveis manchas de urbano descaracterizado e alienante, e terão condenado milhares de indivíduos a uma repressão das suas necessidades de habitar.

i - Ignasi Sola-Morales. *presente y futuros. La arquitectura en las ciudades.* «Sinembargo, la habitación humana, especialmente en la gran ciudad, parece seguir siendo el tema cuatitativamente más importante que compete a la arquitectura y a los arquitectos'»

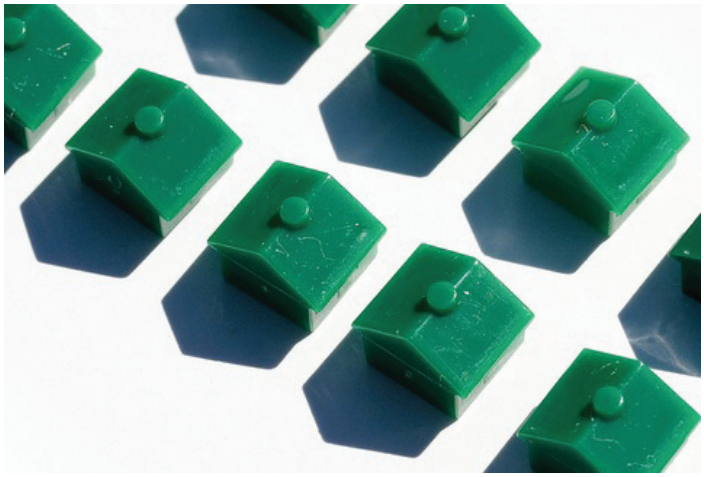
ii - Álvaro Siza, *A casa 2006/03/01,* in *01 Textos por Álvaro Siza*

1 - Le Corbusier, *Por uma arquitectura*, p. 89.

2 - John F. C. Turner, *Housing by People*, pg. 104. »People's houses are unique by definition - although a house is a relatively simple assembly, it has an immensely complex an variable set of uses. (...) It is proving as disastrous to build and manage houses in ways that impose standardized housing types and life styles (...)»



i04 - *''minimal dwelling''*, 1928; Albrecht Heubner



i05 - casas do jogo de tabuleiro Monopoly

> ''(...)os movimentos da sociedade, inclusivé os do espírito humano, podem ser realmente previstos, em certa medida, para cada época determinada, sob cada aspecto essencial, inclusive aqueles que parecem à primeira vista desordenados"[3]

O pensamento positivista, entre os seus mais elementares presupostos, terá ''a consideração de que todos os fenómenos estão submetidos a leis naturais invariáveis(…)"[4]. Tal doutrina interessa-nos na influência que teve nos arquitectos modernos, nas suas propostas de arquitectura. A tomada de certeza da invariabilidade das leis naturais foi transportada para as leis da sociedade, e nesta formulação, o homem é ser previsível, objecto de observação e experimentação pela ciência.

Perante o postulado de Comte, das ''leis naturais invariáveis" resta-nos a consciência (ou a irónica certeza) de que se tais leis preexistem, não são explicitas, e provavelmente nunca terão sido, pelo menos à compreensão do homem. Se tais leis regem algumas ciências ditas exactas (ainda que de forma temporária), o homem e a sociedade são objecto de relações e de necessidades que não cabem numa perspectiva determinista e exclusiva.

Na impossibilidade de aplicar os mecanismos científicos concretos e previsíveis ao homem presente, ser complexo e cheio de ''desordens", os actores positivistas reduziram a sua complexidade, substituiram-no por um modelo, que não é mais que ''o homem-tipo corbusiano, a família-estatística, esse constructo mental que permitiu aos arquitectos ortodoxos objectivar o comportamento social e quantificá-lo naquela experiência quase delirante que foi o *Existezminimum*."[5]

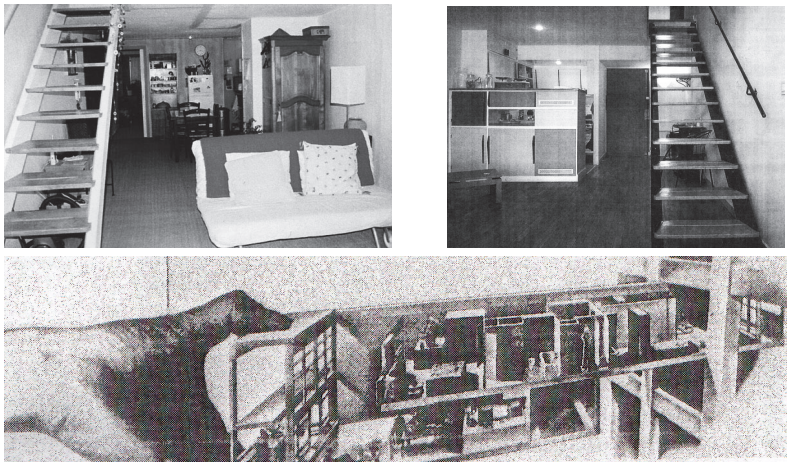
O homem-modelo não é o homem-presente, as propostas que o albergam ignoraram-no na sua singularidade, esperam crentes na sua modelação pela forma[6] do padrão. Assim tudo é projectado para o futuro, onde uma optimização lógica do homem modelado pela máquina moderna, coincidiria com um aperfeiçoamento da tecnologia e com a felicidade material. O presente é assim votado a esse treino, à prática do investimento no futuro; o passado ''não será outra coisa que não o recontar da dor acumulada; tudo o que dele provem terá um valor inferior ao que promete o futuro"[7]

> "é criminoso construir um wc com quadro metros quadrados"[10]

> ''O estado de espírito é construir casas em série"[11]

Se o tempo na casa positivista é reduzido ao futuro, o espaço é reduzido ao metro (centímetro) quadrado, os movimentos e rotinas são decompostos e padronizados, os espaços propostos respondem aos critérios métricos apurados até ao limite do

3 - A. Comte, *Curso de filosofia positiva*, *apund*. Iñaki Abalos, *Boa vida*, p. 70.
4 - *Idem Ibidem.*
5 - Iñaki Abalos, Boa vida, p. 70
6 - nota: eve ser lido "forma" enquanto "peça que serve para construir outra, comunicando-lhe o seu feitio e suas dimensões; molde;(...)". Dicionário da Língua Portuguesa; 1975, 5ª edição; Porto editora.
7 - Iñaki Abalos, Boa vida, p. 73
10 - Le Corbusier; "Por uma arquitectura" pg. 170.
11 - Idem, Ibidem; pag 159.



i06 - interior de uma habitação da ''Unité de Habitation'' de Marselha; i07 - interior de uma habitação-modelo da ''Unité de habitation'' de Marselha; i09 - esquema de ''montagem da celula habitacional da ''unité de Habitation''

mínimo de espaço para o máximo rendimento. A redução da arbitrariedade imposta pela eliminação do variável, do imprevisto, é realizada com redução de espaço mas também com a redução dos recursos da forma; os meios da arquitectura parecem reduzidos a um programa e sua tradução construtiva. A casa positivista apenas constrói para o que é previsível, sendo que tal determinação a vota à insuficiência, à falta de precisão quando se trata de satisfazer as necessidades indeterminadas e subjectivas do homem real.

A escassez de espaço, a distância à terra ou a lógica desterritorializante estritamente funcional do *zoning* (o macro – cidade e o micro - habitação) e a imposição de uma rotina funcional, fabril, de operar o doméstico, tende a eliminar qualquer possibilidade de iniciativa do habitante, de construção do território próprio.

> o alcance dos espaços construído vai muito além de suas estruturas visíveis e funcionais"[12]

Se admitimos que estas máquinas de morar, como todo o espaço construído ''nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional afectivo"[13], não podemos deixar de reconhecer que os seus padrões não são exclusivamente materiais, pois agem inevitávelmente em dimensões subjectivas, no sentido da produção de padrões de comportamento.

A fixidez imposta pelo espaço, pelo mobiliário, pelos automatismos, pela normalização métrica, submete o habitante a uma rotina invariável que não pode deixar de limitar os seus anseios de expansão e de realização de identidade. A dimensão expressiva da casa é reduzida a uma arte abstracta, cuja possibilidade de invensão é somente votada ao *arquitecto-criador*.

A figura deste arquitecto no fim de linha nunca poderá dominar ou sequer prever toda produção subjectiva dos espaços construídos que propõe, pois a partir de certo momento não lhe pertencem – interpelam-se com outros agentes produtores de subjectividade, ganham vida própria (ou morrem sem pedir deferimento).

O equívoco da concentração da produção expressiva num único criador não poderia resultar em nada senão num novo equívoco – o da possibilidade de realização do habitante entre tais limitações. Como na casa de "um pobre homem rico" (texto de Adolf Loos), onde o homem que a habita, pedindo conselho (autorização) ao arquitecto para dispor uns presentes que lhe haviam sido oferecidos, se vê interpelado: ''Por acaso não lhe projectei já tudo o necessário? Não necessita de mais nada. Você está completo"(…) e sentia ''agora há que aprender a circular com o seu próprio cadáver. Sim! Está acabado! Está completo!"[14]

O homem presente, não é seguramente modelável (tornado modelo), pelo menos até ao limite da sua total previsibilidade, pode apenas sobrar tal ilusão com uma variável repressão das

12 - Félix Guattari, Caosmose, p. 158
13 - Id., ibid.
14 - Adolf Loos, *Acerca de un pobre hombre rico* (26 de Abril de 1900) *in Escritos II 1910-1930.*

suas necessidades de território, com uma limitação dos anseios de identidade num ambiente tendencialmente estanque.

A consciência de tal homem presente, de anseios e necessidades variáveis não exige que a sua vida seja albergada num meio de total arbitrariedade em que lhe entregam todas as decisões sobre os dogmas da indeterminação e da flexibilidade, que por sua vez trarão consigo outras formas de repressão da realização de território próprio.

> ''(…) é urgente voltar a uma visão animista do mundo. O desfecho modernista deve frustrar o unidimensionalismo, as características de generalidade e formalismo sob as quais ele parecia dever ser esmagado"[16]

A consciência da imprevisibilidade das manifestações humanas exige-nos, (na impossibilidade do conhecimento directo e afectivo da pessoa a habitar) o reconhecimento de uma identidade singular e própria do habitante. Não podendo propor o suporte adaptado ao homem singular, há que propor o suporte disponível às suas variações, às suas singularidades, à sua realização.

Se os argumentos de uma filosofia positivista se encontram há muito superados, grande parte da produção de habitação parece ainda submissa a um determinismo e uma generalidade na consideração do problema da produção de casa.

As mecânicas produtivas, do mercado imobiliário laçaram-se num processo autónomo e burocrático de repetição de modelos. Hoje a grande fatia da produção de habitação é afecta a um sistema económico fortemente liberalizado, o que assume a uniformização e a homogeneidade como príncipio de rentabilidade de um investimento e não como uma eficácia funcional, produzindo indiferenciadamente em qualquer parte do mundo.

A casa nunca foi tanto um produto como hoje, chegando ao habitante através de todas as forma de aquisição[16]. Alheias aos processos de assimilação cultural da região em que se encontram, ou da satisfação das necessidade de identidade dos seus habitantes, a produção de habitação permanece abandonada aos desígnios da entidade abstracta do mercado, ele próprio objecto de reguladores abstractos que não abdicam de condicionar todas a esferas da vida humana: a relação procura/oferta, as programações burucráticas e tecnocratas, o crescimento económico e o gosto médio dos consumidores, que não possuem os instrumentos capazes de atender à condição singular da pessoa e suas necessidades de invenção e criação de território; por si tal entidade convive bem com o imobilismo e a homogeneização.

Assim, não será à filosofia positivista que os arquitectos se hão-de opor, mas aos processos de banalização acrítica de

15- Ignasi Sola-Morales,; *Presente e Futuros. La Arquitectura de las Ciudades,* «Por un lado, la producción desde promotores privados para un grandíssimo mercado imobiliário que se riege por relaciones reguladas por la oferta y la demanda. Ça casa es un bien al que se accede por compra, alquiler, leasing o cualquier outro mecanismo económico. (...). »

16 - Félix Guattari, *Caosmose*, p. 158

modelos, aos processos de alienação que cometeram extensões das nossas cidade a ''quilómetros e quilómetros de nenhures organizados"[16].

O arquitecto hoje, no seu processo de formação poderá ter ainda influência de uma forma de pensar positivista, mas ela não permanece mais pacífica. Desacreditado do credo na razão que povoava tal movimento, o arquitecto permanece resignado ante as forças de mercado.

16 - Aldo Van Eyck, *in Socpe of Social Architecture;* «Mile Upon mile of organized nowhere.»

X
CASA DA ESCASSEZ

alternativa e participação, a "Arquitectura Social" | a emacipação do habitante e o reconhecimento da parcialidade da arquitectura no processo de construir casas | o aglomerado informal e a habitação no Terceiro Mundo | [Turner: autonomia, responsabilidade e sustentabilidade] | [Habraken: casa como acto, suporte e unidade destacável]

''O facto mais importante no *habitat* de um homem é a possibilidade de escolha contínua entre a vida colectiva e a liberdade do controlo social; entre solidão e a companhia, entre o fechado e o aberto; o ruído e o silêncio."[15]



i10 - Vila d'Este, a partir do IC2, Vila Nova de Gaia

A crença modernista ortodoxa no unidimensionalismo terá tido o seu fim; no entanto o nosso entorno continua a ser marcado por formas de conceber a habitação tendencialmente desagregadoras e alienantes.

Os processos de produção de habitação que a mecânica economicista do mercado imobiliário generalisou, e que terão ficado conhecidos como "*mass housing*", mereceram uma crítica que surgiu com particular avidez durante as décadas de 60 e 70, em que poderiam ser distinguidas duas vias: uma, a crítica **pós-moderna**, que poderíamos de classificar de académica, centrada nas alternativas teóricas e de linguagem formal; e outra, aquela que acabara por ficar conhecida como a ''**Arquitectura social**", que se assumia comprometida com a realidade e centrada na resposta aos impactos sociais e existências a que as inúmeras produções socialmente menos atentas do "*mass housing"* condenavam os seus habitantes.

> ''A última consequência [do *mass housing*] não é apenas a perda de autonomia, de competência, da cidade como tal, mas a perda da necessidade de tais coisas. Os utilizadores alienados aceitam estas limitações como inevitáveis. A arquitectura social não." [16]

Uma das mais insistentes e unânimes críticas que esta ''Arquitectura social" faz às produções alienadas decorrentes da herança positivista na arquitectura, é a da perda da capacidade de decisão da pessoa sobre o seu habitat – quer enquanto habitante nas escolhas que lhe são permitidas, quer enquanto cidadão no que respeita às decisões sobre a sua cidade.

Os meios e as formas pelos quais tais habitações são produzidas são totalmente alheias a quem as habita. A solução disponibilizada pelo mercado para tentar ultrapassar tal autismo recorre a meios igualmente burocráticos de peritagem por parte de supostos especialistas nos problemas das pessoas, sejam arquitectos, sejam vindos das ciências sociais.

> ''agora os arquitectos e os planeadores assim como outros profissionais estão confrontados com o rápido crescimento da consciência da sua incompetência para decidir pelos outros o que é melhor para eles.(…) Quem decide por quem é a questão central (…) na produção de habitação e de assentamentos humanos."[17]

A consciência da incapacidade da classe dos "arquitectos e planeadores" pensar por si os problemas do habitar, leva-nos a duas considerações face à necessidade de alternativa aos processos generalizados de produção de habitação: **a primeira** consideração é relativa ao reconhecimento da necessidade e legítimo anseio de emancipação do habitante face às leis autistas do mercado, determinadas decisões no processo de produção e concepção de habitações lhe pertencem. **a segunda** consideração é da tomada de consciência de que a arquitectura não pode ser variável independente no processo de construir

15 - Ludovico Quaroni ap. Nuno Portas, *Habitação Social: Proposta para a Metodologia da sua Arquitectura.*
16 - C. Richard Hatch, *Scope of Social Architecture*, «The final consequence is not only the loss of autonomy, of competence, of the city itself, but the loss even of the need for these things. The aliened user accepts these limitations as inevitable. Social architecture does not.»
17 - John F. C. Turner, *Housing by people, Towars Autonomy in Building Environements,* p. 11.



i11 - Serviço de Ambulatório de Apoio Local, processo de apoio técnico à construção de habitações marcante da arquitectura portuguesa dos anos da revolução de Abril

habitações, ela terá que responder ao compromisso com os outros intervenientes.

A construção vernacular e popular da cidade anterior ou alheia ao *"mass housing"*, com a intensidade dos seus ambientes serviu de referência para a formação das convicções dessa "Arquitectura Social". Estes contextos admitiam também alguma margem para pôr em prática tais convicções, porque neles o grosseiro e desajeitado *mass housing* não conseguia entrar sem o *bulldozer*,

Em contextos urbanos do mundo desenvolvido, qualidades de uma pequena escala e de variedade, são facilmente reconhecidas nas condições excepcionais dos centros históricos mais ou menos preservados, no entanto, adquirem a condição de luxo e não são alternativa viável nos subúrbios de "quilómetros e quilómetros de nenhures organizado"[18].

Com mais ou menos paternalismo foram surgindo propostas de intervenção em contextos marginais ao *"mass housing"*, mas nem por isso marginais no que respeita à sua magnitude. As infindáveis áreas de habitação auto-construída das metrópoles do Terceiro Mundo[19], com processos de crescimento incontrolados (incontroláveis?) e com uma dramática incapacidade de fazer frente às necessidades mais básicas de dignidade, constituem-se como território particularmente disponível para pôr em prática as teses desta nova consciência.

Nestes contextos de escassez a dotação de habitação permanece um problema político e social central; nesse estado de carência parece existir também a potência de evitar o erro mil vezes repetido da produção indiferenciada e massiva de habitação que assistimos nas décadas anteriores no ''mundo desenvolvido".

Notícias recentes vão-nos desacreditando de tal possibilidade, governos de países que se encontram em crescimento económico e com disponibilidade de capital procuram resolver o défice de habitação recorrendo aos meios mais expeditos e burocraticamente mais fáceis – através da simples aquisição de habitações, recorrentemente a entidades que pouco se esforçam para enquadrar as suas produções com quaisquer contextos culturais, sociais, pessoais ou até produtivos

A total perda de consciência de humanidade que a lógica do mercado, quando potênciada pelos anseios insustentáveis de crescimento dos países de Terceiro Mundo, produz gigantescas anomalias como sejam as cidades abandonadas, com o único propósito da especulação e da manutenção do crescimento. É exemplo desta bizaria a "área urbanizada" de Kangbashi, na China, onde trezentas mil casas permanecem vazias após a sua construção.

18 - citação citada anteriormente, na convocatória X ''Casa Mercadoria"

19 - Assume-se o Teceiro Mundo para falar dos países que, à altura do termo, representavam uma terceira via diferente da dos EUA ou da URSS, os também conhecidos por não alinhados, como nos explica Charles Correa, *The New Landscape. Urbanization in the Third World*, «One last point. Throughtout this text I hab used the term: the Third World. I find it far better than those miserable (and inaccurate) euphemisms; ''undeveloped" and/or 'developing'. 'The Third World', as most of us know, was a phrase coined in 1950's by Nehru. (…) other leaders of the Non-aligned movement, in order to define a third option, one differente from Joseph Stalin's Ussr and John Foster Dulles USA.»





i12 e i13 - Kangbashi *new area*, nova área urbana para mais de um milhão de pessoas a duas horas de Pequim, China, permanece sem ocupação significativa

> "Enquanto as prioridades das pessoas variem, a utilidade das coisas irá variar independentemente do seu *standard* material ou do seu valor monetário"[19]

Os esforços de produção de arquitecturas socialmente mais atentas e a capacitação de processos de autoconstrução, de racionalização e infra-estruturação do construído existente permanecem marginais. A difusão dos seus príncipios pode ter sido conseguida e a validade das propostas reconhecida mas a falta de vontade política dos governos, a ausência de estruturas associativas nos ambientes de marginalização e a própria magnitude dos problemas não têm permitido uma resposta ao **nível da necessidade destes contextos.**

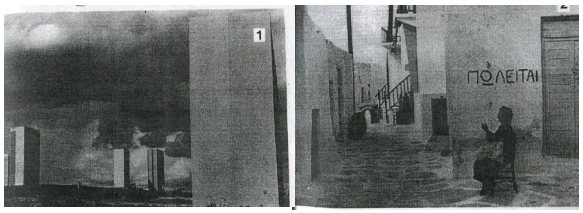
Apesar do problema da dotação de habitação no "mundo desenvolvido" se ter tornado marginal, o risco de homogeneização do habitat a que a produção indiferenciada de habitação (associada à proliferação de uma ensurdecedora presença do espaço mediático, também portador potenciador dos riscos de homogeneização) coloca de novo na ordem do dia o problema habitação. Já não se discutirão os mínimos para erguer económica e racionalmente milhares de fogos, mas discutir-se-ão os meios de garantir a saúde mental, social e ambiental do habitat urbano.

O risco de homogeneização do habitat, coloca-nos perante a irónica condição de reconhecer em contextos de habitação informal (em que a satisfação completa das necessidades que convencionalmente tomamos por elementares não é atingida) ambientes e modos de vida humana e socialmente mais gratificantes que nos bairros urbanos indiferenciados do mundo desenvolvido. As condições materiais de tais contextos estarão muito longe dos padrões ocidentais (e muitos dos seus cidadãos não estariam dispostos a tais cedências), mas possuem valores de outra ordem que esses padrões abdicaram sem se terem apercebido; valores que já visitamos nesta dissertação e que são da ordem da disponibilidade do território, da afinidade com o pedaço de Terra que ocupa, da rede social que o cerca.

Não deve aqui ser lido qualquer elogio da pobreza, trata-se antes de um mero reconhecimento da insuficiência das habitações produzidas por uma lógica estritamente mercantil, face a contextos materialmente mais escassos, onde apesar de tudo, a produção de construído é referenciada e apoiada por uma rede de proximidade.

Visitamos de seguida o trabalho de duas posições distintas de construir a alternativa à produção de habitação do mercado, elas são datadas, mas olhamo-las fora da sua circunstancialidade, queremos considerar aquilo que permanece válido enquanto ferramenta de projecto. Trata-se, portanto, de uma leitura possível, orientada e interpretada aos propósitos do nosso texto, não se deve esperar qualquer tipo de globalidade ou de síntese da obra e pensamento dos seus autores.

19 - John F. C. Turner, *op. cit.*, p. 61, «As long as peoples priorities vary, the usefulness of things will vary independently of their material standard or monetary value.»



i14 - ‘’quantos arquitectos de lugares como Brasilia ficam lá mais que necessário (...) e perferem passar as suas férias em lugares como Mykonos?[20]

A consciência da insuficiência do habitar suportado pelas realizações do *mass housing* que povoavam as cidades do mundo ocidental, leva John F. C. Turner, a encontrar no habitat ‘’alternativo” – do histórico ao informal - níveis de autonomia, racionalização, sustentabilidade e realização do habitante que constituem uma lição aos construtores do mundo desenvolvido.

Turner lembra-nos o fascínio dos arquitectos pela arquitectura não projectada por arquitectos: os esquissos de Corbusier pelos bairros mediterrâneos, ou o sucesso da exposição *Architecture without architects* levam-o à afinidade com a tese de que a cultura vem do solo e não de abstrações da mente[21].

> ‘’Quanto maior for a organização e mais centralizada a administração se torna, mais frequentes e maiores serão as incompatibilidades criadas entre as prioridades das pessoas em relação à casa e a casa que obtêm. ‘’[22]

John Turner traz a realidade dos processos de construção do aglomerado informal para o debate e tira deles uma lição para o mundo desenvolvido. O sucesso de tais processos de produção de habitação (e de cidade) residem numa série de disposições prévias que não são determinadas pela condição económica do contexto: a **descentralização** dos processos de produção e de tomada de decisão, a **pequena escala dos aglomerados**, **a capacidade de organização de estruturas associativas** e a **fluidez nas relações entre todos os intervenientes**. Estas condições estão ligadas a uma utilização de tecnologias baixas, não industrializadas. Segundo J. Turner, só assim se pode atender à satisfação das prioridades diversas dos habitantes e da comunidade, mas também, numa escala global, da sustentabildiade no uso dos recursos.

> ‘’As questões reais são essas do sofrimento humano e da poluição, e elas estão directamente relacionadas com a habitação, com a sua provisão e a sua manutenção”[23]

Esta condição última - a salvaguarda da humanidade enquanto tal, na sua relação com a biosfera – parece comprometer o sistema industrial globalizado, obcecado na constante escalada da miragem do desenvolvimento que vai delapidando os recursos finitos da terra, através da lógica centralizadora das estruturas produtivas e do constante aumento dos gastos materiais na produção e no transporte dos bens.

> ‘’este, então, é o critério vital: a actividade tira mais vida de outras pessoas, noutros lugares ou no futuro, que aquela vida que dá?”[22]

Nesta lição de Turner concentramos, expeditamente, os principios que toma por fundamentais para uma produção de habitação que aspire simultaneamente à gratificação do habitante e à sustentabilidade do seu processo:

''Primeiro, a responsabilidade pessoal, implica o controlo''[24], e traduz-se na exigência da **autonomia do habitante no que respeita as decisões sobre a casa**. Uma possibilidade de escolha que implica a participação directa do habitante no processo de produção através de uma aproximação entre intervenientes no processo de produção.

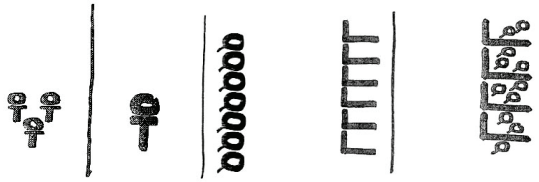
''Segundo, a produção e o uso de bens vitais e seviços''[25], este principio implica uma produção descentralizada como o meio para a necessária **racionalização e economia de recursos**. Os ganhos desta produção local são: o ajuste entre o necessário e o adquirido evitando o excesso da especulação, assim como a manutenção da dinâmica económica do lugar.

''Terceiro, é sobre a energia e a vida,''[26], e trata da sustentabilidade da relação da civilização com a natureza, remetemdo-nos para a urgência de independência face às grandes organizações centralizadas que tornam qualquer actividade necessária para o suporte de vida intrinsecamente destrutiva.

A verdade é que a dependência de tais estruturas centralizadas nos parece inevitável, no entanto uma modesta utopia poder-nos-ia contradizer: sem nostalgias, o equilíbrio do ecossistema, o controlo energético que não exija um aparato hipertecnológico para anular a ofensiva do carbono soa a uma simpática demanda, um equilibrio global que não seria atingido pela primeira vez. Admitindo que a história jamais se escreve duas vezes, na cidade pré-industrial, os ciclos curtos de produção eram renováveis: na alimentação, os excedentes, exclusivamente orgânicos, tornavam-se fertilizante e daí nova alimentação; na construção, a sobriedade e ritmo permitia a renovação dos seus recursos. A industrialização e o mercado global alarga estes ciclos indefinidamente, produz quantidades insondáveis de excesso e de lixo, torna a grande máquina da sustentabilidade – a biosfera - insuficiente.

Esta leitura poderá indicar o caminho de tornar a tomar a biosfera como parceira, tornar a inventar ciclos curtos, sem que para isso tenhamos que voltar à cidade medieval e a uma dedicação exclusiva ao sector primário de produção.

20 - John F. C. Turner, *Housing by People*. *Towars Autonomy in Building Environements,* p. 19. (citação original na imagem)
21 - Id., Ibid. pg. 26: «The popularity of the book Architecture without architects (...) demostrate architects' common preference for architecture that was not been designed by architects. And it is a confirmation of the thesis that culture comes from the cultiation of the soil.»
22 - Idem, p. 51., «How larger is the organization and the more centralized management becomes the more frequent an greather the mismatches are bound to be between people's housing priorities and the housing they get.»
22 . John F. C. Turner, *in Scope of Social Architecture,* «This, them, is the vital criterion: does the activity take more life away from other people, in other places or in the future, than the life it gives?»
23- John F. C. Turner, *Housing by People. Towars Autonomy in Building Environements,* p. 62, «The real questions are those of human suffering and pollution, as they are directly associated with dwelling, their provision, and their management.»
24- John F. C. Turner, in *Scope of Social Architecture*, «The fist, personal responsibility, implies local control and refers to relationships between people in the first place.»
25 John F. C. Turner, *Scope of Social Architecture*, «The second, the production and the use vital goods and services and refers to relationships between people and environments they make and maintain.»
26- Id., ibid., «The third, about energy and life, deals with the overall relationship between civilization and nature, that is between society, together with its culture an built environment, and the biosphere.»



i15. alguns elementos da linguagem gráfica desenvolvida no manifesto *''Three r's for housing''* de N. J. Habraken. Pela mesma ordem: comunidade; indivíduo; unidade de uso destacável; estrutura para viver (suporte); a casa - acto de reunião de suporte e unidade destacável (''a home is brought into being when support and detachable units meet''[27]).

N. J. Habraken também se mostra firme em condenar a lógica invariável e uniformizadora do *mass housing*. No entanto, a consciência de que o homem começa a perder controlo do mundo material, não o leva à rejeição da industrialização, tal como a encontramos em Turner. Entre os argumentos para tal defesa está o facto da mesma tendência de uniformização da habitação estar presente em contextos em que é produzida por meios tradicionais.

A eliminação da esfera do indivíduo no processo é a causa da uniformidade. Não se trata de um problema técnico, mas de reorganização dos papéis dos intervenientes no processo[29] de produção.

Segundo Habraken, a casa deve ser assumida enquanto acto, não podendo ser adquirida por meios estritamente económicos, tais meios apenas poderão produzir as condições para que a casa aconteça.

Apostado em redefinir os papéis dos intervenientes no processo de produção de habitação, começa por reconhecer duas esferas em que a casa se realiza: a esfera comunidade, interessada no uniforme e na organização; e a esfera do indivíduo, interessada na singularidade e na realização da identidade.

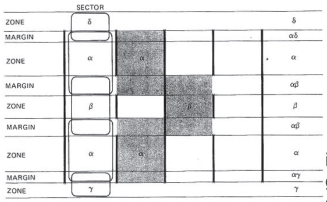
A casa só se poderá realizar nas duas esferas; a condição presente do funcionamento do *mass housing* evidencia um controlo total por parte da esfera da comunidade, levando o ponto de transição para o território do indivíduo ao extremo.

A repartição de competências opostas - aquela em que todas as decisões da produção da casa recaem sobre o indivíduo - poderá revelar-se igualmente condicionadora do ambiente construído, votando-o à degradação e à anarquia.

A superação da uniformidade na produção da habitação dependerá da recuperação da esfera do indivíduo no processo, para tal os meios de produção deverão ser reorientados. Habraken acredita que a industrialização pode bem ser o único processo produtivo capaz de satisfazer tal reorganização do processo[30]; esta deverá produzir os elementos de que se compõe uma casa e não casa completas (modo como opera o *mass housing*)[31].

A exigência de equilíbrio entre as duas esferas de realização da casa, leva Habraken a identificar competências de cada uma:

O suporte, afecto à comunidade, mais do que garantir questões do sustento da casa (infra-estrutura, estrutura, acesso) deve as suas razões ao garante da harmonia. O suporte é um elemento inacabado[32], ele emolduraria a esfera individual, ele só se realizará no seu



i16. esquema de zonas e margens que guiariam o desenho dos suportes

propósito perante a incorporação dos elementos que lhe são afectos.

A unidade destacável contém tudo o que respeita à esfera individual e será incorporada no suporte, uma vez que este esteja concluído; nesse encontro aconteceria a habitação do indivíduo. A unidade destacável acolheria os desígnios de individualidade da casa, pela sua proximidade ao habitante seria capaz de se adaptar à singularidade das suas exigências.

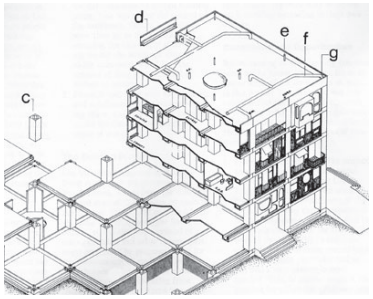
Reconhecendo que os arquitectos e o mercado apenas seriam capazes de gerar produtos, não está nas suas competências realizar casas[33]. O suporte e a unidade destacável seriam oferecidos como "coisas" claramente reconhecíveis: como bens imobiliários e produtos de consumo, pre-fabricáveis pela indústria.

Na oportunidade de pôr as suas ideias em prática, Habraken estabelece um método para desenhar suportes receptivos à variabilidade das aspirações dos ocupantes: estabelece uma matriz de "zonas" e "margens" às quais se associam condições de organização, privacidade, acesso à luz solar, limites de ocupação, limites de profundidade que determinarão a sua receptividade às várias ocupações vindouras. Trata-se de um desenho do potencial, que pretende garantir simultaneamente a racionalização e a liberdade da sua ocupação. Uma concepção em que o tempo entra definitivamente no processo de produção.

A proposta de Habraken, sendo dela admissíveis várias interpretações, não se desliga da sua condição de produto, de artigo de consumo, sujeito às dinâmicas (perversas) da oferta e procura do mercado. Condição que em si não constituirá propriamente uma contrariedade, pode, inclusive, ser assumida como uma via para o seu sucesso. No entanto não elimina da concepção mercantilista alguns pudores: o da consideração de que parte substancial do que entra na produção da casa pode ser fornecido pela uma indústria, pressupõe que entre os técnicos existe uma capacidade de prever e inventar todas as formas capazes de servir os anseios e prioridades singulares dos habitantes. Retomamos a figura do arquitecto de fim de linha, iluminado, capaz de nos seus recursos encontrar resposta para todas as necessidades do habitante.

A validade da concepção da produção de habitação repartida entre a entidade "suporte" e "unidade destacável", reside nessa tomada de consciência de

27- N. J. Habraken; *Three r's for housing*; pg 188. «A home is not a thing/ A home is an act»
28 - Id., ibid.
29 - Idem, p.175.
30 - Idem. pg.176: "Idustrialization in the building process is nowadays the only way of re-introducing the individual"
31 - Id., Ibid; "he should not build homes.| we should make housing possible"
32 - Idem; pg.187 e 188
33 - Idem; pg.188: "You can produce the things in wich people will live, (...) You can translate this need into prodution of cleary recognizable things (such as suports and detachable units).| You cannot make a home for someone else."



i17. Les Marelles, projecto dos SAR

que ninguem poderá realizar a casa pelo habitante. O princípio de suporte como disponibilidade para a casa, como uma matriz de possibilidades parece-nos constituir uma providencial ferramenta capaz de conduzir a desenhos mais atentos à inconstância e indeterminação das necessidades de habitar. Um príncipio de suporte que se filia mais com o manifesto e com as propostas de desenho que com as realizações de que foi referência. De facto, parecem-nos sempre ambíguas as tentativas de formalização de tal princípio. A seu amplo valor, constitui-se mais numa abordagem ao problema do que numa definição estrita de elementos materiais.

Estamos perante um desvio do sentido de produção do mercado, mais do que uma alternativa. Estamos perante a condição transformada do arquitecto, consciente de que as suas produções são essencialemte fromas de disponibilidade para o devir-casa.

Tal formulação subjectiva de suporte, um pouco mais operativo que a mera consciência de que não produzimos casas, mas um pouco menos objectivo que um esqueleto infraestruturado, implica igualmente uma subjectivação da respectiva noção de ''unidade destacável", que não seria estritamente um bem de consumo, mas uma segunda fase do processo. Seria uma adaptação do espaço à pessoa, um medeio, que não implicaria necessariamente a deslocação de uma redoma, de um invólucro, mas uma recuperação de um certo estado de morar, acompanhado de seus objectos de ocupação.

Apontamento 7: um pedaço de Terra

CASA no CHOKWÉ

e duas notas sobre a Casa de Chiuanguene e a casa de Maxaquene

casa/terra | domínio | casa-obra e habitar-construir



Apontamento 7: um pedaço de Terra

CASA no CHOKWÉ

e duas notas sobre a Casa de Chiuanguene e a casa de Maxaquene

casa/terra | domínio | casa-obra e habitar-contruir



i01 - entrada (aquando da partida)

i02 - mesa para o mata-bicho (e para todas as permanências)



i03 - machamba (e a sua fauna)

i04 - quarto das visitas



i05 - janela da sala e figuras de interior



i06 e i07 - aproximação à casa de Chiuanguene



i08 e i09 - pátio da casa de Maxaquene

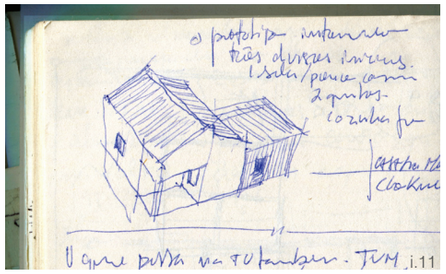
i10 - cozinha da casa de Maxaquene

DAS CASAS EM VIAGEM:

A recuperação desta casa, perdida naquele lugar, é uma experiência em si, é a construção de uma (outra): uma casa em escrita. Uma revisita aos lugares de hospitalidade que apresenta novas feições em cada cometimento.
De certa forma esta dissertação começou nesta casa, uma da últimas em que estive; aqui terá sido a primeira experiência de registo com o propósito claro de integrar esta tese. E como todos os princípios, cedo se encontram deslocados do que os meios se tornaram. Alguma imaturidade, mas também alguma espontaneidade há-de ser encontrada nestas palavras. O seu registo é semelhante ao de outras casas deste trabalho cuja experiência foi limitada pelo tempo, um relato de fim de dia que é simultaneamente um esboço da biografia dos recortes da casa, com as notas possíveis das rotinas e hábito.
Diários de Paragem. 21 de Agosto de 2013

A partida do hemisfério austral espera dois meses a partir daqui. Desdobro-me sobre esta casa. Deixo o pc emprestado na sala com os seus 15 anos, 15 quilos e um tremer de geladeira. Num quarto resistente e de saudade que não deixa que as nossas coisas se colem com consistência às parede, talvez por adivinhar esse regresso próximo. Com uma bic e um maço de folhas brancas, de costas para a janela, a mesa baixa tem ar de cais de partida. (nela os aparelhos que sobram: Minolta x87, um Nokia de 1000 meticais, dois cadernos de notas, cada um tem uma casa, construo o estado para mergulhar nelas.)''
Diários de Paragem. 20 de Abril de 2011

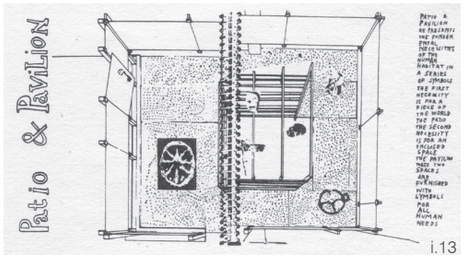
O Machibombo deixamos no Xai-Xai, a pressa faz um entendimento com o homem do chapa e o equívoco do ir ao não ir. A poucas centenas de quilómetros da chegada, visitar a Sra. Mónica (que conhecemos no inicio da viagem, numa boleia de 2000 quilometros), significava prolongar a viagem por uns dias, o que se impunha face à nossa sede de continuar (naquela condição nómada) .Esperamos a Sra. Mónica no XaiXai e a boleia de caixa aberta que nos mostrou a terra deste distrito
Diários de Viagem. 18 de Dezembro de 2010



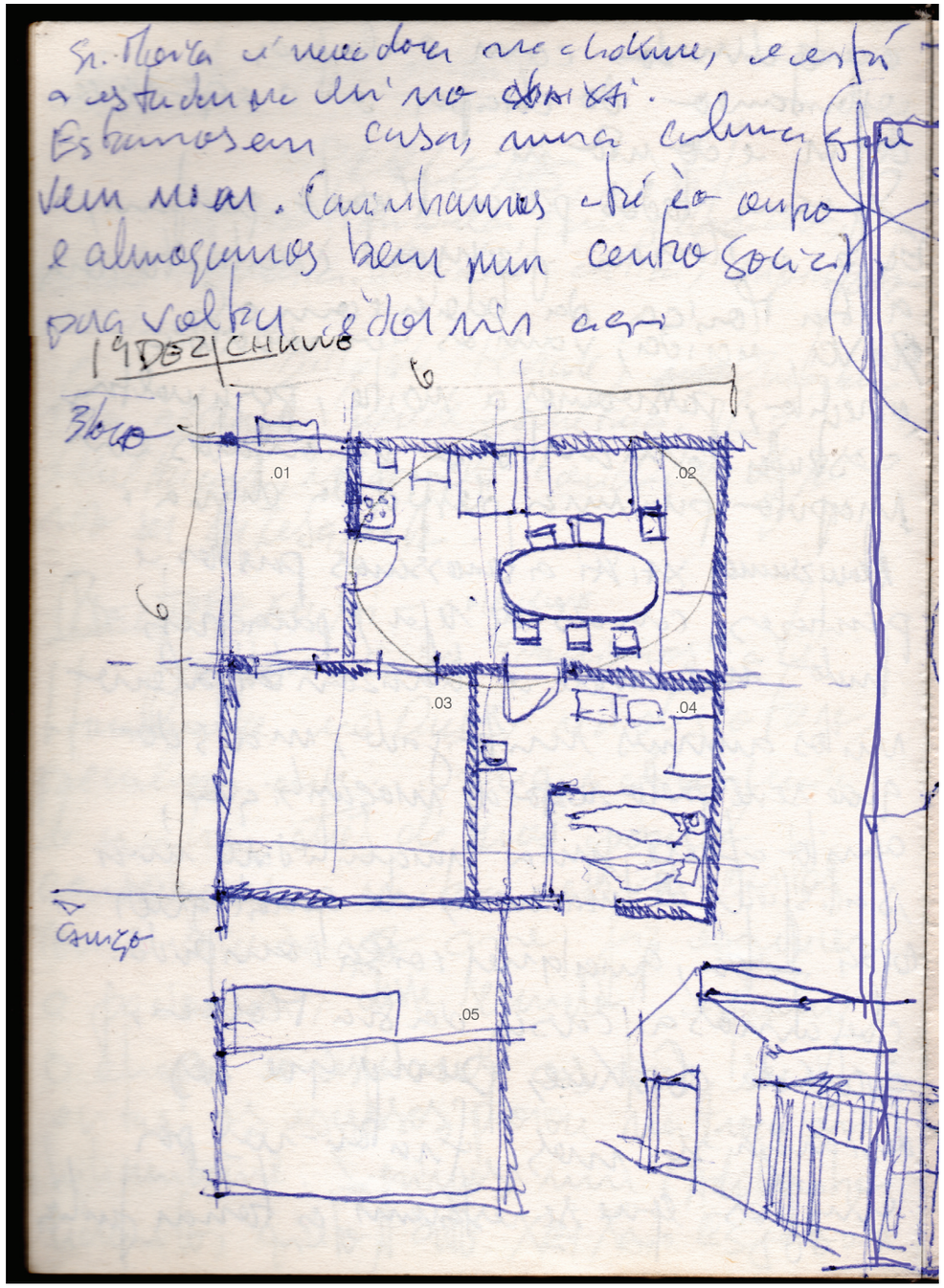
A CASA do Chokwé

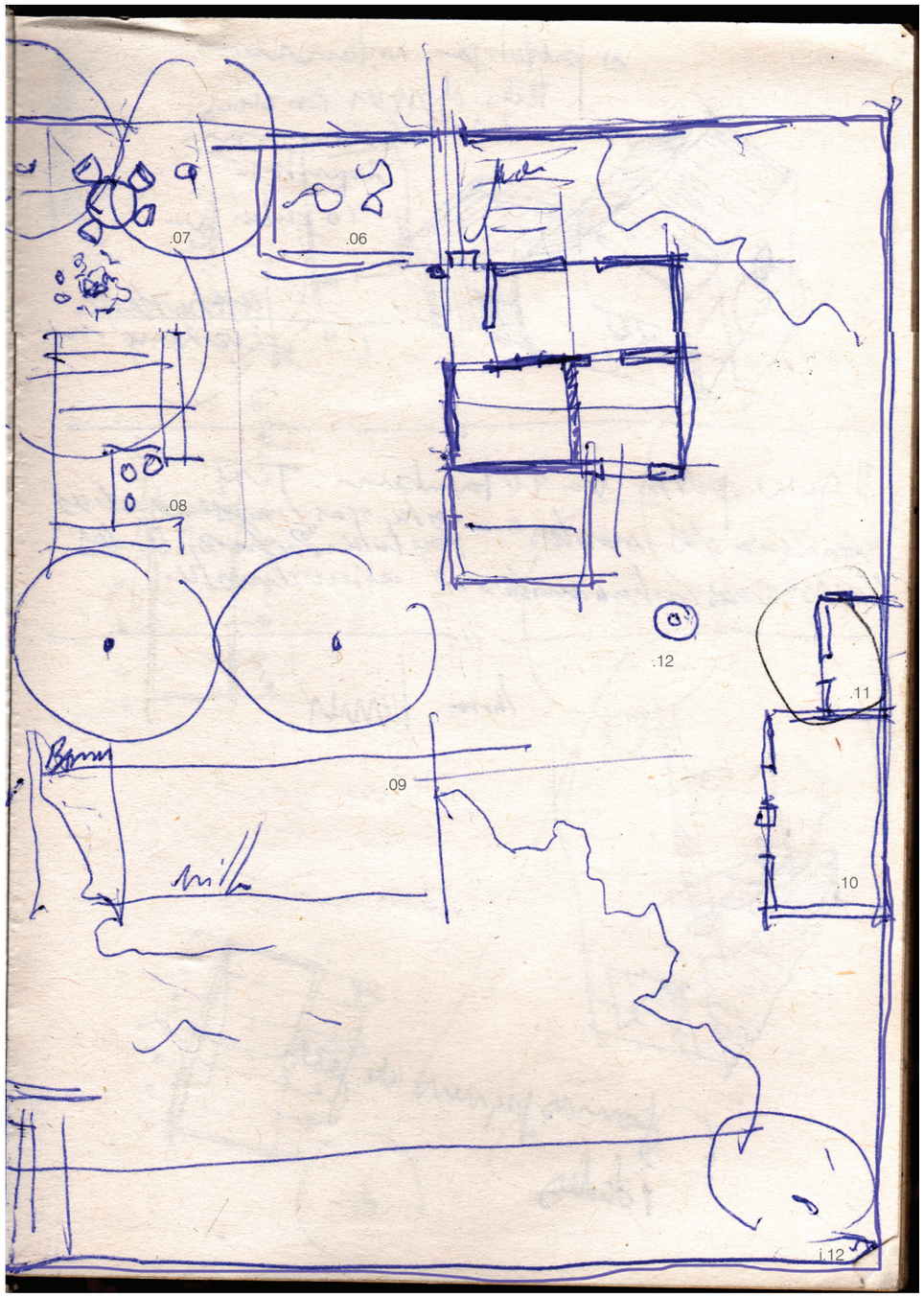
Seis passos cumprem qualquer uma das suas dimensões. Uma sala para dois quartos, a cozinha é fora, o segundo quarto é o de visitas, onde ficamos.

Duas dependências contiguas: uma cozinha de caniço e algum tipo de arrumo, dois compartimentos isolados, adoçados à cerca: o quarto da menina e o "banheiro". Cobertura de zinco, muros de alvenaria, dos mesmos blocos que esperam a próxima obra no centro do pátio.



Os recursos materiais para o estabelecimento desta casa são mínimos, mas tal não impede a generosidade dos seus ambientes, especialmente no que neles é votado às necessidades humanas "básicas" tal com nos são apresentadas por A+P Smithson na sua exposição "Pátio and Pavillion". É notável verificar a largueza com que "o pedaço de mundo, a vista para o céu, a privacidade e a presença da natureza" se instalam aqui em tão modesta morada.





legenda planta

.01 - varanda de entrada

.02 - sala

.03 - quarto da Sra.

.04 - quarto da visitas

.05 - cozinha

.06 - jardim

.07 - mesa para o mata-bicho

.08 - blocos para próxima dependência

.10 - quarto da moça

.11 - banheiro

.12 - poço


i08

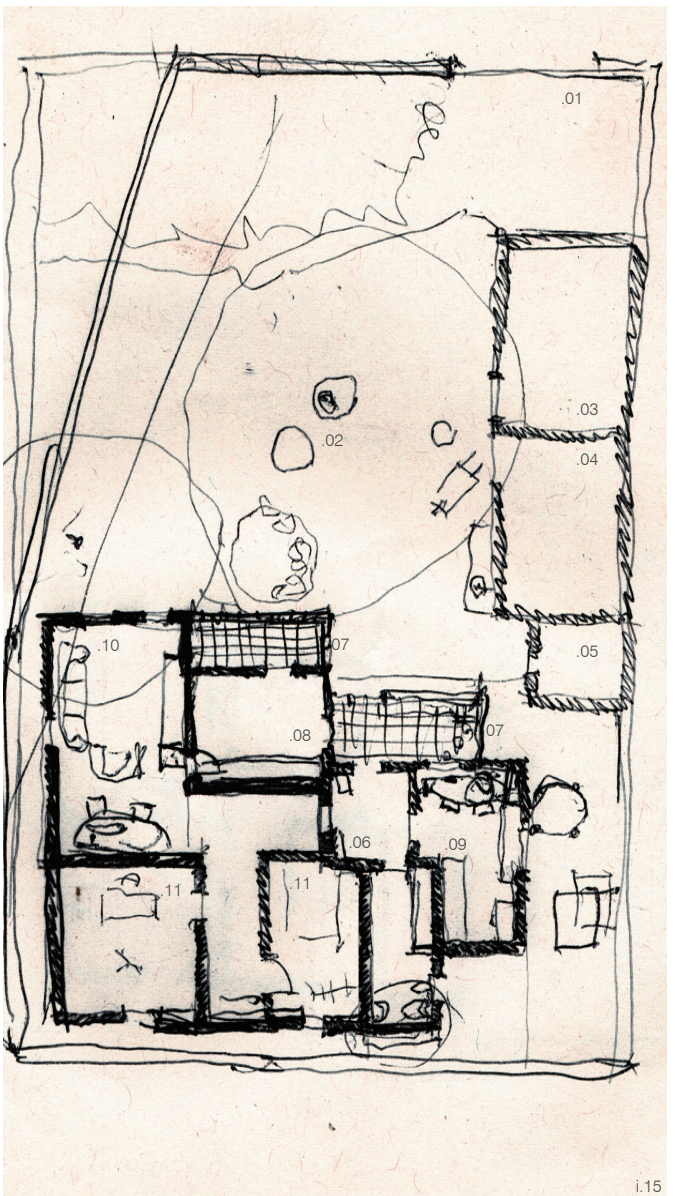

i09

A casa de Maxaquene

Maxaquene é um conjunto de bairros na primeira cintura de construção informal de Maputo, em grande densificação, é lugar das mais variadas formas de agregação e de divisão de habitação, entre os processos mais extremos assistimos a um sub-aluguer de dependências, que em determinados casos toca a loucura. Uma outra presença contrasta com esta densidade envolvente: a árvore que dá a estas ruas um ambiente impressionante, coqueiros, acácias, mangueiras, papais, abacates.

Mas nada disso se deixa adivinhar no interior casa do Wacela, entrámos, um portão e muro cerrados de mais de 2m de altura deixa a rua de terra lá fora. Um pátio generoso, a betonilha ocupa a sombra da arvore central, deixando o canto do lado direito livre para os desígnios da terra, outrora machamba por certo. A ocupação deste pátio merece uma nota, aquilo que será parte de uma vida de exterior – cadeiras, roupa, vassoura – compõe-se com um deleite de um sem número de pequenos vasos e seus rebentos cuja vitalidade parece atestar a qualidade do lugar para habitar.

É uma casa generosa e ponderada, trata-se da idade adulta de um modelo evolutivo a que Luis Lage[1] dá o nome de 'ventoinha' pela peculiaridade do arranjo das cobertura, é um modelo de ampla difusão em todo o mercado de construção informal, terá começado por ser apenas o que é hoje o quarto principal e a sala, mantendo a cozinha estritamente exterior; a que se terão sucedido os acrescentos necessários a acolher os então seis membros da familia. Hoje conta apenas com três habitantes e sente-se essa pós ocupação, permanece uma dispersão dos objectos como se eles próprios se espalhassem tentando encher a casa da presença de outros dias . Qualquer actividade parece arrastar consigo parte da casa, que tarda a voltar ao sítio.



i.15

legenda planta

.01 - portão de entrada
.02 - pátio - árvore
.03 - quarto dependência
.04 - quarto dependência
.05 - banheito exterior
.06 - entrada
.07 - varanda
.08 - quarto de pais
.09 - cozinha interior
.10 - sala
.11 - quarto

1 - "Um olhar sobre o habitat informal Moçambicano: de Lichinga a Maputo"; Júlio Carrilho, Sandro Bruchi, Carlos Menezes, Luis Lage


i02

O Mata Bicho

São 6h, sob a acácia, mandioca com cebola e chá, a empregada espera que esteja pronto à sua chegada.

E o que há nisto de acordar com o dia sobre a cabeça? É por esta mesa que passam os dias da casa, na generosidade do tempo e da sombra, até que a luz o permita, para depois se substituir pela mesa da sala e a TVM.


i04

Quarto de visitas

Este quarto nos dias normais é afecto a outros usos, entre a logistica da roupa e algum arrumo. A sua ocupação extrema somada à uma propensão para a flexão da cama torna-o concavo, um afago ao deitar e uma dor de costas de manhã.


i05

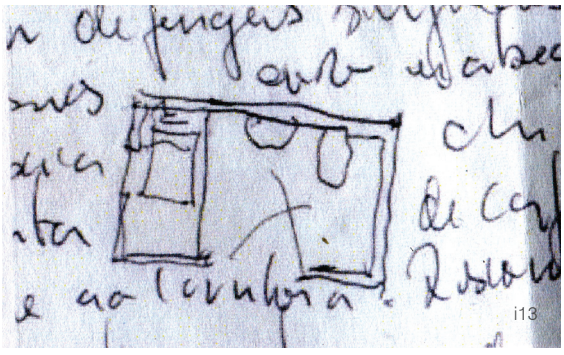
A Sala

Agora numa mesa justa à sala escrevo na companhia de conjunto de louça de jantar ainda no caixote e todos os seus parceiros (a colossal aparelhagem, o trem de cozinha e um sem numero de itens desproporcionais à exiguidade daquele compartimento), uma densidade encostada a estas paredes que a constrói mais que os seus muros. A vigilância de uma faiança canina sobre o frigorifico (pastor-alemão-imóvel), de frente da única janela, filtrada por uma rede mosquiteira. A porta do quarto nas costas da minha cadeira.

O conforto de não poder ocupar outro lugar nesta sala, a pressão de estar a ser relativamente vigiado, (a TVM sempre ia alheanda as atenções das senhoras que partilhavam a mesa.)

Diários de viagem, 18 de Dezembro de 2010.

Mesa grande, não deixa espaço, seis cadeirões; fogão atrás da porta de entrada, nenhum tipo de exaustão, sem marcas de uso, fazia adivinhar a preferência pelo fogareiro erguido entre os blocos do jardim.


i13

O Banheiro

Rectângulo em bloco, cobertura em chapa sobre raras ripas de madeira, betunilha só interrompida para um base, que não é de chuveiro, 20 cm acima do chão em azulejo. Uma janela com vista até ao outro extremo do talhão.

Um ponto de água apenas, a dois palmos da base, uma grande bacia paciente sob ele. O ritual da lata de café marca o ritmo do banho. Neste banheiro de senhoras contam-se cinco elementos na prateleira sobre o lavatório (único espaço para guardar qualquer consumível): duas escovas, uma pasta, uma barra de sabão e um cosmético natural.


i01

A chegada

(...).Esperamos a Sra. Mónica no XaiXai, e a boleia de caixa que nos mostrou a terra deste distrito.

De Xai-Xai a Chokwé, a caixa aberta mostra pastos e plantações de arroz. Planície. Terra rica e em produção franca, facto de alguma singularidade em Moçambique (digo porque?).

O sentimento de urbanidade ficou no XaiXai, sobra, aqui no Chokwé, um cruzamento e uma linha de comboio que sustenta o movimento de duas a três ruas e do mercado que acompanha a linha. Chokwé é cheio de campos inundados, o clima é humido, o céu está carregado e os mosquitos não cessam.

(As terras [os assentamentos] em Moçambique são diferentes quando a estrada não vai para Maputo.)

A casa da Sra. Mónica encontra-se a um par de quilómetros deste cruzamento, um subúrbio para o Chokwé. Um subúrbio sem os muros inseguros de Maputo.

A sua criação faz parte de uma iniciativa de urbanização básica levada a cabo por uma instituição religiosa aquando das cheias de 2000. A urbanização define-se por uma dúzia de unidades iniciais que compreendem edifícios isolados de três compartimentos. Podendo ser identificados com um estado inicial de um tipo ventoinha.

Diários de Viagem. 18 de Dezembro de 2010

A caixa aberta larga-nos ali, frente a uma cerca de caniço e espinhosas, passamos uma porta mais sólida que a vedação que a suporta: um passadiço de 90cm atravessa um espaço de jardim com 4 m entre a paliçada e a construção principal, formando uma varandinha para a entrada.

O jardim, preocupado com o cerimonial de ladear aquele passadiço, esvai-se depois, misturando com a terra vermelha, batida, dos caminhos de casa.


i03

A casa de fora

Apesar da sua transparência o caniço de 190cm de altura que cerca o lote permitem-nos baixar os ombros depois do convite à entrada. A proporção entre o lote e a ocupação do construído deixa que os olhos advinhem as extensões anunciadas pelos blocos de cimento que se acumulam no centro, em jeito de conta poupança.

A generosidade do espaço exterior com os seus vários pólos de uso e ambientes é a pedra de toque desta casa. Ela é mais o caniço que cerca o recinto do que as paredes que encerram o curto interior. A transparência e fragilidade dessa cerca é a prova do seu carácter subjectivo; não é aquele caniço travado por meia cana que garante a segurança face às invasões do exterior, o mais incipiente ‘’pilha-galinhas” não encontraria nele a resistência ao saque. Tal elemento serve o mero conforto de um privado que não é cerrado (que permite entreolhar o passante que espreita e se deixa comprometido, ou estabelecer uma conversa telegráfica em jeito de pregão); o conforto de reconhecer naquela estância o território próprio onde se planta o quadro de vida.

Por todo o lote, não existem limites definidos entre os territórios da machamba, do poço e da cozinha; as coisas tomam a sua existência num ponto e vão-se estendendo até que se desenhe o seu encontro com outro, ou se esperem dias de fronteiras mais definidas. É assim com a verdura da machamba que ocupa toda a ala do fundo do lote, com as suas duas dúzias de pés de milho a levantarem-se sobre o restante cultivo mais rasteiro, é assim com o acumulado blocos de cimento que aguardam a nova dependência e que se tornam fogareiro, é assim com a mesa do mata-bicho que se acha sob a árvore. **O chão, arenoso, raso, está sempre presente, ele une todos esses fragmentos de que se compõe a casa.**


i06


i07

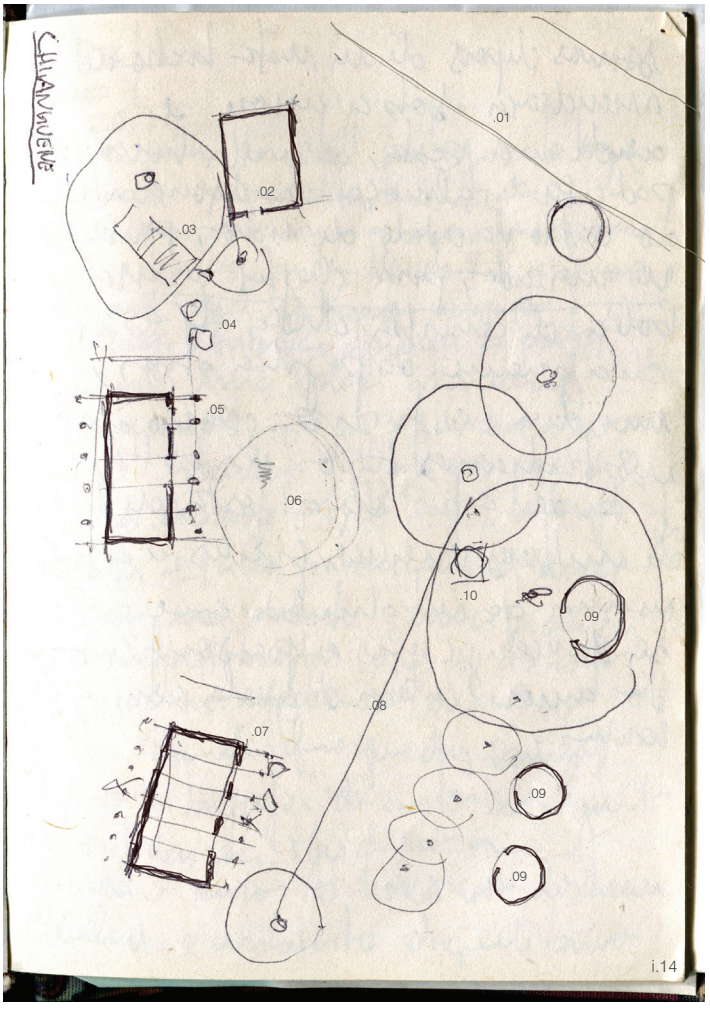
A casa de Chiuanguene

A estadia no Chokwé inclui uma inesperada visita a uns amigos da nossa anfitriã que chegavam das minas da África do Sul, originários do lugar de Chiuanguenne, numa zona rural da província. Quando chegamos à casa, depois de termos cumprido alguns trechos de caminho a pé, surge um enorme recinto definido por três contruções: uma primeira(02) cega e sem qualquer preocupação de solidez, depois uma árvore, a sombra, um Toyota semi-abandonado(03) e duas cadeiras de pvc(04) em que nos sentamos; duas habitações(05 e 07) definem o lado do recinto oposto à estrada. No topo oposto, uma longuíssima corda(08) esticada entre duas grande árvores demarcava um outro alinhamento de árvores de fruto jovens, atrás destas três celeiros suspensos de planta circular(09).

Ao centro uma eira(06) que se assumia pelo excedente de algum cereal malhado, diante da qual, e próximo do lugar da fogueira já só de fumo, aquele que por certo seria o ancião da família, sentado (não se levantou à chegada dos retornados). Não muito distante da eira, mas já de lá da corda, um poço circular(10).

Os recém-chegados depois de alguns minutos de cumprimentos depressa partilham as tarefas dos residentes sem deixarem de dar conta da diáspora, uma mulher mói amendoim, outra reata o fogo, voltamos.

Esta casa não poderia deixar de estar nesta dissertação, o seu imaginário é um território fértil para essências de habitar, uma entrega directa, despreocupada total à Terra. (À Terra de onde emerge esta casa e não à terra do mundo global que será alheio esta casa de Chiuanguene.



i.14

legenda planta

.01 - caminho

.02 - construção - armazém

.03 - sombra com Toyota

.04 - 2 cadeiras de pvc

.05 - habitação 1

.06 - eira

.07 - habitação 2

.08 - corda

.09 - celeiro

.10 - poço







XI
CASA MAQUÍNICA

tecnologia | virtual | global | diluição | condutismo | nomadismo | homogeneidade e revide| [a via da "re-singularização": o arquitecto escrupuloso | construir dando chances]

´´as máquinas tecnológicas de informação e de comunicação operam no núcleo da subjectividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afectos dos seus fantasmas inconscientes"[34]

"A produção maquínica de subjectividade pode trabalhar tanto para o melhor quanto para o pior. Existe uma atitude anti-modernista que consiste em rejeitar maciçamente as inovações tecnológicas, em particular as que estão ligadas à revolução informática. Entretanto, tal evolução maquínica não pode ser julgada nem positiva, nem negativamente; tudo depende de como for sua articulação com os agenciamentos colectivos de enunciação. O melhor é a criação, a invenção de novos Universos de referêmcia; o pior é a mass-midialização embrutecedora, à qual são condenados hoje em dia milhares de indivíduos"[35]



i19 - Tecla de atalho para a página inicial do *browser*, apelidado de ''casa''.

O marco normativo do movimento moderno depositava uma esperança nos desenvolvimentos tecnológicos, estes eram assumidos como os condutores de um aprefeiçoamento lógico da sua "máquina de habitar". Os desenvolvimentos tecnológicos recentes dão origem a produções maquínicas que são enunciadoras de experiências que se distinguem da objectividade estritamente lógica que o arquitecto moderno encontrava nas máquinas ao seu dispor.

A casa compõe-se hoje de um leque variável de máquinas de comunicação e informação que a povoam de universos de virtualidade cuja produção de subjectividade interpela o sujeito habitante alterando os modos de estar em casa, refundando as suas fronteiras:

> "entre aparelhos de tv e microcomputadres, as casas contemporâneas desenrolam espaços de outra natureza e requesitam outras modalidades de estar em casa. (...)
> (...) é verdade que para nós, ocidentais, estar em casa nunca foi tão próximo de estar no mundo como agora. O território jamais foi tão desterritorializante, a terra tão pouco chão. Quem sabe disso são os nómadas."[36]

Abstemo-nos de entrar em profundidade nas mecânicas particulares de cada uma das categorias dessas máquinas de comunicação e informação, a tríade Tv-Telefone-Televisão multiplica-se numa série de híbridos que se compõem em parciais diferentes dos agentes subjectivadores de cada um. Importa ressalvar a dimensão global que eles adquirem, todos eles constituem cada vez mais consistentemente uma conectividade total. Hoje podemos assistir ao noticiário de qualquer parte do mundo em nossa casa, podemos assistir ao noticiário de nossa casa em qualquer parte do mundo; podemos entrar em contacto directo com qualquer pessoa, fazer trocas, tranferências sem que para isso tenhamos que nos levantar da cadeira ou apertar a mão.

Uma diluição em curso das tradicionais fronteiras da casa em que podemos identificar três dimensões:

A fronteira **casa/corpo**: no limite o nómada dispensa a "redoma" da habitação fixa num ponto do mundo; ele navega acompanhando-se de domesticidades não-localizadas (programa de tv, caixa de correio, agenda de contactos etc). A casa está onde está o corpo e o seu acesso à rede; o espaço físico, existindo inevitavelmente, conforma um deserto em que o nómada monta sucessivamente a sua tenda, recuperando a domesticidade a prazo.

A fronteira **casa/trabalho** – "Nunca a casa foi tanto mais espaço de trabalho como atualmente e de um tipo de trabalho tradicionalmente produzido fora"[34] – falamos por certo do trabalho terciário através do computador e da sua ligação à rede, mas também no sentido oposto, da incorporação de formas de domesticidade do local de trabalho, seja através da territorialização do espaço de permanência, seja através da mesma condição de acesso aos novos "territórios imateriais de domesticidade" (a caixa de correio, a página pessoal, etc).

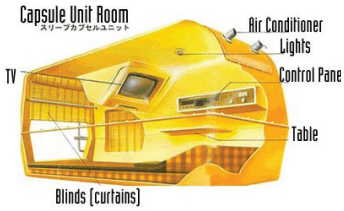
34 - Félix Guattari, *Caosmose*, p. 14.
35 - *Idem,* p. 17.
35 - Ludmila de Lima Brandão, A Casa Subjectiva, p. 101.
36- Idem, p. 94 e 95





i20 e i21 - ''Capsule Towers''; Kisho Kurokwa





i22 e i23 - ''Capsule Hotel''; Kisho Kurokwa





i24 e i25 - ''Suitaloon''; Archighram

o ''habitar-limite'' do nómada maquínico, ilustrado por estes projectos em que máquinas tecnológicas da comunicação consituem os únicos sentidos de evasão do espirito, dispõe de pouco para o acolhimento da (des)ordem da casa, ela salta para fora dessa redoma apertada que obstrui corpo e confunde-se com mundos mais ou menos virtuais.

A fronteira **casa/lazer** – as casas de hoje encontram-se equipadas com dispositivos audiovisuais que disponibilizam uma fonte ininterrupta de entretenimento (as incontáveis opções televisivas, os jogos virtuais, os roteiros virtuais de cultura e lazer)

Estes novos vectores de diluição da casa-território, aproximam-na de uma condição de casa-mundo, o indivíduo com o "domínio da informação que lhe permite estar e não estar, adquirir uma presença incorpórea"[35] que navega nesse material contínuo da "cidade-mundo-natureza".

> "aos tradicionais sonhos de privacidade e conforto se somam os novos sonhos de poder total a partir da casa.[37]

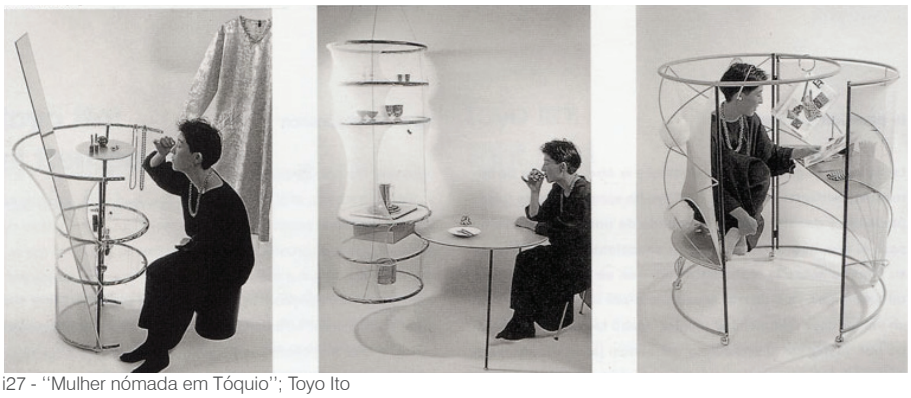
Ao doméstico somam-se estes territórios virtuais (que substituem/ampliam/diminuem os físicos) - espaço televisivo, caixa de *email*, página pessoal, rede-social, assim como os infindáveis espaços virtuais de entretenimento, de cultura, de lazer que complexificam o território da casa "na medida da sua desrealização"[38], que na sua globalidade compõe um universo relacional que no pior substitui o de apreensão directa dos nossos sentidos: o "real". **A incorporação de todos estes agentes virtuais numa proximidade-limite do corpo remetem o sujeito para uma ilusão de controlo total – a sua casa é o mundo, ele próprio se "crê mundo"[39].**

Esta nova (leitura da) realidade, é uma meio fácil de alargar os temores de qualquer Heidegger ou qualquer Bachelard, e parece votar a casa a um múltiplo constituído a partir de fragmentos cada vez mais voláteis, mais provisórios, mais instáveis; parece impossibilitar de vez o valor da permanência que associamos à arquitectura. Onde param os espaços de estabilidade do ser nesta casa-maquiníca, pautada pela diluição dos seus recortes espaciais? Onde pára a "autenticidade do habitar" quando a apreensão sensível do mundo parece ser inevitavelmente mediada por universos virtuais?

O sujeito da casa maquínica não habita mais tais espaços de estabilidade do ser, cuja referência poderá existir (casa de avós, casa de pais) mas que constituem apenas mais um ponto na sua casa-rede de fragmentos. Os seus espaços de territorialidade são essencialmente virtuais.

O retrato deste sujeito-limite, habitante de universos virtuais não trata de um sujeito definido, não pertence a um grupo social ou económico como a burguesia ou o proletáriado. O que tem em comum com os seus semelhantes é a recusa da partilha da morada com a família, um individualismo

36 - Iñaki Abalos, *op. cit.*, p. 160
37 - Blanca Leo, *El Sueño de Habitar,* introdução.
38 - Ludmila de Lima Brandão, *op. cit* p. 103.
39 - Idem, p. 96.



i27 - ''Mulher nómada em Tóquio''; Toyo Ito

mas, igualmente, um afastamento de um antropocentrismo clássico, heróico; um sujeito cuja poliferação efectiva é provavelmente condição ainda distante dos nossos contextos, mas que é facto noutros, nessas grandes capitais do mundo, da tecnologia e do consumo que pontualmente vão atravessando, apressadamente, os "nossos" territórios.

Trata-se de um sujeito provisório, sem a ligação da linhagem, do enraizamento, ou sequer da organização social-cultural do local que (provisóriamente) habita ou de onde surgiu. "Sua posição é heterotópica, o seu olhar é aquele que avista o mundo fora dele. Não habitam propriamente: provisóriamente hospedam-se é em mobilidade, no seu trajecto, que esses sujeitos se podem registar;"[40]

> "A homegeneização e seu produto moderno, a massificação, põe em risco não o homem, mas a invenção, não o sujeito individual mas as singularidades e com elas a capacidade de produzir revides"[41]

O mais temível risco de tal diluição do binómio casa-mundo, de tal explosão da casa, não será o fim da unidade desse ser de sensação. O grande temor que a casa e a pessoa enfrentam perante a produção de subjectividade destas máquinas de comunicação [como o indica Guantari], é a homogeneização.

A nossa destreza para operar tais máquinas produtoras de subjectividade pode não ser suficiente para delas evitar totalmente as tendências de homogeneização. A nossa possibilidade de controlo das produções de tais máquinas está reduzida e grande parte da sua margem de operatividade parte de terceiros, de estados mais ou menos abstractos: "sejam de estados "estados", estados ciêntificos, tecnológicos, religiosos, familiares, edipianos, sígnicos etc." [poderiamos acrescentar mercantis, estéticos] que se servem "da liquidificação de subjectividades (...) para garantir governabilidade, hegemonias, poderes."[42]

Estados aparentemente mais diversos que o estado totalitarista de "1984" de George Orwell, provavelmente incapazes de monopolizarem tais máquinas de comunicação e de informação, não evitando a sua manipulação parcial.

O espaço mediático é um campo de batalha em que se esgrimem pequenas ditaduras que parecem insistir repetidamente em esforços (e sucessos relativos) de eliminação da diferença. A crescente invasão da privacidade internáutica, a vigilância vídeo das ruas, a constante parameterização das audiências da tv, dos *clicks* dos internautas não nos consegue fazer evitar a imagem de um *Big Brother* owerliano, desta vez abstracto e múltiplo, de oritenções imprevisiveis que servem tanto **o voyerismo**, como **o condutismo mercantilista** – pela

40- Iñaki Abalos, *op. cit.,* p. 157.

41 - Ludmila Brandão Lima; *op. cit* pg. 103. nota: "revide ou revido, s. m. acto de revidar; revidar, v. fig. pagar uma ofensacom outra maior"

42 - Id., Ibid.,

(...)
Ninguém contraria os fabricantes de cerveja
ninguém contraria os fabricantes do Opel e da Super Silver
nem os fabricantes de alcatifas para panaceias
nem as panaceias nem os códigos e os édredons macios
nem as mensagens de natal dos estadistas
nem os negociantes de armas da Suíça
nem o homem de capa negra que virou as costas ao Palmolive.
Está tudo perfeito e deito-me no conforto de um Lusospuma
(...)
sou um bom cidadão sou um bom cidadão
obedeço ao marketing à General Motors e ao Pentágono.
Dantes tinha problemas era o odor corporal
e eu não o sabia até me higienizar seis vezes ao dia com o
sabonete das estrelas
e as paradas marciais e os 5-3 do Eusébio à Coreia
e o talco Cadum que ama demoradamente roucamente
tepidamente os corpos quem merecem ser amados...
(...)
Ninguém contraria o marketing por muito tempo.
Ninguém contraria os fabricantes de bem fazer o bom cidadão.[43]
(...)

(...)
Aos grandes supermercados
chega cultura num *bi-camion*
Camões e Eça vendem-se enlatados
lavados com *champon*
(...)
Estamos da Europa
do «estou-me nas tintas»
nada de colectivismos
chacun por si, meu
e *chacun por soi*
tê vê e cama
depois da esgaça
até que lhes dê a traça
a culpa é toda do êrre agá[44]



i28 - paródia do site ''failbook'' » as armas de distração massiva da ''guerra mediática



i29 - Capa e contracapa de ''1984'' de George Owells

invasão da publicidade especializada: seja a que acompanha as rotinas domésticas, seja a que acompanha o historial de interesses com a firme intenção de vender o próprio alter-ego; como para **a destruição mediática** dos próprios ídolos pela exposição de facetas menos heróicas, que não por isso menos humanas.

Toda uma guerra que nos entra em casa, às vezes literalmente, (com as não menos invasivas imagens da morte indeferenciada).

"Felizmente a rede mostrou-se irreversível, incontrolável, território movente de nómadas"[45]; na guerra da subjectivação das massas, fazem frente a estes agentes de homogeneização esforços contrários, de contracorrente, de invenção, de re-singularização.

Perante tal complexidade, perante tal instabilidade, restará ao indivíduo o seu pragmatismo, a busca mais ou menos singular pelo bem-estar; tarefa que não poderá deixar de exigir a difícil busca de um frágil equilíbrio entre essa informação mediatizada das tecnologias e a informação apreendida directamente pelos nossos sentidos. A questão que se coloca ao indivíduo de hoje é que, aceitando a tecnologia (sob risco de uma desterritorialização total duma abstinencia da vida e do tempo presentes), se assuma perante ela. Determinadas margens de controlo lhe pertencem. Tais margens uma vez traduzidas em produções - a obra de arte, a peça escrita, a reportagem, a crítica de café, a abstinência de tv - constituem-se máquinas produtoras de subjectividade que trabalharam no sentido da re-singularização libertadora e que recrutará outros indivíduos nesse esforço

Estas formas de resistência face às tendências homogeneizadoras da produção maquínica podem ser ilustrados pelos revides de que fala Ludmila, "Seja o revide que recusa a tv no quarto de dormir, seja esse de um dia de greve dos cirbernautas do Brasil, seja esse outro que sustenta, durante meses, homens, mulheres e suas crianças em acampamentos inóspitos ao longo das estradas e terras abandonadas deste país."[45]

43 - "*Marketing*", poema de Fernando Namora
44 - "A década de Salomé", poema de José Afonso
44 - Ludmila Brandão Lima; *op. cit* pg. 101
45 - Id., Ibid., pg.110

Assim um arquitecto escrupuloso seria condenado a permanecer de braços cruzados face à complexidade das questões que o assolam?[46]

É apaixonante ver hoje em dia quantos jovens arquitectos se lançam, não na via decadente do "pós-modernismo", mas na que denominaria a via da "re-singularização"[47]

A visita a esta casa fugidia deixa-nos – pessoalmente (não profissional ou disciplinarmente) – esse cometimento com os revides face à homogeneização com que nos ameaça certa produção subjectiva da revolução tecnológica das máquinas de comunicação e informação[48]. Importa perceber o que é que tal condição maquínica da sociedade e do indivíduo nos exige e nos permite enquanto arquitectos.

Na sua formulação, já aqui visitada, sobre o alcance dos espaços construídos, Guattari define-os como enuciadores parciais por detrás da experiência do espaço vivido, que se relacionam com outros focos de enunciação (como "as formações do eu, as partes do corpo real e do corpo imaginário, o espaço doméstico vivido, os traços inerentes à etnia, à vizinhança")[49]. O facto das produções de arquitectura se enquadrarem num *continuum* com outras máquinas de produção de subjectividade (máquinas de opinião, máquinas materiais) "não implica absolutamente que elas aí se deixem submergir"[50].

Ao arquitecto, nesta consciência e perante tal complexidade de relações que a sua produção integrará, exige-se a capacidade de construção de instrumentos para "cartografar essas produções de subjectividade que seriam inerentes ao seu objecto e à sua actividade"[51]. Mais do que um "conhecimento ciêntifico", ele deve servir-se de "afectos estéticos complexos".

O arquitecto consciente do alcance da sua produção, na posse de instrumentos capazes de cartografar a complexidade das relações de subjectividade inerentes à arquitectura está preparado para "assumir uma posição (...) quanto ao género de subjectividade que ajuda a engendrar"[52]. O que será amplamente destinto da capacidade de controlo e previsão de todos os movimentos do corpo e do espírito que a concepção positivista assumia ter.

46 - Ludmila de Lima Brandão, *op. cit* p. 103.
47- Félix Guattari, *Caosmose*, p. 159.
48 - Idem, *p.176.*
49 - Félix Guattari, *Caosmose,* p.165. [O último do parágrafo texto Espaço e Corporeidade merece contar integralmente em nota de rodapé, apesar de não se encaixar no encadeamento da convocatória, ele é particularmente rigoroso na denúncia da condição a que a transformação do paradigma maquínico nos conduz - à humanidade e à arquitectura:] «As revoluções informáticas, robóticas, telemáticas e o *engineering* biológico conduzem à criação de uma dsponibilidade sempre maior para as actividades humanas em detrimento do trabalho assalariado tradicional, à medida que a máquina assume as tarefas mais ingratas e repetitivas. Mais do que uma massa crescente de desempregados e assistidos pelo Estado, trata-se de saber se a nova disponibilidade poderá ser convertida em atividades de produção subjectividade individual e colectiva relativas ao corpo, ao espaço vivido, ao tempo, aos devres existenciais concernentes a paradigmas ético-estéticos. E desse ponto de vista, eu o repito, as escolhas da arquitectura e do urbanismo se colocarão com uma acuidade particular, em cruzamento particularmente sensível."
50 - *Idem, ibidem;* pg.161
51 - *Idem, ibidem. pg. 163*
52- Idem, ibidem. pg.161

Tendo nas suas mãos a possibilidade (o poder) de reforçar a produção de uma subjectividade padronizada "que tira o seu valor da cotação no mercado dos *masss-mídia*'[53], ou a possibilidade de se colocarem "na contracorrente, contribuindo para uma reapropriação da subjectividade pelos grupos-sujeitos, preocupados com a re-singularização."[54]

A batalha entre o "equivaler generalizado" e a re-singularização é bem mais extensa que o domínio dos espaços construídos: implica a redefinição das suas relações com "os territórios existenciais da humanidade (mas também da animaldiade, das espécies vegetais, dos valores incorporais e dos sistemas maquinícos)"[55]

Félix Guattari alerta-nos para a vitalidade da resistência a tal "equivaler generalizado", apresenta-nos a urgência da "tomada de consciência de que é possível e necessário mudar o estado de coisas atual"[56], pois de tal toma de posição perante a produção maquínica de subjectividade não depende apenas a qualidade de vida mas o "provir da vida enquanto tal, em sua relação com a biosfera"[57]. A mudança, a que Guattar nos faz apelo, é indispensável que seja realizada em grande escala e apenas possível em "clima liberdade e de emulação (...) e não através de leis e de circulares tecnocráticas'[58].

A escala e de profundidade de tal "movimento de transformação" enfrenta a resistência da sociedade, da política e de uma economia que "não podem mudar sem uma mutação das mentalidades; mas, por outro lado, as mentalidades só podem verdadeiramente evoluir se a sociedade global seguir um movimento de transformação."[59].

Segundo Guattari no desbloqueamento de tal ciclo, de tal contradição, a arquitectura – enquanto agente de transformação do *habitat* – poderá ter um papel capital: "Apenas a experiência bem-sucedida de um novo *habitat* individual e colectivo traria consequências imensas para estimular uma vontade geral de mudança."[60]

E aqui chegamos aquele que julgo ser o capital contributo desta leitura: "**Uma ordem objectiva 'mutante' pode nascer do caos actual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte de viver.**(...) trata-se de construir não apenas no real mas também no possível (...); **construir dando chances** às mutações virtuais que levarão as gerações a viver, sentir e pensar diferentemente de hoje em dia.(...) O ideal seria modificar a programação dos espaços construídos, em razão das transformações institucionais e funcionais que o futuro lhes reserva"'[61]

Independentemente do qualificante "virtual" ou "tecnológico" de tais mudanças, parece-me providencial esta fomulação de **"construir dando chances". Na consideração do território do outro – não só o outro presente, mas também do outro vindouro**

53- Idem. pg.163
54 - Id., ibid.
55 - Id. ibid.
56 - Idem, pg. 164
57 - Idem, pg. 165
58 - Idem, pg. 174
59 - Idem, pg. 175
60 - Idem, Ibidem
61 - Idem, pg. 175 e 176
62 - Idem, pg. 176

– encontramos a capital superação do "modernismo universalista" e do dogma "das necessidades funcionais determinadas de uma vez por todas"[62]

A afirmação de uma liberdade criadora e da disponibilidade para a singularização e para a mudança parecem insitir numa valorização da esfera da individualidade, no entanto, não se pretende de todo afastar o coletivo ou a visão social da produção do *habitat* de tal processo de transformação, são eles que, em última instância, exigem ser re-singularizados.

O arquitecto é chamado a trabalhar com a "matéria humana que não é universal"[63]; o projecto ("cartografia multidimensional da produção de subjectividade"[64]) constitui-se de capital importância quando "é preciso que a qualidade da produção dessa subjectividade se torne a finalidade primeira das actividades humanas"[65]

E aqui chegamos a um retrato da condição do arquitecto contemporâneo, diria mesmo da vocação do arquitecto contemporâneo – e futuro – que Guantari sintetiza com a precisão que já nos habituou, e em que reencontramos a figura da construção da consistência existencial da obra de arquitectura (não necessariamente edifício) como o núcleo do trabalho da arquitectura:

> "..existe, de facto uma transposição de limiar a partir da qual o objecto arquitectural e o objecto urbanístico adquirem sua própria consistência de enunciador subjectivo. Isto funciona ou não funciona; isso ganha vida ou permanece morto. A complexidade da posição do arquitecto e do urbanista é extrema mas apaixonante, desde que eles levem em conta as suas responsabilidades estéticas, éticas e políticas. Imersos no seio do consenso da Cidade democrática, cabe-lhes pilotar, pelo seu projecto (dessin) e sua intenção (dessin), decisivas bifurcações do destino da cidade subjectiva. **Ou a humanidade através deles reinventará seu devir urbano, ou será condenada a perecer sob o peso de seu próprio imobilismo, que ameaça actualmente torná-la impotente face aos extraordinários desafios com os quais a história a confronta"**[66]

63 - Idem, pg. 176 e 177: que se exige, "(...) em particular, procedimentos de análise insiticional e de exploração das formas de inconsciente."
64 - Idem, pg. 177
65 - Idem, ibidem.
66 - Idem, pg. 178

XII
CASA DA DISPONIBILIDADE

das possibilidades da arquitectura | suporte para a disponibilidade da casa | formas de disponibilidade na casa-em-curso

No limite - da realização de um território - podemos dizer que, como na arte, a casa é um ser de sensação, um composto de perceptos e afectos que emerge dessa *bricolage* material e imaterial, dessa conjugação de elementos heterogeneos de toda a ordem, que a todo momento se resume num só enunciado: - estou em casa![53]

Chegados a este ponto do estudo, feita a travessia pelo reconhecimento das dinâmicas de que se compõe uma casa, chega a altura de considerar o seu contributo para a prática da arquitectura. Algum desse trabalho de avaliar as possibilidades da arquitectura perante a condição da casa terá sido ensaiado ao longo das convocatórias e apontamentos de que se compõe este estudo:

No ''Bloco I- Casa (princípios)" a tomada de consciência de que a casa pertence sobretudo ao território da expressividade, comum à pessoa e à materialidade de que se compõe, levou-nos a um reconhecimento da multiplicidade da experiência do espaço doméstico[68]. A intensidade do fenómeno do espaço vivido está associada ao seu desdobramento em apreensões anteriores que são factor de estabelecimento do conforto no espaço de permanência.[69]

A capacidade do espaço reter o tempo e as dimensões afectivas que esse tempo transporta para a sua experiência presente, levam à exigência de que a arquitectura se constitua hospitaleira da experiência anterior do habitante. **Esta disponibilidade para albergar o outro encontra maior precisão na construção de uma consistência existencial do edifício, ante a qual a pessoa realizará a sua identidade, do que em tentativas de recuperação (sempre aleatória) das supostas formas desses tempos anteriores.**

No ''Bloco II – Casa-Fuga" reconhecemos que a casa se realiza amplamente nos deslocamentos entre os seus lugares de referência e o exterior. A possibilidade da casa se realizar (também) fora de portas evidencia a permanência do acto de fazer território; tal acto excede a condição da relação da pessoa com a casa, para tomar manifestações tão elementares como a forma de vestir ou os gestos que induzem.

A dinâmica móvel da realização de território toma a casa como centro; é ai que volta para que o contributo do *fora* e se torne próprio. Esta casa-território excede-se claramente da dimensão da materialidade do seu espaço construído, estará longe das competências de qualquer arquitecto ''fazer" tais casas[70]. **Perante o reconhecimento da casa enquanto realização de território, acto iminentemente associado à pessoa, reencontramos novamente a exigência de disponibilidade do espaço construído[71]. A arquitectura deverá assumir-se, essencialmente, como produtora de condições para a casa se realizar.**

No Bloco III deparamo-nos com o problema da habitação de massas, a necessidade de construir para o outro (numeroso e desconhecido) levou a que se adoptassem formas automáticas de produção de habitação que limitam amplamente a realização casa. Esta condição da insuficiência das habitações construídas por processos generalizados cruza-se com outros factores que

67 - Ludmila Brandão Lima; *A casa subjectiva*; pg. 65

68 - à semelhança de todo ''o espaço construído que nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afectivo… '', Félix Guattari, *Caosmose;* pg.157

69 - nota: a visita às casas anteriores permite reconhecer proveniência de algumas formas de afinidade entre a pessoa e o espaço. A constância da terra, presente na ''Casa da Maxieira" (apontamento 4), ou, de uma forma mais limitada, na ''casa do TimTim" (apontamento 2), não serão indiferentes ao fascínio pela relação franca que a ''Casa do Niassa" (Apontamento 1) produz com o seu entorno, ou à tentativa quase desesperada de incluir alguma presença vegetal na exígua cozinha da ''Casa do menino".

70 - nota: como nos esclarece Álvaro Siza quando assume nunca ter construído uma ''autêntica casa", tarefa que distingue de ''projectar e construir casas, coisa menor" – ver convocatória VIII: ''Casa do esquecimento"

71 - nota: a título de ilusração de tal condição de disponibilidade para o território poderá ser ilustrada pela visita à ''Casa da Ilha"(apontamento 5); em que a vagueza do edifício permite um nomadismo dentro no seu próprio interior, dando condições para que as actividades tomem lugar consoante a afinidade com dado recorte. Já na ''Casa do Poço do Soudo"(apontamento 6), é demais evidente o conjunto de dispositivos e ambientes que permitem o jogo sensível entre os dois territórios: do trabalho, e por inerência também de terceiros, mais ou menos estranhos à casa, e o do retiro, afecto ao grupo familiar e à intimidade.



i30 - Mulhouse, trabalho dos arquitectos Lacaton e Vassal; onde encontramos na extensão da casa através do envolvimento do máximo volume de ar por uma ''capa mínima'', o meio para, simultaneamente, reservar mais espaço para a instalação doméstica e permitir o controlo das transferências de ar e luz solar com o fora.

potenciam os riscos de homogeneização, como seja a invasão de universos virtuais produzida pelas máquinas de comunicação e informação que incorporam as nossas casas.

A necessidade de superar a insuficiência de uma produção de edificado indiferenciado e alienante torna-se uma questão vital para a prática da arquitectura. O reconhecimento da imprevisibilidade do habitar, da mutação constante das necessidades, dos desejos e prioridades da pessoa em relação à casa encontrará eco num modo de construir imediato[72], ligeiro e económico que acompanhe as flutuações da vida. Trata-se de um processo que não será auto-suficiente, que precisa de âncoras; ele só se completa sobre essa outra forma de construir – a da permanência - que preserva o seu valor de veículo privilegiado do tempo. A dinâmica entre uma arquitectura da proximidade, da variação, e uma outra da permanência, permitem tomar em consideração dois sentidos de potencial expansão da intervenção do arquitecto sobre os espaços construídos:

Um primeiro sentido de expansão trata da reconsideração dos processos de construção da 'arquitectura da permanência' que serão suporte à realização da casa. O reconhecimento da condição singular do habitante e da necessidade de reformar a sua casa em resposta directa às variações das suas prioridades, implica que o espaço construído se constitua disponível para receber tal heterogeneidade e variação. Procuraremos elencar alguns factores que potenciam a disponibilidade dos espaços construídos que se propõem a receber casa:

O aumento do **espaço disponível**[73] o ''excesso'' tomado como necessário para a realização do habitar. A extensão dos recortes espaciais da casa além dos mínimos funcionais permite que as actividades domésticas tomem lugar ao sabor da afinidade entre a pessoa e os ambientes que se vão compondo durante a instalação, em lugar de uma estrita predefinição do uso dos compartimentos.

A delegação ao habitante d**o controlo sobre a permeabilidade da casa ao meio**, através da regulação do clima e da exposição/recolhimento do espaço doméstico. Na construção corrente, os requisitos legais de eficácia térmica (baseada nos dias de temperatura-limite), tendem a tomar a estanquicidade dos interiores como uma premissa, votando as habitações a um excesso de cerramento das suas fronteiras com o exterior. A tomada de outras relações com o clima exigirá outros meios de controlo térmico que não esse encerramento. A generosidade dos ambientes que encontramos nos interiores das obras de Lacaton e Vassal poderão deixar-nos algumas pistas sobre as formas de tal relação, em que os parâmetros técnicos de temperatura e humidade são substituídos por um desfrute das estações[74].

A expansão da disponibilidade do suporte para a casa reconhece o seu campo de intervenção além da construção de novo edificado. Encontraremos especial carência de tais ampliações das possibilidades da casa nas habitações mínimas, produto de um determinismo funcionalista e que povoam as nossas cidades com parcos graus de satisfação. Trata-se de uma **sobreposição de "novas intensões"** sobre uma pré-existência,

72 - Nota: modo de construir que não será novidade, nos contexto de habitação informal, poder-se-á identificar um recurso generalizado, facto que não será alheio ao reconhecimento de níveis gratificação estética e proximidade às necessidades dos seus habitantes superiores aos de habitações materialmente mais dotadas mas com uma total indiferença às particularidades dos seus habitantes

73 - "Sempre procuramos construir o máximo de metros cúbicos possível, e ir incorporando todas as actividades imagináveis. Aumentar não quer dizer esbanjar, mas voltar à ideia de que faz falta procurar, inventar o lugar, somar capacidade" Anne Lacaton, Jean Phlippe Vassal, *2G nº60 – Obra reciente* pg.162-175; retirado do caderno da conferência de Jean Phillipe Vassal, no ciclo "Práticas da arquitectura", na FAUP. tradução prórpria.

74 - Nota: A ideia de comunhão da condição da casa com a condição do exterior na sua relação com os elementos, é uma dessas necessidades primitivas do acto de habitar que sondámos ao longo do I-bloco, em especial na Convocatória I - "Coberto e Enclave"

processo que deverá dotar-se dos ''escrúpulos e delicadeza"[75], de forma a garantir a consistência existencial da composição resultante. A toma de tais ''escrúpulos" nestes processos de sobreposição, no limite, poderá resultar numa intervenção que não implique necessariamente a necessidade de construir.

Um segundo sentido de expansão da intervenção da arquitectura e do arquitecto é da ordem do acompanhamento do processo de maturação da casa. A relação entre o arquitecto e o espaço doméstico não terá que permanecer cativa do estado anterior à casa a que o projecto está normalmente condicionado. O princípio mercantilista da não-necessidade de comunicação entre quem produz e quem habita pode ser minimizado (enquanto não é superado de facto), pela introdução do trabalho do arquitecto em estados posteriores à construção.

O arquitecto pode encontrar um papel a desempenhar nesse modo de construir que acompanha as flutuações da vida, operando com as ferramentas da *bricolage*[76] (com o que está mais à mão), pode intervir junto do habitante em momentos chave da sua casa: a consolidação de um dado estado de maturação, a incorporação de um novo uso, a mudança de morada, um novo membro do grupo familiar ou a manutenção mais profunda, entre outros re-arranjos que exigem uma especial compatibilização de elementos da mais diversa ordem. Estes momentos de refundação da casa-em-curso não encontram resposta justa nas lógicas distantes do mercado do imobiliário ou do design; eles são do foro da **instalação doméstica:** balançam apelos de ordem material e imaterial que merecem um consideração sensível. O manuseio de tais elementos podem encontrar nos instrumentos com que opera o arquitecto formas mais precisas e consistentes de compor a nova instalação.

O arranjo e re-arranjo da instalação doméstica pode 'inaugurar' um novo e amplo campo de intervenção do arquitecto. Este modo 'imediato' de construir adopta os processos da *bricolage*: principia-se com o olhar da oportunidade para o material disponível (desde logo tudo quanto se ache válido para transitar do estado anterior da casa e o próprio construído que a albergará); seguem-se as especulações sobre as possibilidades de ''montagem" dos seus elementos, onde as ferramentas convencionais do arquitecto podem resultar com especial eficácia no desenho e teste dos arranjos possíveis.

O processo do *bricolage* é aberto, o melhoramento e a manutenção da instalação doméstica não terminará, mas o contributo do arquitecto sim: ele deve restringir-se aos momentos em que os seus instrumentos se revelem potenciadores da instalação. Há um princípio de cordialidade, o arquitecto deve preservar o território do habitante que continuará a moldar o seu espaço de realização em busca de arranjos mais consistentes.

A aproximação do arquitecto ao espaço vivido envolve uma certa ''desclassificação" da disciplina, que deixa de ser produção estrita do intelecto[77], para se tornar essa prática táctil de revirar o já feito e daí encontrar a oportunidade para a ''renovação ou enriquecimento de existências"[78]

75 - "Uma sobreposição com intenções novas, mas sem se impor ao sistema original; com escrúpulos e delicadeza, para que nasça um terceiro lugar dos dois primeiros. Assim, já não se trata de um antes e um depois, mas de uma situação repentina" Anne Lacaton, Jean Phlippe Vassal, *2G nº60 – Obra reciente* pg.162-175; retirado do caderno da conferência de Jean Phillipe Vassal, no ciclo "Práticas da arquitectura", na FAUP. tradução prórpria.

76 - Nota: *Bricologe,* aquire aqui um sentido que se destingue do processo de montagem material não especializada, o seu processo de conjugação de elementos heterogéneos a que está associada, estende-se às esferas da subjectividade

77 - Nota: como essa herdeira de uma atribuição divina que visitámos na Convocatória II ''casa de Adão"

O trabalho sobre a ‘’instalação doméstica” pode restituir uma gratificação mútua ao arquitecto e ao habitante: ao arquitecto porque, face à completa crise da profissão, se vê liberto da escassez da demanda de novo edificado e do seu processo tecnocrático; ao habitante porque teria nas competências do arquitecto um meio de encontrar resposta aos anseios singularização do seus espaços de realização.

Este campo de expansão da intervenção do arquitecto poderá soar demasiado circunstancial, demasiado localizado para se constituir como tal. No entanto tal realizar local de carácter modesto, que privilegia o manuseio do existente face à (im)possibilidade de construir novo, alinha-se com propósitos mais globais.

A urgência do uso sustentado de toda a matéria como garante do provir da vida é demanda global por demais atestada. Tal cometimento não é alheio à produção de espaços construídos: as nossas cidades excedem-se em habitações vagas que tornam qualquer necessidade de construir novo meramente marginal. Formas de processos que tomem esse existente como matéria alinham-se com a consideração desta dimensão da ecologia ambiental.

A aproximação do arquitecto ao trabalho sobre o existente (material e imaterial) e ao contacto com o habitante, terão outros valores ecológicos que ultrapassam a esfera ambiental[79]. A possibilidade de aproximar o espaço da casa à satisfação do bem-estar subjectivo, por estas formas de intervenção extremamente localizadas e materialmente contidas (o que lhe garantirá uma certa democratização decorrente da acessibilidade ‘económica’), poderá constituir-se como indutora do bem-estar colectivo.

78 - expressão de Merleau-Ponty citada por Iñaki Abalos, Boa vida pg. 105: “[o universo de instrumentos da bricolage] é resultado contingente de todas as ocasiões para renovar e enriquecer existências.”

79 - Nota: referência à formulação que Félix Guattari faz das várias ecologias: ‘’Na falta da consideração suficiente das dimensões de ecologia ambiental, de ecologia social e de ecologia mental – que reagrupei sob a rubrica geral de ecosofia – é a humaniade e mesmo o conjunto da biosfera que se encontrariam ameaçados”, *Caosmose*; pg.164.

ESTUFA DOMÉSTICA

reciclagem | *bricolage* | oficina | invenção



ESTUFA DOMÉSTICA

o processo da *bricolage* | oficina | invenção



i01; i02: a ''oficina''

i03; i04: a coberto da colecção



i06; i07; i08: novembro 2011, montagem da estrutura



i11; i12: preparação do local de implantação



i13; i14: transporte da estrutura para o local de implantaçlão

i15; i16: implantação da estrutura



i16; i17; i18: aplicação da película plástica



i22, i23, i24, i25; estufa nos meses de inverno



i26 e i27, maio 2013



i28, I29, I30, I31, I32, I33: agosto de 2013

Esta estufa é uma experiência de uma par destes arquitectos empenhados em encontrar o lugar na prática da disciplina, para os meios de re-arranjar os espaços da bricolage; para isso adoptou a colecção (e o terreno) de um familiar para responder a uma encomenda. Apresentamos o processo de onde procuramos tirar algumas notas para a instituição desse ''arquitecto bricoleur''



Do processo de *bricolage*

> ''O *bricoleur* dedica-se a realizar um grande número de tarefas, mas, distintamente do engenheiro, não subordina cada uma elas à disponibilidade de matérias-primas e ferramentas concebidas e obtidas segundo a finalidade do projecto. Seu universo de instrumentos é limitado e as regras do jogo são sempre as de actuar com 'qualquer coisa que esteja à mão', isto é, com uma sucessão de ferramentas e materiais que é sempre finita e que é também heterogénea,(…)"[1]

> ''Sempre gostei de trabalhar com as sobras, de converter as sobras em coisas(…) Sempre achei que as sobras tinham muito humor."[2]

O processo de *bricolage* envolve uma inversão de papéis de subordinação entre o material e o desenho, não existe um leque quase indeterminado de recursos que servirão as opções do projecto; são os próprios materiais acumulados ao longo de anos, segundo o seu emprego portencial, que em última instância condicionam as opções da obra. O que não demite o arquitecto *bricoleur* da sua possibilidade de criação, que pode ser potenciada pela sugestão da matéria heterogénea disponível.

O processo começa assim muito antes de se ter notícia do propósito da obra, das necessidades ou das intenções que a convocarão. A recolha de tudo o que possa vir a servir, resultado das construções e destruições anteriores, marca a rotina do *bricoleur*. O sucesso da obra depende da multiplicidade e heterogeneidade desses materiais disponíveis, e da capacidade de ler as suas potenciais formas de agregação. Não obstante, tal colecção é em si parte da casa, é lugar de grande intensidade pois reserva simultaneamente a memória de estados anteriores da casa (de onde tais peças provieram), como potencialidades de estados futuros (na especulação da oportunidade de novas aplicações de tais materiais).

Esta densidade emotiva do armazém, é facilmente experimentada no percorrer de um ferro-velho, em que se torna inevitável projectar as vidas que se compuseram com tais peças. O elo entre o objecto portador de uma história e a pessoa é de tal forma cultivado que, por vezes, a manutenção da posse de parte do acervo deve-se apenas à sua condição afectiva, esgotada que se encontra qualquer potencial utilidade.

A esta colecção de ''matérias-primas" acumuladas corresponde um conjunto de ferramentas, igualmente angariadas ao longo do tempo, que não deverão ser demasiado especializadas, para que o *bricoleur* a possa operar sem o recurso a técnicos.

O meio ideal do *bricoleur* não é a natureza perdida do paraíso ou da Floresta Negra[3], porque aí não haveria matéria e ferramenta disponível para as suas realizações. O meio híbrido, proliferado de contaminações, de processos de transformação contínuos, é onde a *bricolage* encontra o seu potencial de realização.[4]

1 - Claude Levi-Strauss; *'ensamento selvagem,*citado por Iñaki Abalos*; Boa vida. Visita guiada às casas da modernidade,* pg 105.
2 - Andy Warhol ; *The philosophy od Andy Warhol(...)* citado por Iñaki Abalos*, op. cit.* pg 127.
3 - nota: referência às convocatórias anteriores, em que Adão encontrava no éden o seu meio de realização (convocatória II – casa de Adão e (Convocatória II – "Casa original"), ou em que Heidegger na Floresta Negra procura a autenticidade de um relação metafísica com a natureza (ConvocatóriaVII - "Casa de Volta")
4 - nota: a casa que alberga esta estufa encontra na sua proximidade com um parque industrial desactivado donde proveio substancial parte da colecção, e da qual conta já com um sem número de aplicações

Do processo de *bricolage* (continuação)

O processo contínuo de recolha e reciclagem, antes de se comprometer com demandas globais de sustentabilidade (e deve ser consciente delas), serve os apelos desse meio que envolve o *bricoleur*, responde ao local: seja às necessidades dos sujeitos-habitantes, seja às possibilidades e angariação de matéria-prima.

A obra de *bricolage* não pode exigir a premeditação e a definição prévia do projecto convencional, a concepção do arranjo continua durante a execução da obra, cede ás potencialidades e ás limitações que aí podem surgir (e por certo surgirão). No entanto, o arquitecto *bricoleur* não está demitido dos níveis mínimos de exigência, o seu processo intuitivo, o seu espaço à improvisação, terá que ser sempre submetido à intenção primeira de ''renovar e enriqucer existências''[5]; a obra de *bricoleur* não está isenta da busca (como qualquer obra) pela consistência, deve ser insistente na construção da compatibilidade dos elementos que a compõem, em especial dada a heterogeneidade que os caracterizam.

Numa obra de *bricolage* o detrimento de tal busca pela consistência, desse compromisso com a qualidade da montagem produzida, vota-a à condição de obra de 'chanato'[7], o que poderá fazer dela um factor de degradação ambiente que se propunha enriquecer.

O *bricoleur* deve assim fazer uso de uma precisão na colagem dos elementos de que se compõe a obra; uma pragmática da possibilidade, na estrita resposta ao necessário com o que está disponível. A formação desta precisão, desta eficácia da obra de *bricolage* poder-se-á servir dos instrumentos convencionais da arquitectura de ensaio e simulação de possibilidades: o desenho, a simulação virtual, o ensaio táctil e a intuição construtiva diante a matéria, poderão trazer à produção do *bricoleur* esse rigor do arranjo.

A heterogeneidade do processo da *bricolage*, dos materiais e das ferramentas, guarda uma empatia com a heterogeneidade e multiplicidade que reconhecemos na experiência da casa. Esta forma de intervenção imediata sobre espaço da casa constitui uma resposta directa às flutuações das exigências do habitar. A *bricolage* é parte integrante da experiência de habitar, é um processo aberto, contínuo, que se reformula a cada nova aquisição e seu reemprego.

A esfera iminentemente expressiva da obra de *bricolage* parece dominar sobre a da eficácia técnica: seja pelos elementos de que se que compõem, que evocam, se não afecto, afinidades com experiências anteriores, que farão deles povoadores privilegiados desse território material/imaterial entre a pessoa e o espaço físico da casa; seja pela posse subjectiva criação, a construção a partir de meios próprios repercute-se no reconhecimento da pessoa perante a obra.

5 - nota: expressão de Merleau-Ponty citada por Iñaki Abalos; *Boa vida*; pg. 105: "[o universo de instrumentos da bricolage] é resultado contingente de todas as ocasiões para *renovar e enriquecer existências.*"

7 - "chanato: s.m. sapateiro reles, sapato velo, cigarro ordinário'; *Dicionário da língua portuguesa*; Porto editora; 5ª edição





i01; i02: a ‘‘oficina’’ que partilha o ‘‘barracão’’ com a Peugeot 404 e o curral das ovelhas.

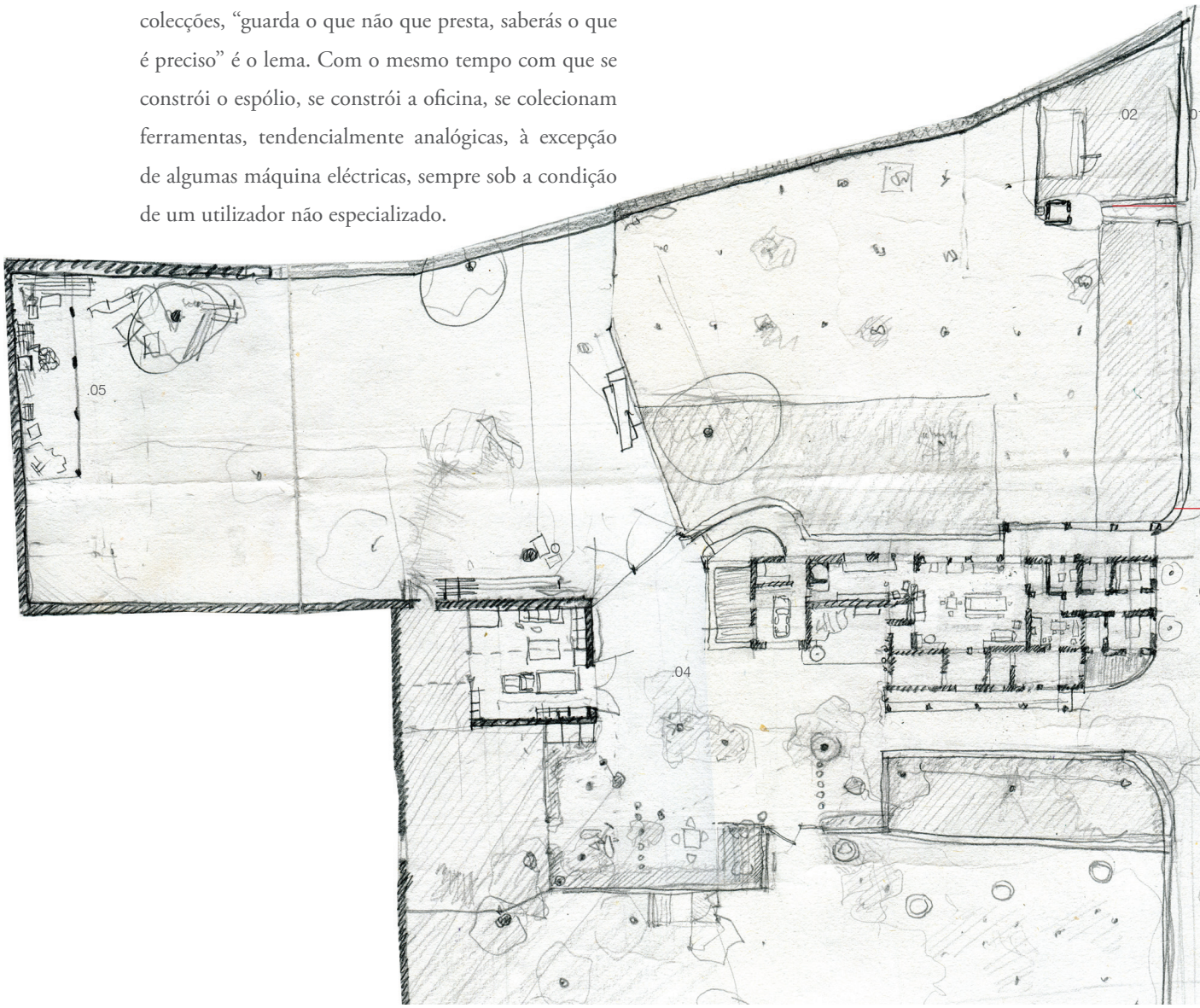




i.03; i.04: Coberto onde se conserva (parte da) a colecção; este abrigo é igualmente construído pelos processos da *bricolage* (a cobertura transita de uma demolição de um parque industrial vizinho, os apoios verticais são de um sonda de água.

Da Colecção

A recolha e armazenagem é parte integrante de um modo de vida, quando se trata da gestão das colecções, “guarda o que não que presta, saberás o que é preciso” é o lema. Com o mesmo tempo com que se constrói o espólio, se constrói a oficina, se colecionam ferramentas, tendencialmente analógicas, à excepção de algumas máquina eléctricas, sempre sob a condição de um utilizador não especializado.



LEGENDA PLANTA
.01 recinto da horta
.02 estufa
.03 casa dos avós
.04 barracão
.05 coberto da colecção

i34 - planta da casa do avós, uma das casas que inicialmente integraria esta dissertação, mas a multiplicidade das suas dimensões exige outra exclusividade



i05 - cavaletes das jaulas de antigo aviário que serviram a estrutura vertical da estufa



i06; i07; i08: novembro 2011, fase final da montagem da estrutura de fronte da oficina.

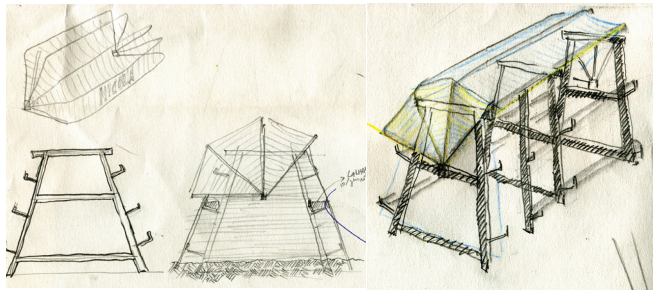
Da Montagem I

O olhar do *bricoleur* deve percorrer os armazéns antes de qualquer cometimento; mas tais colecções que albergam estão também alojadas no espírito que trata de compor a próxima obra com os instrumentos do inconsciente. Tal plano não é composto por um traçado rigoroso, mas antes por uma solução de montagem, uma compatibilidade entre algumas **peças-chave** que serão a ignição da obra.

Os constantes ajustes/incorporações durante a obra, o ensaio em tempo real das possibilidades são dados assumidos à partida.

O leque de oportunidade é tal que atinge a inprobabilidade limite; o uso futuro de uma peça é tão indeterminado quanto as necessidades que a irão votar à nova função.

O processo de construção desta estufa é prova da indeterminação do processo da *bricolage:* tanto no que respeita à sua convocação, não sabemos se foi o recente apego ao cultivo, se foi a peculiaridade do material disponível que iniciou o processo; quanto à natureza dos materiais que a compõem: cavaletes das jaulas de um aviário desactivado tornam-se os elementos verticais; um esqueleto de um toldo de uma esplanada é a cobertura.) Ainda poderíamos encontrar mais algumas recuperações improváveis, uma antiga calha da ração é incubadora de sementes. as ripas de suporte do plástico são um antigo tecto falso de uma casa em Caxias.)



i09, i10: esquemas das peças-chave recuperadas e da montagem





i11; i12: preparação do local de implantação





i13; i14: transporte da estrutura para o local de implantaçlão





i16; i17; i18: aplicação da película plástica

Da Montagem II

O processo de *bricolage* inclui em si a satisfação da necessdiade de expansão de território, faz parte do habitar uma casa; assim ele não deve ser demitido de um desfrute, de um recorrente recurso à pausa para contemplar os resultados e especular os progressos futuros, pausas que quando possível devem incluir uma cerveja e uma sombra.

O assentamento de uma peça sobre a terra está irremediavelmente associado à nossa condição de ser habitante, tal momento comporta qualquer coisa de primitvo: o convite à terra para receber a obra do homem; mas também o convite ao céu para que lhe permita a sombra. esta estufa representa um grau-zero dessa nossa condição humana de contrutores. Esta é a nossa primeira intervenção que aparece numa imagem de satélite. O saque ao direito ao céu e as raizes decepadas da terra a que a habitação por andares nos vota, fazem-nos esquecer a condição de medeio entre este elementos que tem a arquitectura.




i19 e i20: conclusão da obra




i15; i16: implantação da estrutura



i21: obra concluída



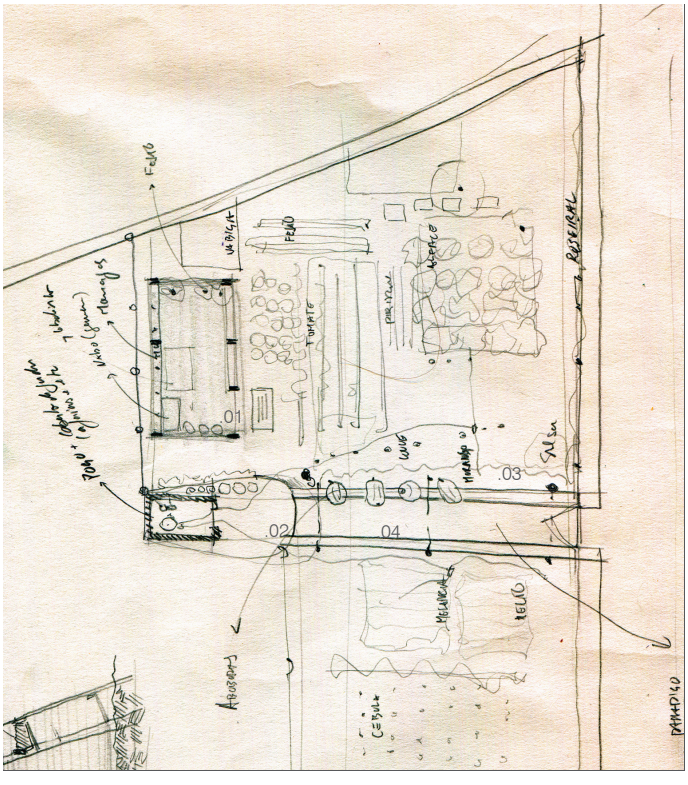
i22, i23, i24, i25; estufa nos meses de inverno

Da vida e da manutenção

A fase embrionária da odisseia agrícola dos sujeitos habitantes afectos a esta estufa, votaram-na a uma fase de ''quarentena" após a conclusão da obra. A resistência à sua ampla ocupação foi prolongada pelo inverno rigoroso que se seguiu. Uma aparente predisposição para estivar as culturas junto às faces laterais, através de sucessivas prateleiras a que a própria estrutura se votava, era contrariada pelo contacto directo com a película plástica que, encontrando-se à temperatura exterior, as ''queimava".

No entanto, a benesse dos meses amenos e o apuramento do modo de usar, depressa expandiram os seus resultados. O sucesso da germinação de sementes amplia o ritmo de produção de toda a horta; valência que se soma ao cultivo de alguma planta mais frágil. A maturidade destes agricultores domésticos levou à incorporação de um sistema de regulação da troca de ar (por meios estritamente analógicos: abertura/fecho das abas da cobertura), assim como a um entendimento das ''zonas de conforto" dentro da própria estufa.

Dadas as provas da eficácia técnica, a esfera expressiva que reconhecemos integrar o processo de *bricolage*, encontra também aqui a sua manifestação. Aparte da gratificação que constituiu o seu processo de montagem, o imaginário da visita à horta é dominado pela sua presença vigilante. Também aqui, nesta arquitectura do imediato, se reconhece um valor da permanência, ainda que ele seja relativo à variabilidade--limite da envolvente vegetal.



i34 - planta da horta, entre os muros da casa dos avós
.01 estufa
.02 poço e coberto
.03 horta
.04 passadiço





i28, I29, I30, I31, I32, I33: agosto de 2013





i26 e i27, maio do ano seguinte, após primeira operação de manutenção e reocupação da estufa









Da estufa doméstica aos territórios da *bricolage*

Esta ''obra", apesar de se ter dado no meio do processo de escritura desta dissertação, não deixa de reunir em si algumas das resoluções desta investigação; torna-se assim simultaneamente objecto de estudo e aplicação prática, um ensaio do posicionamento que esta dissertação ajuda a construir.

A estufa-doméstica emprega os processos de *bricolage* além do seu campo ''convencional" da pequena renovação e de manutenção operada pelo próprio habitante. Tal condição pode constitui-la como contributo válido para avaliar os modos de operar do arquitecto *bricoleur*.

A casa-quinta que alberga a estufa – como em todas as casas-quinta – face às exigências do seu trabalho de produção, é propensa a coleccionar ferramentas e materiais dos quais depende o sucesso de muitas operações de manutenção e reparação necessárias.

O ritmo desta casa é marcado pelos compromissos com o dia, mas, dependendo da sazonalidade, sobra tempo que tende a ser empregue em exclusividade na casa, nessa aspiração constante de ''renovar ou enriquecer existências". A apropriação dos seus recintos interiores e exteriores é a essência do habitar da casa-quinta, para isso o espaço não deve ser escasso, as condições de expansão devem ser garantidas. Tal propensão para o trabalho da casa, tal colecção de peças múltiplas de casas anteriores, não encontra a mesma oportunidade nas ''casas de milhões" que nem por isso dispensam intervenções com a mesma demanda por ''renovar ou enriquecer existências" a que a *bricolage* tende a responder eficazmente.

A escassez de oportunidade para a *bricolage* a que as ''curtas" ''casas de milhões" se vêm votadas[8] abrange igualmente a esfera expressiva, limita a realização e a inventividade do habitar.

Outro tipo de abordagem se exige nestes contextos, a procura da possiblidade da *bricolage* na casa da cidade pode alinhar-se com uma nova categoria de prestação de serviços. A constituição de uma entidade – chamemos-lhe oficina – dedicada à ''renovação e enriquecimento" da instalação doméstica poderia colmatar o elo em falta para a possibilidade da *bricolage* em espaços domésticos limitados. Tal oficina deveria contar com a capacidade de recolher e armazenar o material decorrente das suas intervenções; a visita dos eventuais ''clientes" a este acervo seria imprescindível, acompanhados do arquitecto, avaliavam simultaneamente a afinidade com o materiais disponíveis e as possibilidade de ele se constituir integrante intervenção necessária. Não faltaria em tal oficina o conjunto de ferramentas que encontrámos nesta casa-quinta, cuja a operação poderia ser delega ao habitante, ao arquitecto, ou a parceiros.

O deleite da especulação dos recortes de tal oficina não nos deve dispersar, mas poderemos encontrar outras formas de alargar o seu espectro de acção alinhadas com essa necessidade de aumentar as valências da casa da cidade. A oficina, constituindo-se lugar comum a várias casas poderia encontrar formas de permuta (temporárias ou permanentes) de dispositivos espaciais que compatibilizassem as diferente necessidades dos seus sujeitos habitantes. A incorporação destes espaços dispersos poderiam potenciar a autonomia da pessoa para rearranjar o seu espaço doméstico, dando-lhe a possibilidade de estender os da sua casa por territórios antes alheios.

À semelhança do processo da *bricolage*, não devermos avançar demais na determinação dos modos em que tal oficina se haveria de constituir, talvez seja a altura de avançar para a obra, com o cometimento, matéria e ferramentas disponíveis.

8- nota: a limitação das "casas de milhões" revelam-se essencialmente pela escassez de espaço, quer para albergar o material decorrente de demolições e construções anteriores, quer para a apropriação dos seus compartimentos, quer para a constituição de uma oficina



















EPÍLOGO[1]

Interrompida esta visita, cabe-nos aqui fazer um balaço provisório.

Este comentário, mais do que sínteses remissivas – tarefa que se revelaria não só árdua como incompatível com a dinâmica aberta do trabalho – procura dar notícia do estado da investigação.

O apego inicial, o entusiasmo que o cometimento despertou, depressa se revelou exigente de uma mais ampla e demorada investigação; as circunstâncias da sua elaboração não permitiram fazer dele mais do que um enunciado para tão ambicioso projecto. O carácter exploratório desta proposição, que toma as ''coisas da vida"[2] como ponto de partida para a construção teórica e para expansão dos territórios de intervenção arquitectural, encontra aqui um estado ''rude" que aos olhos de uma cientificidade disciplinar poderá soar demasiado frágil.

Este enunciado possível, mais do que produzir resultados definitivos quanto à instrução das práticas de arquitectura, dá notícia de uma conflito: as metodologias convencionais de pensar e produzir arquitectura pouco revelam de comum com a experiência pessoal da casa.

A aproximação à dinâmica subjectiva da experiência do espaço vivido, leva-nos ao entendimento da casa enquanto centro de uma mais ampla realização de território que acompanha a pessoa em toda a sua existência.

A arquitectura enquanto produtora de espaços para habitar está assim votada à sua condição de produzir condições para a realização de território do habitante. Em contextos generosos (como são os da maior parte das casas por onde nos detivemos), o acto de fazer território encontra suporte no seu espaço de acolhimento. No entanto, nas grandes cidades tal realização expressiva vê-se amplamente contaminada por agentes da mais diversa ordem. É na ''habitação humana"[3] da ''grande cidade"[3] que encontramos a maior urgência em reinventar os meios e os processos de intervenção da arquitectura. É neste sentido que empreendemos a nossa modesta busca por renovadas formas de disponibilidade dos espaços construídos para a realização da casa; tais buscas permitem-nos intuir dois potenciais territórios de expansão da acção do arquitecto: por um lado, a criação de formas de arquitectura imediata, que reapropriando os processos de *bricolage*, procuram cercar-se das flutuações do habitar; por outro, a reinvenção de uma generosidade dos recortes espaciais das exíguas habitações, produto de uma forma ultrapassada de pensar os espaços para habitar.

Na proposição deste texto, afirmavamos a necessidade de estabelecer um compromisso entre a condição singular do habitante e a produção de espaços para o seu acolhimento. Ponderando o impacto deste esboço de instrumento de pensar a casa, não podemos negar algum enriquecimento do nosso entendimento das potencialidades de intervenção do arquitecto. Desde logo pelo pacto selado entre as eventuais produções de arquitectura e esse '' anseio de viver bem, de habitar completamente, [esse] desejo de uma casa completa e a legitimidade de tal aspiração''[4]

1 - Alguns apuramentos com carácter de síntese terão sido feito ao longo do trabalho; a convocatória XII – ''Casa da disponibilidade" balança o contributo dos conteúdos de toda a dissertação. Aqui, neste epílogo, deixamos apenas uma breve nota de do estado da investigação

2- Nota: Expressão utiliza por Henri Bergson; *Evolução criadora,* pg 346: ''De facto, sentimos que nenhuma das categorias do nosso pensamento se aplica às coisas da vida"

3 e 4 – Nota: Expressões utilizadas por Ignasi Sola Morales em *Presentes e futuros, la arquitectura de las ciudades*, citado anteriormente.

5 – Nota: Citação do autor, na introdução desta dissertação (pg.16);

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS 06

RESUMO/*ABSTRACT* 08

INTRODUÇÃO 10

bloco I: CASA (princípios) 17

I. COBERTO E ENCLAVE 20

[1-12] Apontamento 1.
o remoto e o presente: CASA NO NIASSA

II. CASA DE ADÃO 28

III. CASA ORIGINAL 32

IV. CASA NATAL 36

[1-12] Apontamento 2.
cartografias da familiaridade: CASA DO TIM TIM

[1-15] Apontamento 3.
regaço e inconsciente alojado: CASA DO MENINO

V. CASA DA AFINIDADE 48

[1-12] Apontamento 4.
pertença e lugar: CASA DA MAXIEIRA

bloco II: CASA-FUGA 58

VI. UMA SÓ OU VÁRIAS CASAS? 61

[1-12] Apontamento 5.
consistência e disponibilidade: CASA DA ILHA

VII. CASA DE VOLTA 68

VIII. CASA DO ESQUECIMENTO 74

[1-12] Apontamento 6.
retiro e produção: CASA DO POÇO DO SOUDO

bloco III: CASA-MILHÕES 83

IX. CASA MERCADORIA 86

X. CASA DA ESCASSEZ 90

[1-11] Apontamento 7.
um pedaço de Terra: CASA DO CHOKWÉ

XI. CASA MAQUÍNICA 105

XII CASA DA DISPONIBILIDADE 112

[1-12] Apontamento 8.
para o caderno do arquitecto *bricoleur*: A ESTUFA

EPÍLOGO 8

BIBLIOGRAFIA

ÁBALOS, Iñaki, *Boa vida : visita guiada às Casas da Modernidade*, Gustavo Gili, Barcelona, 2003

ARAVENA, Alejandro, *Otherwise.ness,* Studio Harvard University

BACHELARD, Gaston, *A poética do Espaço*, 3ª ed., trad. António de Pádua Danesi, col. «Colecção Trópicos», Martins Fontes, São Paulo, 1998 (1ª ed. 1957)

BERGSON, Henri, *A Evolução Criador*, col. «Os Grandes Filósofos», Rés-Editora, 2008

BORGES, Jorge Luís, *O Aleph*, 2ª ed., Editorial Estampa, Lisboa, 1982 (1ª ed. 1957)

BRANDÃO, Ludmila de Lima, *A casa subjectiva : matérias, afectos e espaços domésticos*, col. «Estudos», Editora Perspectiva, São Paulo, 2002

CORBUSIER, Le, *Por uma arquitectura.* 6ª ed. Editora Prespectiva, São Paulo. (1ªed. 1921)

CARRILHO, Júlio; BRUSCHI, Sandro, MENEZES, Carlos, LAGE, Luis. *Um olhar para o habitat informal moçambicano: de Lichinga a Maputo.* Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico – UEM

CORREA, Charles, T*he New Landscape : Urbanization in the Third World*, Mimar Book, 1989

DARWIN, Charles, *The descent of man, and selection in relation to sex*, vol. I, John Murray, Londres, 1871

DELEUZE, Gilles, *Crítica e Clínica*, trad. Peter Pál Pelbart, Editora 34, 1997 (1ª ed. 1993)

DELEUZE, Gilles, O B*ergsonismo,* Trad. Luiz Orlandi, Editora 34, São Paulo, 1999

DELEUZE, Gilles e Félix Guattari, *Mil platôs, capitalismo e esquizofernia*, Vol. 1, trad. Ana Lúcia de Oliveira, Editora 34, 2004

DILLER, Elizabeth, *Flesh, Arquitectural Probes*, Princeton Architectural Press, Nova Iorque, 1994

EATON, Ruth, *Ideal cities : utopianism and the unbuilt enviroment*, Thames & Hudson, Londres, 2001

GUATTARI, Félix, *Caosmose. Um novo paradigma estético*, trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão, Editora 34, 1992

HATCH, C. Richard, *The Scope of Social Architecture*, Van Nostrand Reinhold, Nova Iorque, 1984

LACATON e VASSAL, Obra Reciente / Recent Work, nº 60, Gustavo Gili, Barcelona, 2012

LE CORBUSIER, *Por uma arquitectura*, 6ª ed., trad. Ubirajara Rebouças, Perspectiva, São Paulo, 2009 (1ªed. 1923)

LLEÓ, Blanca, *Sueño de Habitar*, Gustavo Gili, Barcelona, 2005

LOBELL, John, *Between silence and light : spirit in architecture of Louis I. Khan*, col. «Architecture», Shambhala, Boston, 1979

LOOS, Adolf, *Adolf Loos : Escritos*, Vol. 2, 2ª ed., trad. Alberto Estévez, Josep Quetglas e Miguel Vila, col. «Biblioteca de Arquitectura», El Croquis Editorial, Madrid, 2004

NAMORA, Fernando. *Marking.* 5ª ed. Livraria Bertrand, Amadora. 1982

RUDOFSKY, Bernard, *Architecture without architects : a short introduction to non-pedigreed architectur*e, University of New Mexico, Albuquerque, 1995

RYKWERT, Joseph, *La casa de Adán en el Paraíso*, col. «GG Reprints», GustavoGili, Barcelona, 1999

SANTA-MARÍA, Luis Martínez, *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*, col. «Arquithesis», Caja de Arquitectos, Barcelona, 2004

PORTAS, Nuno, *A Habitação Social: Proposta para a Metodologia da sua Arquitectura*, Vol. 1, col. «Série 3 : Manual. Escola. Divulgação», Faup Publicações, Porto, 2004

PROUST, Marcel, *Em busca do tempo perdido,* Vo. 1 *Do lado de Swann*, trad. Pedro Tamen, Relógio D'Água, 2003 (1ª ed. 1913)

KUNDERA, Milan, *A insustentável leveza do ser*, trad. Joana Varela, Editores Reunidos, Lisboa, 1994 (1ª ed.1983)

RUBY, Ika e Andreas, *Urban Transformation*, Ruby Press, 2008

FULLER, Buckminster, *Your Private Sky : R. Buckminster Fuller : The Art of Design Science*, ed. Joachim Krausse e Claude Lichtenstein, Lars Müller, Baden, 1999

HELDER, Heberto, *Os passos em volta*, 9ª ed., Assírio e ALvim, 2006 (1ª ed. 1963)

SANTA-MARÍA, Luis Martinez, *El libro de los cuatros*, col. «Escritos de Arquitectura», Lampreave, Madrid, 2011

SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 Textos*, Civilização Editora, Porto, 2009

SMITHSON, Alison, *Changing the art of inhabitation : Mies´ pieces : Eames dreams : The Smithsons*, Artemis, Londres, 1994

SMITHSON, Alison, *As in DS : an eye on the road*, Lars Müller, Baden, 2001

SMITHSON, ALison, *Alison y Peter Smithson : de la casa del futuro a la casa de hoy*, ed. Dirk Van Den Heuvel, Max Risselada, Polígrafa, Barcelona, 2007

SMITHSON, Alison, *The Charged void : architecture*, The Monacelli Press, Nova Iorque, 2001

SOLÁ-MORALES, Ignasi de e Xavier Costa, *Presente y Futuros : Arquitectura en las ciudades*, Actar, Barcelona, 1996

TURNER, John F. C., *Housing by people : Towards Autonomy in Building Environments*, Marion Boyars, Nova Iorque, 199

VASSAL, Jean-Phillipe, *Tabula non rasa*